



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social

Mirani Barros

**Um lugar para ser gorda: afetos e erotismo na sociabilidade entre  
gordinhas e seus admiradores**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Horacio Frederico Sívori

Rio de Janeiro

2017

Mirani Barros

**Um lugar para ser gorda: afetos e erotismo na sociabilidade entre gordinhas e seus admiradores**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Horacio Federico Sívori

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/ REDE SIRIUS/ CB/C

B277 Barros, Mirani.

Um lugar para ser gorda: afetos e erotismo na sociabilidade entre gordinhas e seus admiradores / Mirani Barros. – 2017.  
136 f.

Orientadora: Horacio Frederico Sívori

Dissertação (mestrado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
Instituto de Medicina Social.

1. Composição corporal – Teses. 2. Mulheres – Teses. 3. Redes sociais – Teses. 4. Comportamento social – Teses. 5. Controles informais da sociedade – Teses. 6. Sexualidade – Teses. I. Sívori, Horacio Frederico. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 392.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Mirani Barros

**Um lugar para ser gorda: afetos, erotismos na sociabilidade entre gordinhas e seus admiradores**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Aprovada em 27 de março de 2011.

Orientador: Prof. Dr. Horacio Frederico Sívori

Instituto de Medicina Social – UERJ

Banca Examinadora: \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Luiza Heilborn

Instituto de Medicina Social – UERJ

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Fernando Altair Pocahy

Programa de Pós-Graduação em Educação PROPEd – UERJ

\_\_\_\_\_  
Dra. Carolina Branco Ferreira

Núcleo de Estudos de Gênero - PAGU/Universidade Estadual de  
Campinas - UNICAMP

Rio de Janeiro

2017

## DEDICATÓRIA

À minha avó Maria Inês, que sempre soube o valor do conhecimento acadêmico,  
mesmo sem dele ter desfrutado.

## AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo auxílio financeiro concedido a essa pesquisa.

Ao CLAM, por proporcionar espaço, estrutura e incentivo para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao meu orientador Horácio Sívor, que me acolheu e ensinou-me outros olhares para a mesma coisa.

Aos Professores, Rafaela Zorzaneli, Martinho Silva, Claudia Mora, Sérgio Carrara, Malu Heilborn, Rogério Azize e Jane Russo pelo interesse e ensinamentos.

A Silvia, Simone e Eliete, as melhores secretárias que qualquer pós-graduando poderia ter.

As minhas colaboradoras anônimas, que deram carne, volume e substância para essa pesquisa.

Aos colegas Cristiana Serra, Geórgia Pereira, Ângela Figueiredo, Dayana Rosa, Cleber Macedo, Marcos Carvalho, Arbel Griner e Luciana Ponte, pelas mãos estendidas e os encontros de conforto nesses dois anos.

As amigas e colegas de profissão Elliz Celestrini, Priscila Castro, Júlia Ramalho, Maria Augusta Moulin, Lúcia Pereira Andrade e Isis Leite, não por esse momento e esse feito apenas, mas pelo que temos grifado em nossas histórias pessoais e profissionais.

A Natália Vargas porque generosamente oferece-me o riso frouxo, o fogo da criatividade e a força das madrugadas.

A Larissa Vitória Rios por me amar, cuidar e participar ativamente de todo esse processo.

A Gustavo Capanema porque me cedeu a chave para um mundo de conhecimento, incluindo este mestrado.

A Clemilson Berto Júnior e Sulamita Lage por serem inspiração no desafio e perseverança da carreira acadêmica.

A Lucas Tramontano porque está na minha vida compartilhando felicidades, tristezas e muitas lutas, mas especialmente porque constrói junto comigo minhas vitórias.

A Mario Carvalho porque nós sabemos e eles não. Você é o meu irmão. Obrigada por me amar, proteger, ensinar e dividir.

A Claudia Tramontano e Renato Videira, porque pelo brilho em seus olhos a cada etapa cumprida dessa caminhada.

A todos aqueles que depositaram confiança, me incentivaram, de longe ou de perto, com orações e vibrações. Aos que entoaram o mantra 'vai dar certo', que olharam para mim e esse projeto com simpatia e curiosidade. E especialmente a família, que entendendo pouco do que se trata, perdoou todas as ausências e manteve-se na torcida.

Ao meu filho Miguel, obrigada por ser esse céu de calma e doçura na minha vida, por dar sentido, sempre é por nós.

Ao meu irmão Gustavo por ser o tio indiscutivelmente necessário do meu filho. Sem você não seria possível.

Aos meus sogros porque posso chamá-los de pai e mãe.

A Julio meu amor verdadeiro, porque resiste e existe forte e bonito, acordado e companheiro, mesmo nos dias mais difíceis. Por tantas vezes me tirar de águas revoltas, e me dar um lago tranquilo onde a dor não tem razão.

Ao meu pai que sempre teve notável orgulho de tudo que eu fizesse, e porque me ensinou que a única coisa que nem o tempo, nem ladrão levam é o conhecimento.

De modo especial, lembro para agradecer o ponto onde esse caminho foi iniciado, do Sítio Boa Esperança em direção ao Parque Infantil de Recreação, minha primeira escola, fizesse chuva, sol, ou aquela serração que brincávamos de soprar. Ela guiando e eu na garupa da bicicleta azul. Obrigada Mamãe.

Aos meus deuses que se fortalecem ao me fortalecerem. Que me fizeram como haste fina que qualquer vento verga, mas nenhuma espada corta.

Uma tigresa de unhas negras e íris cor de mel  
Uma mulher, uma beleza que me aconteceu  
Esfregando a pele de ouro marrom do seu corpo contra o meu  
Me falou que o mal é bom e o bom cruel  
Enquanto os pelos dessa deusa tremem ao vento ateu  
Ela me conta, sem certeza, tudo o que viveu  
Que gostava de política em 1966  
E hoje dança no Frenetic Dancing Days  
Ela me conta que era atriz e trabalhou no Hair  
Com alguns homens foi feliz, com outros foi mulher  
Que tem muito ódio no coração, que tem dado muito amor  
E espalhado muito prazer e muita dor  
Mas ela ao mesmo tempo diz que tudo vai mudar  
Porque ela vai ser o que quis, inventando um lugar  
Onde a gente e a natureza feliz vivam sempre em comunhão  
E a tigresa possa mais do que o leão  
As garras da felina me marcaram o coração  
Mas as besteiras de menina que ela disse, não  
E eu corri para o violão num lamento, e a manhã nasceu azul  
Como é bom poder tocar um instrumento.

*Caetano Veloso*  
(Tigresa).

## RESUMO

Barros, Mirani. *Um lugar para ser gorda: afetos e erotismo na sociabilidade entre gordinhas e seus admiradores*. 2017. 136f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Esta dissertação aborda a sociabilidade entre ‘gordinhas e seus admiradores’. A etnografia de um desses grupos na rede social *online* Facebook, acompanhou as interações baseadas na circulação de imagens (principalmente os autorretratos digitalizados denominados *selfies*) e no estabelecimento de um sistema de elogios, além dos fluxos para outros âmbitos *on* e *off-line*, que delineiam um mercado afetivo-sexual, em que o corpo gordo feminino erotizado é objeto de desejo e de maior valor nas interações. Nesse contexto, o acionamento do dispositivo erótico tem possibilitado vivências individuais e coletivas, descobertas e aprendizados, que desdobram em diversos sentidos para a corporalidade gorda, assim como, para as performances do masculino e feminino neste âmbito relacional entre gêneros. Além, os marcadores classe, raça/cor são cruciais para a produção desses sentidos, e para o modo como essas experiências tem fundado uma gramática particular e contemporânea para se ler o corpo gordo feminino. Os produtos dessa sociabilidade apontam perspectivas críticas para as políticas do tamanho e peso corporal das mulheres, circunscritas às regulações e interpretações do campo biomédico, limitadas na dicotomia entre o que se espera por saúde e se o que se entende por doença. Por fim, coloca em tensão o padrão corporal feminino contemporâneo, e embora, que de modo ambíguo e ambivalente em alguns aspectos, abre caminhos para repensar a magreza como única opção para a saúde a beleza, além de fornecer elementos empíricos para a construção e um pensamento teórico acerca da diversidade corporal.

Palavras-chave: Corpo. Mulher. Sociabilidade. Facebook. Diversidade corporal.

## ABSTRACT

Barros, Mirani. *A place to be fat: affections and eroticism in the sociability between chubby women and their admirers*. 2017. 136f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

This dissertation approach the sociability between ‘chubby women and their admirers’. The ethnography of one of these groups in the online social network Facebook, followed the interactions based on the circulation of images (digital self-portraits digitalized) and in the establishment of a system of compliments, besides the flows to other scopes on and *off-line*, that outline an Affective-sexual market, in which the eroticized female fat body is the object of desire and of greater value in the interactions. In this context, the activation of the erotic device has enabled individual and collective experiences, discoveries and learning, which produces several senses for the fat corporality, as well as for the male and female performances in this relationship between genres. In addition, class, race / color markers are crucial to produce these senses, and for the way these experiences have founded a particular and contemporary grammar to read the female fat body. The products of this sociability point to critical perspectives for women's size and body weight policies, circumscribed in the regulations and interpretations of the biomedical field, limited in the dichotomy between what is expected for health and what is meant as disease. Finally, it puts tension to the contemporary female body pattern, although, ambiguous and ambivalent in some aspects, it opens ways to rethink thinness as the only option for health beauty, besides providing empirical elements for the construction and a thought about body diversity.

Keywords: Body. Women. Sociability. Facebook. Body diversity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Sobre moda e beleza de mulheres gorda.....	39
Figura 2 -	Exemplo de postagem sobre sensualidade da mulher gorda.....	40
Figura 3 -	Fotografia de uma das integrantes do grupo em seu quarto.....	44
Figura 4 -	Fotografia de integrantes do grupo em momento de lazer.....	45
Figura 5 -	Fotografia de integrantes do grupo em momento de lazer.....	45
Figura 6 -	Fotografia de admirador em sua residência.....	46
Figura 7 -	Fotografia de admirador em seu quarto.....	46
Figura 8 -	Exemplo de enquete.....	47
Figura 9 -	Exemplo de ‘meme’.....	48
Figura 10 -	Exemplo de mensagens positivas sobre o corpo gordo feminino.....	48
Figura 11 -	Exemplo de capas do grupo na plataforma Facebook.....	55
Figura 12 -	Imagem produzida por administradores para o desafio matinal do sutiã.....	61
Figura 13 -	Fotografia de integrante do grupo/aceitação do desafio do sutiã.....	61
Figura 14 -	Postagem no Facebook de convite para ingressar em grupos do WhatsApp.....	62
Figura 15 -	Exemplo de enquete sobre tamanho e preferência de pênis.....	76
Figura 16 -	Exemplo de enquete sobre tamanho e preferência de pênis.....	77
Figura 17 -	Exemplo de enquete sobre intenção de relacionamento.....	77
Figura 18 -	Exemplo de enquete sobre intenções de relacionamentos.....	78
Figura 19 -	Exemplo de enquete com solicitação de ‘respeito’.....	81
Figura 20 -	Enquete propondo ‘inversão’.....	110

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	14
1	<b>PERCURSO ATÉ O CAMPO.....</b>	28
1.1	<b>‘Manda uma foto que eu te add’.....</b>	31
1.2	<b>A entrada formal ao campo.....</b>	33
2	<b>O CAMPO.....</b>	38
2.1	<b>O grupo do Facebook.....</b>	38
2.1.1	<u>Os atores.....</u>	42
2.1.2	<u>O grupo: Administração e regras.....</u>	54
3	<b>MECANISMOS E ARTIFÍCIOS DA INTERAÇÃO.....</b>	63
3.1	<b>Fotos, selfies e o sistema de elogios.....</b>	63
3.1.2	<u>A reconexão do ‘eu’: O olhar que voltou para o meu rosto.....</u>	66
3.1.3	<u>A fotografia erótica – o ‘bom’ e o ‘mau’ corpo.....</u>	67
3.1.4	<u>O sistema de elogios e a visibilidade do invisível.....</u>	69
3.1.5	<u>Selfie. Iniciação e performance ritual.....</u>	73
3.2	<b>As enquetes e o esquentar.....</b>	75
4	<b>A SUTIL CONSTRUÇÃO DE UMA CORPORALIDADE GORDA.....</b>	82
4.1	<b>A intimidade no WhatsApp.....</b>	82
4.2	<b>A resenha.....</b>	90
4.2.1	<u>Saindo da tela e ocupando o parque.....</u>	91
5	<b>A CORPORALIDADE GORDA: ASPECTOS AMBIVALENTES E AMBÍGUOS.....</b>	103
5.1	<b>Dispositivo erótico: disputas entre ser ou não ser.....</b>	103
5.2	<b>Relações de poder: um olhar sobre as relações heterossexuais.....</b>	109
5.2.1	<u>‘Com respeito’: notas sobre fetiche e consentimento.....</u>	113
5.2.2	<u>Feminino e masculino: fronteiras em movimento em territórios ambíguos.....</u>	115
5.3	<b>Bom corpo, mau corpo: a corporalidade gorda.....</b>	117
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	122
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	127

<b>APÊNDICE.....</b>	<b>133</b>
<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA.....</b>	<b>135</b>
<b>ANEXO C – MODELO DE SOLICITAÇÃO DE CONTEÚDO...</b>	<b>136</b>

## INTRODUÇÃO

### *Gordura e sociedade*

A compreensão contemporânea dos corpos socialmente representados como gordos tem girado em torno da ideia da gordura corporal como sinal de doença em si (obesidade<sup>1</sup>) ou como fator de risco para diversos outros estados mórbidos. Tais representações povoam o imaginário coletivo e constituem fato quase incontestável, favorecendo a associação direta e naturalizada entre qualquer incompetência física ou orgânica do indivíduo e seu percentual de gordura corporal. É comum o suposto de que alguém que sofra um enfarto de miocárdio, um acidente vascular cerebral, ou tenha diabetes, por exemplo, seja um indivíduo gordo. Ao mesmo tempo a magreza é ratificada como condição menos susceptível a agravos de saúde. Todavia, e distante das compreensões atuais e totalizantes sobre ser gordo, esse não é o único enquadramento que a corpulência dispõe. Em momentos históricos pregressos e em algumas culturas específicas sua valoração positiva é sabida e notória. Muito representada na arte, pode-se destacar a *Vênus de Willendorf*, uma pequenina escultura feminina, de 22.000 a 24.000 A.C, na qual sobressaem grandes seios, estômago e glúteos, representando a mulher gorda como síntese de beleza. Mais recentemente no século XVII, a obra *The Three Graces*, de Peter Paul Rubens (1517 -1640), ilustra a beleza feminina por meio da nudez revelada de três mulheres dotadas de curvas, dobras e gorduras. Incluídas nesse rol as ‘grandes damas’ europeias dos séculos XVI ao XVIII<sup>2</sup>, como as retratadas por Rembrandt, além, do contemporâneo Fernando Botero, que privilegia o volume em suas obras, elegendo dentre outros objetos, o corpo<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Sobrepeso e obesidade são definidas como acumulação de gordura excessiva ou anormal que apresente risco para saúde. A medida bruta de obesidade na população é feita pelo índice de massa corporal (IMC), peso de uma pessoa em quilogramas dividido pelo quadrado de sua altura em metros. A pessoa com IMC de 30 ou mais é geralmente considerada obesa. A pessoa com um IMC igual ou maior que 25 é considerado com sobrepeso. Sobrepeso e obesidade são maiores fatores de risco para um número de doenças crônicas, incluindo diabetes, doenças cardiovasculares e câncer. Primeiramente considerado um problema somente em países ricos, sobrepeso e obesidade estão agora dramaticamente aumentando em países de pequenas e medias economias, particularmente em configurações urbanas.

Fonte: <http://www.who.int/topics/obesity/en/>

A definição da Organização Mundial de Saúde é a mesma adotada pelo ministério da Saúde no Brasil.

<sup>2</sup> A entrada do açúcar e da batata no cardápio europeu modificou os modelos de beleza feminina entre os séculos XVI e XVIII. A Europa abandonava os seios pequenos e quadris estreitos das mulheres retratadas por pintores como Dürer, para mergulhar nas dobras rosadas das ‘gordinhas’ de Rubens e Rembrandt. Gordura não era só sinônimo de beleza, mas, também, de distinção social, marcando que classe poderia escolher determinados alimentos e estilo de vida em detrimento de outros.

Além do que a arte retrata, no Brasil do século XVIII a gordura era predicado desejado nas mulheres, fossem escravas, negras livres ou brancas, significando força, saúde e beleza, como argumentam as historiadoras Del Priore e Bassanezi (1997, p. 245–260). Semelhante, em sociedades contemporâneas como Nigéria, Maurítânia, África do Sul, Tonga e Fiji, a corpulência assume alto valor, sendo compreendida como sinal de riqueza e, sobretudo, no corpo das mulheres como sinal de fertilidade, força, beleza e saúde (Saguy, 2012).

Esses exemplos nos trazem a priori, a sensação de experiências mais democráticas em relação aos tamanhos corporais nessas sociedades. Porém, evoco atenção para o modo como esses eventos em torno da gordura não se isolam de seu contexto sócio histórico, tratando-se menos de um gosto natural por esse tipo de corpo, do que da irrepreensível oposição entre as categorias *gordo* e *magro*. Nos provoca pensar, portanto, como a construção de um corpo gordo valorizado esteve historicamente vinculado à contextos de escassez, desigual distribuição das riquezas, ou de transição da escassez para a fartura. A exemplo, as guerras na Europa Ocidental ou no continente africano, ou mesmo as avassaladoras epidemias, como a Aids nos países em desenvolvimento Saguy, (2012, p. 54–60), de modo, que tais percepções da gordura dialeticamente implicam a magreza como símbolo de pobreza, fraqueza e doença, reforçando a oposição *gordo/magro*, mais que abrindo território para experimentar e empreender a diversidade corporal.

O gosto pelo *enbompoint* (a gordura incorporada no peso) reforça, nesses contextos, a pertença de classe e o poder econômico, constituindo ao corpo a noção própria de marcador social de diferença (Santolin e Rigo, 2015). Embora, esses cenários mostrem-se favoráveis à gordura corporal, especialmente a partir da Europa, onde a existência de um tecido adiposo esteve distante de ser capitada pela *intelligentsia* europeia, até a renascença, não é verdade que toda gordura fosse aceita. Em muitos desses casos, não se abriu mão, da manutenção das proporções corporais, como no corpo de ampulheta da mulher europeia dos

---

<sup>3</sup> Fernando Brotero recusa o título de pintor das gordas ou da gordura, mas também reconhece este componente nos corpos que retrata como interpretação irremediável. Para ele a 'gordura' encontrada pelo público em sua obra é feliz, remete à saúde e à alegria de viver, com festa e cor, da *siesta* e da boa comida. Mas também existe uma correspondência mais profunda, associada ao espírito de um povo alimentado por mitos e lendas, que adora símbolos e alegorias e que possui qualidades criativas do exagero e do excesso. O artista de 85 anos, colombiano de Medellín, afirma que os discursos em torno do belo precisam ser desafiados pelo que se observa na vida cotidiana e diz: '*Eu não poderia ter uma modelo viva nas proporções de meus quadros, mas também nunca encontrei nos lugares por onde ando aquilo que chamam de belo. A arte é política e nas minhas telas faço um pouco disso também.*'

Entrevista cedida à Folha de São Paulo em abril de 2002.

Títulos: 'Botero diz que não é pintor das gordas' e 'A lente distorcida de Botero'.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1804200207.htm>

séculos XVI a XVIII, ou em outros tempos e sociedades pela preeminência de partes específicas como seios, coxas, tornozelos e quadris, como no caso das togolesas, tornando aceitável um tipo de corpo gordo, mas não diversas formas de expressão da gordura e de coexistência de múltiplas corporalidades.

Nestes percursos de variações entre a escassez e a fartura alteraram-se as noções de são e doente, da gordura e da magreza aceitável, assim como, as matrizes que organizam essas compreensões. Mas, foi na Europa do século XIX, que ocorreram mudanças significativas para a compreensão do corpo. A partir da centralidade científica que a medicina tomara e ainda conserva, as investigações anatômicas e fisiológicas desse período serviram às interpretações dos fenômenos corporais, tornando-se mecanismos produtores de verdades, através dos quais passou-se a explicar a vida e justificar os usos do corpo. A absorção dos substratos morais por essas interpretações, inegáveis nesta época e em tantas outras, implicou em diversas formas de ser e estar, correspondendo o que Foucault, em amplo espectro, denominou medicalização do discurso (Foucault, 2010).

Santolin e Rigo (2015) discutem como a novidade de um tecido adiposo como elemento constitutivo da corporalidade física promoveu uma compreensão funcional completamente nova e passível de ser regulada. Desvelou-se uma nova matriz para as velhas condenações outrora evocadas pela religião como glotonaria (um estilo de vida que envolveria os pecados capitais da gula, preguiça e avareza). Os autores localizam, portanto, na passagem do século XVIII para o XIX, o momento do nascimento do discurso patologizante da gordura.

Nesse período rompia-se o paradigma da *belle graisse* na Europa, emergindo uma comoção negativa que passou descrever o corpo gordo como negligenciado e pesado, atribuindo-lhes uma série de más sortes, como o envelhecimento, a doença e a morte precoce. E a ciência médica que o Brasil produzia ou reproduzia seguia fundada nos marcos europeus, perpassadas por ideias higienistas, de constituição da sanidade e evitamento das degenerescências às quais a gordura passara associar. Especialmente para as mulheres, como apresenta (Andrade, 2007), as recomendações médicas prescreviam um corpo que deveria ser forte, saudável e útil à sociedade, cercado das privações, incluindo alimentares e do peso que objetivavam proteger as características da feminilidade e preservar a fertilidade da mulher.

Inseridos numa episteme médica e implicados nesse modo sofisticado de construção de um saber/poder sobre a corporalidade, como ressalta Soares (1998, p. 66), pode-se dizer que se assentaram as noções sobre a corpulência, e que essas não cessam em atualizar-se. As

ideias de potência e os prazeres foram sequestradas do corpo gordo, passando a ser acusado de pouca utilidade e baixo rendimento individual, numa gramática organizada pelo ideal de corpo são.

A gordura, portanto, não se acomoda no curso dessas transformações históricas e culturais. Ao contrário, as sociedades ocidentais tornaram-se cada vez mais lipofóbicas, marcando a invisibilização dos sujeitos gordos ou a sua visibilidade negativa (Lupton, 2012). Empreende-se nesse percurso a gordura corporal como doença e mal contemporâneo inequívoco, delatando o binômio saúde-doença como dispositivo de regulação e valoração da plástica corporal, cujo substrato moral opõe o magro como controlado, ágil e belo, ao gordo como descontrolado, preguiçoso e feio.

Jutel (2005; 2006) problematiza a medicalização contemporânea da gordura corporal, que desloca em definitivo algo categorizável como condição dos sujeitos, para uma patologia, e afirma que esse movimento tem capturado o corpo gordo para uma série de ‘cuidados’, ‘tratamentos’, ‘cura’, ou correção do ‘desvio’. Nesse cenário as formas magras, mais que desejadas, passam a ser buscadas e acessadas; seja por vias cosméticas, farmacêuticas, ginásticas, dietéticas ou cirúrgicas, tornando o manejo da gordura corporal, algo relativamente fácil e corriqueiro, mas que estreitam as possibilidades de vivência e percepção do corpo gordo ou não magro, assim como o próprio espectro onde a diversidade corporal possa ser expressa.

Como no caso das deficiências físicas, a gordura como condição aparente da constituição humana, reconhecível e observável, tem determinado para o sujeito gordo todo um aprendizado sobre sua condição como patologia, ao modo de uma teoria e prática de ser gordo (Jutel, 2005; 2010). Esses modos envolvem cuidado especial para os que ‘precisam’ emagrecer e os que ‘não podem’ engordar, e tal cerceamento da gordura em sentido amplo confunde as sensações de bem ou mal-estar, na medida em que saúde será revelada na aparência corporal, onde as noções do saudável e belo tornam-se indissociáveis para o que se elege como socialmente aceitável ou ‘normal’.

Esse regime de constituição de aparência normativa sob justificativas de boa saúde, tem apresentando-se como ponto crítico no curso da estigmatização da gordura no senso comum. Articula o diagnóstico de doença a uma condição de falência moral (Sudo e Luz, 2011; Vasconcelos, Sudo e Sudo, 2004), onde não apenas os corpos gordos são segregados, como reforça-se o desejo dos indivíduos de afastar a gordura do próprio corpo. Decorre daí, principalmente a invisibilidade dos corpos gordos, seja por estarem fora dos regimes de circulação publicitária, seja por serem constrangidos nos espaços públicos (1998a, p. 17–

35)<sup>4</sup>. Ser gordo, portanto, têm efeitos de dimensões públicas e privadas, sempre confluindo com as ideias de doença, risco e mais drasticamente epidemia<sup>5</sup>.

Sobre o que se entende por epidemia, originalmente usado em referência às doenças infecto-transmissíveis, foi naturalmente incorporado para tratar do aumento de peso populacional, ao passo que esta assumia o status de doença nos anos de 1990, nos Estados Unidos da América. Mobilizou forte investimento em pesquisas científicas sobre o tema que, constituíram o fenômeno como uma crise para a saúde daquele país, competente nas relações estabelecidas no âmbito dos hábitos alimentares e estilo de vida da população. Contudo, forneceu uma leitura estrita que tem reforçado a ideia de desvio, desdobrando em pânico social acerca da corporalidade gorda, além de institucionalizar uma série de estratégias de combate à obesidade (Saguy, 2012, p. 45–53). Esse modelo parece influenciar economias emergentes que passam a lidar com o fenômeno do ‘engordamento’ populacional, como é caso no Brasil, onde a valorização dos aspectos clínicos e epidemiológicos, encobrem outras dimensões do fenômeno, corroborando com as compreensões totalizantes sobre ser gordo, como discute Saguy (2012) e Cooper (1998).

Não se trata, entretanto, da deslegitimação ou invalidação dessas leituras, mas torna-se urgente alternativas e abordagens complementares que se apresentem criticamente aos modos pelos qual esse aparato técnico-médico opera a corporalidade dita normal, amparando o processo que constitui a gordura como mal inequívoco, reforçando e cristalizando a associação direta e naturalizada entre qualquer incompetência física ou orgânica do indivíduo e seu percentual de gordura corporal.

### *A Transição Nutricional*

Os investimentos sobre a regulação da plástica corporal no Brasil são justificados atualmente pelo fenômeno que a Epidemiologia tem chamado de Transição Nutricional. Entendido nos termos dos estudos populacionais como a passagem de um estado de

---

<sup>4</sup> Charlotte Cooper (1998) ressalta os constrangimentos a que as pessoas gordas estão submetidas em transportes públicos, salas de espera, bistrôs, bares, dentre outros, pela não adequação do espaço, configura obstáculos ao acesso e desencoraja as pessoas gordas do convívio social no espaço público.

<sup>5</sup> Segundo Rouquayrol e Silva, (2013) Epidemia significa em termos médicos à doença infecto-transmissível de caráter transitório, que ataca simultaneamente um número de indivíduos acima do esperado, em determinada localidade.

desnutrição para um estado nutricional de obesidade. A Transição Nutricional configura um fenômeno principalmente urbano, atribuído à experiência de expansão da classe média, associado a mudanças de hábitos como redução da atividade física e a industrialização da sociedade. O processo tem seu início na década de 1970<sup>6</sup>, mas consolida-se na primeira década dos anos 2000, quando muda radicalmente o perfil nutricional da população (Brasil, 2006). O fenômeno tem mobilizado todo o complexo que envolve pesquisa e política pública, ratificando o discurso biomédico e justificando a instituição de uma política do peso para a população.

Os esforços para regular o peso e a forma corporal, nesse cenário, têm sido grandes. O Brasil, por exemplo, assumiu as recomendações da Organização Mundial de Saúde para o (OMS), de chegar em 2025 com metade da taxa de obesidade registrada no ano de 2010, para cumprimento de meta estabelecida no *'Global Action Plan for the prevention and control of noncommunicable diseases 2013-2020'*, bem como, reduzir a idade mínima para cirurgia bariátrica<sup>7</sup>, de 18 para 16 anos. Entretanto, apesar deste ser um fenômeno em curso desde a década de 70, estudos brasileiros dos últimos 20 anos (Castro, 2011; Ferreira e Magalhães, 2013), que associaram aumento da renda familiar e ganho de peso corporal, principalmente entre as mulheres de camadas populares apontam que o ganho de peso por si não mobilizou uma política institucional de prevenção à gordura e resguardo da saúde destes indivíduos na monta que vemos atualmente. A meu ver, a pujante resposta política que acompanhamos no momento, hipoteticamente, se vincular a dois fatores. O primeiro seria uma resposta à demanda epidemiológica construída em torno do risco da obesidade para

---

<sup>6</sup> Nos anos de 1970 houve uma mudança no perfil de populações muito desnutridas em muitas regiões do Brasil. Essa mudança é marcada pelo ganho de peso expressivo, e compreendida como resultado de cerca de 30 anos de políticas de seguridade social. As políticas que ativam esse processo foram originárias na era Vargas e mantidas por seus sucessores, vinculadas aos ministérios do Trabalho e Educação, por exemplo: a instituição do salário mínimo, o 13º salário anual, férias remuneradas e alimentação escolar. Especificamente na década de 70, a incorporação do setor de alimentação e nutrição no Ministério da Saúde integrou esse processo com outras políticas como a cesta básica, e a vigilância nutricional. Ver mais em: [http://www.iapar.br/arquivos/File/zip\\_pdf/revistasan\\_baixa.pdf](http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/revistasan_baixa.pdf) Disponível em 20/02/2017.

Com a importante mobilidade social que o país experimenta nas duas últimas décadas, somado a intensa industrialização da sociedade e mudanças no estilo de vida (entendido como mais sedentário), o perfil nutricional ultrapassou as marcas da eutrofia ('normalidade'), enquadrando 51% da população como obesa. <http://www.brasil.gov.br/saude/2013/08/obesidade-atinge-mais-da-metade-da-populacao-brasileira-aponta-estudo>.

<sup>7</sup>A Cirurgia Bariátrica é conhecida popularmente como cirurgia de redução do estômago. Trata-se de uma intervenção plástica no estômago, podendo ser executada por diversas técnicas cirúrgicas. Tem como objetivo reduzir o peso de pessoas com o Índice de Massa Corporal (IMC) muito elevado. É recomendada para pessoas com perturbações metabólicas inatas que levem à obesidade e mais comumente para as pessoas marcadamente acima do peso considerado ideal para sua estatura, os ditos obesos mórbidos.

doenças crônicas, como diabetes e hipertensão arterial. Este tem governado notadamente o controle sobre a corporalidade gorda (Greene, 2007, p. 21–50; Lupton, 2012, p. 32–48). O segundo seria o reforço do estatuto da magreza trazido pela mobilidade social ascendente do contingente populacional que passaria a integrar as camadas médias. A passagem modificaria o patamar do embaraço (Elias, 1994) com relação à gordura corporal dos indivíduos e coletivos envolvidos nessa transição. A difusão dos hábitos e corpo hegemônico das classes mais altas faria com que estes passem a ser desejados e aprendidos por camadas emergentes, cujos costumes exigem um novo modo de ser, estar e comportar-se. Esse contexto configuraria a busca e o aprofundamento dos investimentos na regulação do peso e da forma corporal, reforçando a noção do marcador social da diferença.

#### *Generificação da regulação do peso e da forma corporal*

O amplo esquema de regulação da forma e tamanho corporal exposto acima atinge os indivíduos de diversos modos, desde a infância. Podemos elencar o clássico *bullying* contra meninas e meninos ‘gordos’; as preocupações médicas em torno da obesidade infantil; a ampliação das políticas de saúde; o mercado de estética corporal e controle do peso para os homens; e os cuidados com a alimentação e forma física de pessoas mais velhas. Mas é ainda sobre as mulheres, de modo geral, que incidem os maiores investimentos para a regulação do peso, tamanho e forma corporal.

Através de distintas abordagens e recortes, autoras como Bordo e Heywood (2004), Cooper (1998) Dressler *et al.* (2008) e Saguy (2012), têm afirmado o gênero como um marcador fundamental em seus trabalhos, indicando que sobre as mulheres pesa maior pressão social e suscetibilidade a intervenções reguladoras. Essa assimetria de gênero na apropriação médica dos corpos, segundo Rohden (2008), pode ser compreendida na fundação do ‘sexo’ feminino pela ciência médica, concomitante com a transformação histórica do modelo de sexo único para o de dois sexos, como formula Laqueur (1992), que tornou a mulher o objeto médico por excelência. Nessa dinâmica, o determinismo biológico reafirma para o corpo feminino, dentre outras coisas, a magreza, constituindo, senão, um signo de feminilidade hegemônica.

As pedagogias médicas para a construção do corpo magro têm colocado as mulheres jovens em foco, exigindo delas um maior rigor no exercício de uma plástica corporal que corresponda ao ideário estético-saudável. As recomendações médicas para controle do peso destacam a fase reprodutiva e situações específicas da saúde das mulheres. Por exemplo, de

acordo com o Protocolo da Atenção Básica para Saúde das Mulheres<sup>8</sup>, são importantes a menarca, o período da gestação e a amamentação, bem como aqueles casos que relacionam o peso a problemas hormonais e ginecológicos, como a síndrome de ovários policísticos, a endometriose e o câncer de mama. Tais recomendações, ordinárias na estratégia de saúde, são também objeto frequente de divulgação médica, ratificando a construção do senso comum de que as mulheres jovens precisam estar ‘em dia’ com seu peso e forma corporal.

Para além do ambiente médico, a imagem jovem e magra repete-se permanentemente, reforçando esse padrão para as mulheres, nos meios audiovisuais e impressos, no mercado da moda e da beleza e na produção publicitária. Nesse âmbito, o discurso de saúde encontra-se densamente implicado em valorações estéticas firmadas no gênero.

#### *Limitações das interpretações médicas*

A intensa medicalização da gordura tem provocado, sobretudo nas mulheres, um sentimento de falta constante e uma busca permanente por adequação (Bordo e Heywood, 2004). Entretanto, a própria literatura médica tem questionado – embora sem muito sucesso – a imprecisão do diagnóstico e a indefinição de uma etiologia ou causa para a obesidade. Os métodos clássicos para definir um indivíduo como gordo têm recebido diversas críticas. Padrões métricos de diagnóstico como o Índice de Massa Corporal (IMC), que definem como gordos aqueles que atingem certo peso em relação à altura, podem ser esticados para incluir tipos mais musculosos, como um fisiculturista, por exemplo. Como argumentam Cooper (1998) e Flegal Km *et al.* (Flegal KM *et al.*, 2012, 2013). Essa imprecisão é análoga à que atinge a numeração do vestuário, e exclui, por exemplo, os tipos de pessoa de baixa estatura, que caberiam em tamanhos menores. Ou o caso da circunferência da cintura, que pode dizer mais sobre a gordura localizada, do que se a pessoa deveria ser considerada, de fato, gorda. De acordo com essas abordagens, se o IMC de 30 kg/m<sup>2</sup> é considerado o indicador universal de obesidade, o que significaria ter um IMC de 29kg/m<sup>2</sup>? E o que dizer daquelas pessoas consideradas acima do peso que seguem suas vidas e vivem as mais diversas experiências sem nenhuma limitação física?

Além das imprecisões do diagnóstico, pouco se sabe sobre a etiologia do excesso de gordura ou obesidade. E o consenso que prevê a definição do excesso da gordura corporal

---

<sup>8</sup> [http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/protocolo\\_saude\\_mulher.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/protocolo_saude_mulher.pdf). Disponível em 28/05/2016.

como doença é de tempos em tempos alterado (Cooper, 1998). Por exemplo, o consenso recente de que a obesidade é causada quando a pessoa come muito ou se exercita pouco está sendo desacreditado e substituído por novas teorias. Nessa nova roupagem que as interpretações médicas dão à gordura, verifica-se a passagem de uma relação direta com a comida, o meio ambiente e estilo de vida, para análises da gordura como resultado de desequilíbrios hormonais, doenças prévias e hereditariedade. Para Cooper (1998), todas essas limitações chamam a atenção para a necessidade de um olhar mais abrangente sobre a questão, que aposte na reflexão sobre a diversidade como elemento crucial para uma política do tamanho corporal.

### *Um lugar para ser gorda*

Em âmbitos específicos do cenário aqui evocado emergem algumas experiências e narrativas de valorização da corporalidade gorda. A internet abre-se como um campo potente para a reconfiguração do corpo gordo a partir da interação de pessoas que vivenciam essa condição. Por exemplo, a pornografia com mulheres gordas ocupa uma parte considerável do ciberespaço; além de outras iniciativas e movimentos artísticos organizados em canais montados em torno da valorização da plástica corporal gorda, de comunidades para troca de experiências sobre ser gordo e ainda de um ativismo gordo e coletivos antigordofobia<sup>9</sup>.

Entretanto, nenhuma dessas modalidades de apresentação ou representação do corpo gordo na internet configuram o grau de interação atingido por alguns grupos formados nas redes sociais, que congregam especialmente mulheres gordas e admiradores desse tipo de corpo na rede social Facebook<sup>10</sup>. Nesses grupos chama atenção um tipo de interação que, tendo como foco a gordura corporal, engaja questões da sexualidade e explora o erotismo. Constitui-se nesse âmbito uma sensibilidade particular que modula a percepção e vivência do corpo gordo.

---

<sup>9</sup> Os coletivos antigordofobia, embora não sejam institucionalizados no Brasil, vêm crescendo, principalmente através da internet, e difundindo um debate em torno da aceitação da gordura e das pessoas gordas, além de investir numa pedagogia sobre o que seria ou não gordofobia.

<sup>10</sup> O Facebook é um site de relacionamento gratuito e oferece a seus usuários a possibilidade de se conectarem uns com outros a partir da solicitação de amizade, inserção em grupos ou 'seguindo' páginas pessoais, de grupos, organizações ou corporativas. Os usuários integram uma rotina de compartilhar, 'curtir', comentar e fazer postagens. Organizam-se também eventos, tanto on-line quanto off-line, configurando desse modo uma constante ida e volta entre ambos âmbitos.

Esses grupos têm escapado dos lugares comuns montados em torno da pornografia, onde quase sempre a figura gorda habita o sexo bizarro. Embora, este, se afirme como símbolo de contracultura, parece configurar um cativado para essas formas corporais na indústria pornô contemporânea, dificultando outras performances e, por conseguinte outras representações e subjetividades a partir desse âmbito. A conclusão de Leite Jr. (2009, p. 509–536) é que o sexo bizarro tem cumprido um papel importante na desnaturalização dos gostos modernos, em termos estéticos, éticos e políticos. Entretanto, particularmente em relação ao sexo com mulheres gordas, esse ramo da pornografia, sem desprezar suas potencialidades, tem muitas vezes aprisionado e banalizado o corpo gordo nos rituais da espetacularização privilegiado pela indústria pornô. Se de algum modo, como aponta Kulic (2012), essa produção tem servido à crítica ao erótico e sexual *mainstream*, alcançando aquilo que somente os tornos magros e esbeltos podem habitar. Por outro lado, soa como carecer de uma ampliação representativa, visto que no senso comum esses corpos muitas vezes são tolhidos de sua sexualidade, e nesta indústria parecem gozar apenas de uma forma de exercitá-la.

Considero que os grupos de gordinhas e admiradores também se esquivam do reforço negativo que a abordagem de enfrentamento à gordofobia habitualmente produz. Não se organizam objetivamente a partir do mote da opressão sofrida pelas pessoas gordas. Portanto, neles não toma centralidade um debate em torno das limitações proclamadas para o reconhecimento, escapando, portanto, das ‘identidades negativadas’, como referem Cooper (1998) e Baker (2015).

Esses grupos ampliam as possibilidades de transformação e de compreensão do corpo gordo a partir da produção de discursos e usos particulares localizados nas interações de um cotidiano relacional. Revelam o corpo das mulheres gordas sem constituir uma temática militante ou engajada num debate em termos de representação pública. Em vez disso, eles o tornam necessário e desejado; mobilizando afetos, saberes e poder. Desse modo produzem um corpo não menos político, que subverte a lógica do corpo débil e abjeto.

É comum esses espaços se apresentarem como um lugar para amizade, flerte, namoro e encontros sexuais (a chamada ‘pegação’). Tal modalidade tem crescido nos Estados Unidos e alguns países do Reino Unido, desde o final dos anos 90 (Cooper, 1998) em ciberespaços como ‘*Feabie.com*’ e *Big Beautiful Woman/ Big Handsome Man*. Recentemente o Brasil inclui-se nessa tendência. No país, os grupos de ‘gordinhas e admiradores’ são uma ideia e prática que tem proliferado bastante, principalmente na e a

partir da internet, agregando maior número de páginas e pessoas que aqueles que se organizam em torno da militância antigordofobia, por exemplo.

A rede social *online* Facebook situa-se de maneira central na articulação entre mulheres gordas e seus admiradores, congregando cerca de uma centena de grupos desse tipo. Através desses grupos tem sido possível um trânsito para a ocupação de outros espaços *online* e também *off-line*, como é o caso da frequente migração para outra rede social, o WhatsApp (especialmente desenhado para uso em *smartphones*), que tem servido como um espaço de vivências mais íntimas pelos recursos que disponibiliza, incluindo uma tecnologia de segurança dos dados, que garante maior privacidade. Além, os encontros e festas presenciais que ocorrem em locais públicos e privados.

Tais grupos são em regra ‘fechados’ e ‘moderados’, conforme explorarei ao longo desta dissertação, contendo regras particulares e consensuadas entre seus membros, que de modo geral vedam o escárnio sobre a figura gorda. Os diversos grupos guardam mais semelhanças que distinções entre si, em diversos aspectos sociais e interacionais, além de compartilharem membros (que costumam participar de vários grupos ao mesmo tempo, com diversos graus de frequência). Eles assemelham-se, sobretudo, na forma como, em seus enunciados e capas de apresentação<sup>11</sup>, performam a erotização do corpo gordo feminino, através de imagens fotográficas, *gifs*<sup>12</sup>, além do que anuncia os próprios nomes dos grupos, como por exemplo ‘Gordinha gostosa’, ‘Gordinha, mulher bonita’, ‘Gordinhas sensuais’, ‘Gordas, gordinhas, simplesmente gostosas’, ‘Gordinhas safadas’, ‘Gordinhas quentes do Brasil’, ‘Boutique das gordinhas e admiradores’, ‘gordinhas sexys do Brasil’, ‘Gordinhas abusadas no poder’, ‘gordinhas show’, entre outros. Tais enunciados, da mão da plêiade de recursos de mídia atualmente disponíveis para uso tanto em computadores como em dispositivos móveis, como o *smartphone* e ‘*tablets*’, têm provocado mulheres gordas a um tipo de experiência voluntária em um âmbito onde seu corpo passa a ser admirado e desejado, bem como aqueles que admiram, são atraídos e desejam esse tipo de corpo, constituindo a base primordial da existência desses espaços.

Não é uma completa novidade que o ambiente da internet, percebido como mais seguro que a interação face a face, facilite o encontro entre pessoas estigmatizadas e o exercício da sexualidade, como apontam Parreiras (2009) e Sívori e Zilli (Sivori, 2013). Isto

---

<sup>11</sup> Capa – Trata-se do espaço reservado para colocação de uma imagem, localizada no topo do seu perfil do grupo, acima da imagem que identifica o grupo, propriamente dita. Assim, como a imagem de identificação, as capas são públicas, o que significa que qualquer pessoa que acesse o grupo poderá visualizá-la.

<sup>12</sup> *Gif* é um tipo de extensão para salvar imagens, podendo fazê-las estáticas ou atribuir-lhes movimento – como é mais comum

se deve à possibilidade de (relativo) anonimato e de controle individual sobre o grau de privacidade ou publicidade das interações – ainda que tecnicamente essa percepção seja facilmente desconstruída, como discutiremos a seguir, a propósito da pornografia de humilhação (Petrosillo, 2016). Contudo, o universo das gordinhas e seus admiradores, e a maneira como ele expande apresentam certo ineditismo e são particularmente relevantes para refletir sobre a corporalidade gorda feminina; as masculinidades e feminilidades ali produzidas; bem como as ambiguidades e tensões que a afirmação dessa corporalidade traz com relação ao padrão corporal e aos usos para ele prescritos pelos saberes biomédicos.

São essas as questões que pretendo explorar nessa dissertação a partir da etnografia realizada num grupo de ‘gordinhas e admiradores’ no Facebook, em grupos do WhatsApp criados por membros do primeiro e em um encontro presencial organizado a partir destas plataformas digitais, ocorrido na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. A descrição, mais que esmiuçar a intimidade dos flertes e dos encontros sexuais, concentrará aspectos da sociabilidade que se desenvolvem no âmbito mais público, embora socialmente, restrito do grupo. Nesse âmbito fronteiro que, além de ser montado o dispositivo erótico, toma vulto uma sorte de pedagogia da afirmação da corporalidade gorda feminina.

### *Questões metodológicas*

Iniciei este trabalho com um levantamento bibliográfico acerca de formas de sociabilidade no âmbito virtual, o que terminou por colocar-me em contato com uma diversidade de estudos sobre pesquisa na internet, netnografia ou etnografia virtual. A partir dessas leituras desenvolvi uma longa análise da internet e das redes sociais como um lugar para a investigação social<sup>13</sup>. O intuito desse investimento, não obstante, era afirmar que pesquisa na internet não constitui hoje um gênero menor da pesquisa social, nem é uma versão degradada do ‘campo’ tradicional da antropologia, representado pela etnografia de ‘povos’ distantes, junto aos quais o pesquisador (um homem, nesse imaginário) desloca-se para conviver ‘fisicamente’ durante um período prolongado.

Para tanto, a consideração mais importante foi assumir a internet como ‘meio’, tanto no sentido tecnologia de comunicação, como também âmbito de interação, lugar de

---

<sup>13</sup> Por ocasião da qualificação do projeto desta pesquisa recebi a crítica de que, além da abordagem metodológica para pesquisas virtuais ser um tópico bastante visitado atualmente, uma digressão extensa por esse assunto poderia ofuscar o que constitui propriamente o objeto de estudo desta dissertação. Acatando tal aconselhamento tomei aqueles estudos iniciais para definição deste lugar que passei a observar como âmbito e não objeto desta pesquisa.

encontros sociais e universo de relações. Como tal, ela é cercada de particularidades que lhe são características, configurando um *ethos*, com distinções como que poderiam ser observadas entre o clube e a rua do célebre caso da ‘sociedade’, bem distante da criação da rede mundial de computadores, retratada por William Foote White (2005).

Das particularidades do universo estudado ressalto a relevância da chamada ‘convergência midiática’<sup>14</sup>, por sua capacidade de produzir conteúdo e disseminar novas ideias acerca do corpo de mulheres gordas. Além disso, haveria entre os atores da interação *online* ou ‘midiusuários’ contemporâneos, uma inversão da tradicional posição de passividade frente aos meios de comunicação de massa, para uma de ‘interatividade’, que permite ao usuário ocupar variadas posições e, tornar-se produtor de conteúdos, que passam a alimentar um fluxo organizado em forma de rede. Por último, cabe mencionar a sorte da vaso-comunicação ou porosidade produzida entre os âmbitos *on- e off-line*, que coloca foco no modo como experiências *online* podem constituir circuitos e novas experiências no mundo físico além da internet e dos dispositivos eletrônicos.

Sobre as limitações do alcance desta pesquisa, é importante considerar que as redes sociais são uma pequena parte da Web, e a web uma pequena parte da internet. Desse modo, é preciso sempre modular o alcance de qualquer generalização e especificar sempre o lugar de que se fala. Com um cuidado especial ao relativizar afirmações contundentes acerca do suposto ‘avanço’ que as novas tecnologias de informação e comunicação representam em termos de democracia. A internet não é um mundo à parte, mas ela compõe a sociedade, e nela se gestam também as moralidades hegemônicas. Quaisquer interpretações que sugiram transgressão e ‘resistência’ exige a mesma cautela que se aplicaria para outras situações cotidianas e processo político ‘tradicionais’.

Apoiada metodologicamente em estudos similares, complementar a etapa exploratória e para definição do campo, foi sistematizada a observação participante por um período de 60 dias ininterruptas, divididas em turnos matutinos, vespertinos, noturnos e dilúculos alternadamente, buscando compreender como este se organiza, ter a experiência do cotidiano e criar laços, imprescindíveis ao uso eficaz da abordagem etnográfica. Tal

---

<sup>14</sup> (Fragoso, 2005).

Convergência midiática’ é uma estratégia singular de ‘remediação’ da televisão, do cinema, da fotografia, da pintura, da literatura e da produção acadêmica, por exemplo, usando de releituras, referências, adaptação dos conteúdos, formatos e linguagens. E midiusuário é o indivíduo que opera a remediação.

sistematização deu-se mediante a necessidade de acompanhar fluxos específicos dos participantes e variações no tipo de interação. As observações foram registradas em diário de campo, complementando-se com toda a comunicação autorizada da pesquisa, salva no formato Jpg., após print de imagem. O retorno ao contato deu-se conforme necessidade de aprofundamento de algumas questões. Foram realizadas entrevistas em profundidade com interlocutores-chave, como as e os ‘administradores’ (termo nativo que se refere ao criador do grupo, e uma equipe designada para alimentar e controlar os conteúdos, admitir e excluir membros, postagens e comentários), membros antigos, ou aqueles que no período, por ventura, tenham envolvido-se em alguma polêmica ou situação interessante para essa pesquisa. Essas entrevistas, realizadas através do Messenger das plataformas acessadas, foram salvas no formato Mp3, além de algumas constarem impressas e encadernadas, viabilizando consulta posterior.

Na fase de análise dos dados, orientada pelas categorias de análise sugeridas por Aguiar (2007) foram utilizados os ‘dados relacionais’, que dizem respeito aos tipos de contatos, vínculos, conexões, ligações de sujeitos, agentes e grupos. E os ‘dados de atributos’, referentes a propriedades, qualidades ou características de indivíduos ou grupos (gênero, renda, ocupação, instrução etc.), bem como a suas atitudes, opiniões e observações.

## 1 PERCURSO ATÉ O CAMPO

Apoiada pelas formulações teóricas de Parreiras (2009) e de Sívori e Zilli (2013) sobre política da sexualidade e novas tecnologias de comunicação, defini a internet como um meio e um âmbito, onde mulheres gordas adultas fizessem usos variados de seus corpos, através de e uma gramática particular, e pudesse inscrever outras noções para si, além de perigoso e desviante, como é hegemonicamente representado no engenho dos saberes biomédicos.

Esse âmbito de expressão e sociabilidade reiterava a intuição que me orientara inicialmente, incluindo a possibilidade de compreender o valor da gordura corporal, em situações em que esta, fosse foco da interação, perpassada por marcadores sociais como: classe, raça/cor e feminilidade. A tarefa, a partir daí, foi encontrar em um dos tantos espaços de sociabilidade existentes na internet para o corpo gordo, algum que sugerisse um deslocamento das noções de risco em saúde, doente, feio, indesejado, assexuado, entre outras pechas que têm moralmente condenado essa forma e tamanho corporal.

Uma primeira busca, em junho do ano de 2015, utilizando o descritor ‘gordas’ no motor de busca Google, gerou 38.300.000 resultados, onde as primeiras 10 páginas relacionadas pelo algoritmo do buscador tratavam de conteúdos pornográficos. Descartei esses resultados, para explorar outros âmbitos, onde hipoteticamente operariam deslocamentos dos sentidos hegemonicamente atribuídos ao corpo gordo. Na sequência, os descritores ‘mulheres’ e ‘gordas’ gerou 605.000 resultados, onde a maior parte das páginas elencadas tratavam da opressão gorda; por exemplo, tendências da moda que excluem essas mulheres, artigos sobre empoderamento da mulher gorda, e matérias avulsas do tipo ‘sou gorda sim e transo com desconhecidos’. Esse material, apesar de interessante, não trazia à tona usos do corpo a partir de interações, nem sugeria a produção de sentidos alternativos acerca da junção dessas duas categorias. Tentei o descritor ‘gordinhas’, que gerou cerca de 6.480.000 resultados. As primeiras 10 páginas tratavam de conteúdos que de algum modo valorizavam a plástica gorda, embebidos de um senso bastante erotizado desses corpos, assim como nas anteriores. O resultado dessa busca me direcionou para sites como ‘gordas lindas’, ‘o delicioso sexo *plus size*’, ‘Por que alguns homens preferem gordinhas’, ‘10 gordinhas para ninguém botar defeito’, ‘Sou gordinha -- Um site para toda gordinha que se ama’, dentre outros. Um destes, chamado ‘Prefiro as gordinhas|Facebook’, conduziu-me à

esta ‘rede social’ bastante popular atualmente no Brasil<sup>15</sup>. Esta página do Facebook<sup>16</sup>, que também trata da opressão gorda e de moda *plus size*, apresentava, como ‘assuntos relacionados’, uma série de grupos<sup>17</sup> de ‘gordinhas’. Estes grupos chamam a atenção pela forma como se organizam em torno de, e promovem, a interação entre ‘gordinhas e seus admiradores’, o que me pareceu profícua para esta pesquisa. Tal dinâmica também me lembrou o ambiente e os informantes de uma pesquisa que muito inspira este trabalho. Publicada em 2012, a etnografia de Isadora Lins França sobre o ambiente ‘urso’ na cidade de São Paulo, que discute como a partir do estabelecimento de um mercado sexual, homens gordos homossexuais passavam acessar outros sentidos para seus corpos, dispensando de modificações corporais (França, 2012). De forma análoga, eu levanto a hipótese de que o estabelecimento de um mercado erótico – através do desenvolvimento de uma sensibilidade específica no âmbito das interações entre gordinhas e admiradores – pode produzir outros sentidos para o corpo de mulheres gordas.

No primeiro momento, foram acessadas as publicações fixas desses vários grupos (normalmente contendo regras de convivência e boas vindas), bem como suas capas, que em regra apresentam imagens de mulheres convencionalmente classificadas como bastante gordas (com 100 kg ou mais, estimadamente), vestidas com peças íntimas, em forma de

---

<sup>15</sup> Estima-se que cerca de 3,2 bilhões de pessoas estejam conectadas à internet (‘UIT’, 2014), sendo o Brasil o 4º país no ranking com o maior número de acessos à rede, contabilizando 107,7 milhões de usuários. Dentre estes, aproximadamente 90% estão conectados a algum tipo de rede social, onde o Facebook se destaca pelos recursos que ela oferece, a facilidade de manuseio e a alta penetração em várias camadas sociais. Em pouco mais de uma década de existência ele congrega 1,4 bilhões de usuários ativos em todo o mundo, com uma média individual de alimentação do site de 70 unidades de conteúdo por dia (fotos, textos, vídeos, comentários, atualizações de status e, etc. Nessa escala, o Brasil é o terceiro país com cerca de 44,6 milhões de membros, e com crescimento anual de 86,73% registrado no primeiro semestre de 2015, de acordo com métricas do grupo de análise Social Bakers (2015). (Fonte: [www.socialbakers.com](http://www.socialbakers.com)).

<sup>16</sup> Página no Facebook trata-se de um recurso exibição de conteúdo, que oferece informações básicas sobre um tema variado, produto ou organização. Pode representar indivíduos, grupos ou empresas. A página pode ser patrocinada, o que implica em alguma despesa e maior visibilidade. Ou ser independente. Ambos modos trazem assuntos e outras páginas relacionadas, selecionadas voluntariamente ou pelo próprio Facebook. É um recurso sob o domínio de um único moderador, vinculado pelo e-mail, e um ambiente menos interativo, que outros dessa rede social, funcionando muitas vezes como um banco para consultas dos respectivos temas que aborda. (Fonte: [www.Facebook.com/business/learn/Facebook-page-basics](http://www.Facebook.com/business/learn/Facebook-page-basics)).

<sup>17</sup> Grupos do Facebook são espaços para encontrar com os seus amigos, conversar, partilhar informações com maior privacidade e direcionamento da temática de interesse e ideias. Os grupos podem ser: grupo aberto – está acessível a todos os usuários desta rede sócia, podendo serem visualizados, os seus membros e o que foi publicado por eles; grupo fechado – está acessível a todos, mas as publicações só podem ser visualizadas pelas pessoas do grupo; grupo secreto – tal como o próprio nome indica, é secreto e ninguém, exceto os membros, pode vê-lo. Somente, também, estes é que podem publicar e ver as publicações. (Fonte: [www.Facebook.com/redes/grupos](http://www.Facebook.com/redes/grupos)).

animação, gif<sup>18</sup> ou fotografia; além das descrições do grupo. Estas últimas incluem os objetivos do grupo e quase sempre delimitam com certa especificidade o tipo de interação que é esperada encontrar nesse espaço virtual; como, ‘um lugar para fazer amizade, pegação/sexo, flertar e namorar’. Contudo, considerando que a maioria desses grupos é ‘fechado’, mesmo visualizando sua ‘capa’ de apresentação, era impossível interagir com seus membros. Tal acesso dependia da autorização do/a moderador/a ou administrador/a<sup>19</sup> para acessar todo o conteúdo produzido e circulante do respectivo grupo.

O passo seguinte foi solicitar o ingresso para os moderadores/administradores. Alguns critérios foram considerados, como ser um grupo que fizesse um investimento mais eminente no erotismo dos corpos gordos, bem como trouxesse que uma indicação de sua localização/região, que geralmente está expressa por uma sigla de Estados da Federação ou cidade associada ao nome do grupo. Essa segunda condição respondia à aspiração de – ao longo da pesquisa – participar de encontros presenciais e realizar entrevistas face a face com seus membros.

A solicitação foi enviada para o grupo ‘Gordinhas, mulher bonita-RJ’ – nome posteriormente reduzido a ‘Gordinhas, mulher bonita’. Isso foi possível através de um click simples no ícone ‘participar’, disponível na ‘capa’ do grupo. Finalmente eu me achei próxima de um evento importante relativo à corporalidade gorda feminina. A internet, o Facebook e o grupo de ‘gordinhas e admiradores’ configuravam um fluxo de relações e interações cotidianas que poderiam dizer acerca de conhecimentos e sentidos atualmente produzidos por e para esses corpos.

---

<sup>18</sup> Gif significa *Graphics Interchange Format* (em português, ‘Formato de intercâmbio de imagens’). É uma extensão de um arquivo de imagem, como também são jpg, png, bmp e outros. É muito usada para produzir imagens estáticas ou em movimento, com destaque para as gifs animadas. Estas, na verdade, são um conjunto de várias molduras que se sucedem rapidamente gerando um ‘pequeno filme’ que faz com que se tenha a impressão que a imagem se move. Geralmente elas são utilizadas para animar o site.

<sup>19</sup> Administradores e moderadores de grupos no Facebook, são gerenciadores de conteúdos e membros, mas que tem seus papéis e poderes definidos pelo próprio Facebook. O administrador tem plenos poderes na gerencia do grupo, podendo: converter outro administrador membro ou moderador, excluir um administrador ou moderador, gerenciar configurações de grupo (por exemplo, alterar o nome, a foto da capa ou grupo de configurações de privacidade), aprovar ou rejeitar candidaturas de pessoas para tornarem-se membros, aprovar ou rejeitar as publicações do grupo, excluir publicações e comentários sobre as publicações, remover e excluir os indivíduos do grupo e consultar a assistência caixa de entrada. Ao moderador, compete aprovar ou rejeitar candidatura, publicações, comentários sobre as publicações e excluir membros, desde que não sejam moderadores ou administradores (Fonte: <https://www.facebook.com/help/901690736606156>).

### 1.1 ‘Manda uma foto que eu te add’<sup>20</sup>

Certa noite, enquanto trabalhava no computador, recebi uma notificação sonora na minha conta do Facebook. Era uma mensagem no meu *in box* (ferramenta de mensagens instantâneas do Facebook) de uma das administradoras do grupo para o qual havia enviado a solicitação de ingresso. Numa mensagem curta, ela dizia:

*Oi  
Sou do grupo gordinhas  
Lá só é permitido mulher gorda então manda uma foto que eu te add.  
(Diário de Campo, 2015).*

A mensagem indicava que estava sendo aceita como membra e não como pesquisadora. Imediatamente respondi esclarecendo que tinha interesse em fazer uma pesquisa sobre ‘mulheres gordinhas e como viam seus corpos a partir da vivência no grupo’; e que o grupo ‘Gordinhas, mulher bonita’ tinha as qualidades que eu buscava para realizar tal pesquisa. Naquela hora, argumentei que seria importante fazer um reconhecimento do espaço, ‘conhecer melhor como o grupo funcionava’, e perguntei se nessa situação tal foto poderia ser dispensada. A administradora respondeu:

*Mas esse reconhecimento é como? Ñ sei se entendi. Como vc vai fazer sem estar no grupo e como vai falar com o pessoal? Se vc precisa estar la tem que ser gorda pq não pode mulher magra e tá na regra fixada. <sup>21</sup>  
(Diário de Campo, 2015).*

Não haveria uma negociação; ao tentar ser dispensada de mostrar minha foto, eu estava tentando burlar uma regra do grupo. Não hesitei mais, e naquela noite me preparei para a tal foto, me troquei, me penteei, passei batom, tirei a foto de corpo inteiro. Senti esse campo se afastar de mim. Tive dúvidas sobre ser gorda o suficiente, ser sexy o suficiente, ser bonita o suficiente – enfim, questões se acercaram de mim naquele momento. Afinal, era um universo que eu desconhecia, tomado por um erotismo que eu também não sabia bem o que era naquele contexto, e que me gerava a ansiedade que envolvia ser eventualmente desejada. Era o meu corpo, a minha foto, e eu tive escolha. Enviei a foto de corpo inteiro.

---

<sup>20</sup> ‘Add’ é a forma abreviada do verbo adicionar e suas variações, comumente utilizada nas comunicações *on-line*, sobretudo, nas redes sociais.

<sup>21</sup>Por fidelidade ao estilo das trocas verbais espontâneas no FB, será mantida a gramática, ortografia e pontuação original

Nenhuma mensagem nova foi remetida a mim, mas alguns minutos depois recebi a notificação de aceite no grupo. Descobri-me, então, junto com o campo ou através dele, gorda o suficiente, sexy suficiente e bonita o suficiente.

Como ritual de passagem<sup>22</sup>, essa entrada me localizou no campo. E se nele, me estabeleci como pesquisadora, não é menos verdade que também seja parte e compartilhe de vários sentimentos; não é menos verdade que também seja cúmplice em alguns momentos e tampouco, que esse processo não signifique também um aprendizado sobre o meu próprio corpo. Se antes, de certo modo, me colocava em um lugar de alteridade sustentada por um conhecimento do corpo advindo da minha formação como nutricionista, e acreditava em um distanciamento fácil e confortável para a realização deste trabalho, a tarefa agora foi reelaborar meu olhar e meu lugar no campo.

Apropriei-me da abordagem dialógica de Geertz (2008), e questioneei a autoridade monofônica do etnógrafo à qual eu aspirava: a ciência que pretende apenas representar culturas. Ao contrário, a realidade do campo e o princípio da produção textual etnográfica, segundo este autor, situa as interpretações culturais em diferentes contextos intercambiáveis e obriga os escritores a encontrar diversas maneiras de apresentar realidades, que são de fato negociadas, como intersubjetivas, imersas em relações de poder e incongruentes. Desse modo, o etnógrafo não é mais um sujeito conhecedor privilegiado, mas igualado ao ‘nativo’ e tem que falar sobre o que os iguala: suas experiências cotidianas.

Assumo no processo desse trabalho de campo, portanto, que minha voz é apenas uma das muitas vozes que podem ser evocadas, minimizando os riscos da produção textual de um diário, assim como os vícios do engajamento pessoal. Não me escondo para afirmar autoridade científica, mas me mostro para dispersá-la, reconhecendo que ‘somos todos nativos’ (Geertz, 2008, p. 3–25). Eu não estudo uma comunidade além-mar, mas exatamente aquilo a que pertencço e onde também me reconheço.

---

<sup>22</sup>Arnold Van Gennep menciona que todo indivíduo ou grupo é selecionado por determinados aspectos estabelecidos socialmente que o enquadram em um mundo sagrado ou profano. Nesse contexto, pode haver diferentes formas de lidar com o outro, com o diferente (estrangeiro) do mundo do sujeito. Uma fase preliminar, um período de margem e, finalizando, um rito de agregação sempre ocorrem, na medida em que, conforme o autor, ‘[...] o mecanismo é sempre o mesmo, a saber: parada, espera, passagem, entrada, agregação.’ (Van Gennep (p. 43). As considerações de Van Gennep vestem bem os acontecimentos que narro na passagem de ‘cientista apenas’ para uma mulher igualda as que eu observo nessa pesquisa, comportando os medos e as inseguranças particulares desse ritual.

## 1.2 A entrada formal ao campo

Durante nove meses realizei incursões não sistemáticas, porém exploratórias no grupo ‘Gordinhas, mulher bonita’ e – a partir de observações preliminares – defini que aquele seria um âmbito adequado para a realização da pesquisa. Finalmente, em agosto de 2016, com a metodologia de pesquisa já estabelecida, era preciso oficializar minha entrada no campo. Isto era necessário para cumprir requisitos exigidos pelo Comitê de Ética ao qual a mesma está submetida<sup>23</sup>.

Fiz contato com uma das administradoras do grupo através do *Messenger* do Facebook (*In box*), para explicar que a etapa de reconhecimento do espaço havia se encerrado e que, para dar sequência à pesquisa, dependia de que me conferissem sua anuência, através de um documento assinado. Para poder continuar participando, observando e eventualmente realizar entrevistas em profundidade, eu precisava de uma Carta de Anuência assinada pelos responsáveis pelo grupo.

Esse momento foi inicialmente desconfortável. Fui questionada sobre minhas intenções e havia um descompasso no entendimento de tais solicitações e formalidades, na medida em que muitos dos participantes e também as administradoras já me viam como membro do grupo. A solicitação de um documento formal trouxe junto consigo um ar de desconfiança; questionavam-me por que somente agora precisava de tal documento, o que ia ser feito com aquela assinatura. Dispu-me a todos os esclarecimentos e essa negociação estendeu-se por 4 semanas.

Senti a confiança adquirida até então, a partir da interação, e através das relações já estabelecidas ameaçada pela força simbólica de um documento escrito e assinado, incomum e ilógico diante das regras e acordos normalmente firmados em espaços do gênero através de modalidades mais informais de comunicação oral e escritos. Em um determinado momento dessa negociação, outras administradoras foram adicionadas à conversa e houve várias reuniões *online* através do *in box* do Facebook. Foram situações bastante confusas, onde a

---

<sup>23</sup> Esta pesquisa é realizada pelo Instituto de Medicina Social – UERJ. Comumente trabalhos nessa área do conhecimento intercambiam abordagens sociológicas, antropológicas e biomédicas, sendo por suas características médicas submetidas à Plataforma Brasil - um sistema eletrônico criado pelo Governo Federal para sistematizar o recebimento dos projetos de pesquisa que envolvam seres humanos nos Comitês de Ética em todo o país. Aplica-se o mesmo rigor para pesquisas em saúde e humanas e àquelas experimentais e clínicas. Recentemente, as resoluções que definem parâmetros e exigências para pesquisas em saúde do CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) estão sendo muito debatidas no meio acadêmico, por suas incongruências, e embora, alguns avanços como a criação da resolução nº30/2015 que prevê parâmetros para pesquisas na internet, há muito ainda por fazer, no sentido de problematizar a complexidade do envolvimento do participante, os riscos e os benefícios de cada pesquisa, por área de concentração.

incerteza e a desconfiança pareciam ganhar a cena. Por isso, me dispus a um encontro presencial, acreditando que através do contato face a face eu poderia recuperar a confiança ameaçada.

Assim, às 18:47h de uma quinta-feira de agosto de 2016, eu chegava ao local marcado. Um bar e Karaokê, que funciona numa espécie de galpão próximo à estação de trem do bairro popular de Madureira, na cidade do Rio de Janeiro. No momento em que eu cheguei o local estava vazio e alguns fregueses chegavam aos poucos. Havia muitas mesas e cadeiras de madeira, dispostas como em um restaurante comum, com um peso sobre estas indicando a ordenação, que alcançava o número 98. Na lateral direita do bar, situava-se um longo balcão, onde funcionava em uma parte uma espécie de drinqueria, e na outra os caixas. Aproximei-me do balcão e pedi um drink, enquanto esperava por minhas interlocutoras. O atendente mostrou-me um mezanino, com uma grande janela voltada para os fundos do local, onde eu poderia fumar. Lá estavam dispostos um sofá, já bastante usado e um pouco sujo, algumas cadeiras e uma mesa. Também havia um banheiro e um parapeito de concreto voltado para o salão anteriormente descrito, do qual se tinha uma visão panorâmica do alto, incluindo a mesa e caixa de som e pedestais para os microfones.

Circulei mais uma vez pelo lugar. Os banheiros do térreo não apresentavam muita diferença do banheiro do mezanino; divididos em masculino e feminino. O local, apesar de amplo, guardava algo de improvisado; os acabamentos eram irregulares – com partes das paredes revestidas e outras não, diferentes revestimentos de piso cobrindo o mesmo chão, e extensões elétricas, além de algumas extensões com lâmpadas incandescentes improvisando a iluminação de alguns setores.

O silêncio dentro do salão vazio contrastava com o barulho da rua vertiginosamente movimentada pelo horário e a proximidade com a estação de trem, com muitos ônibus, carros, passantes, e dentre esses últimos, alguns que paravam na porta do estabelecimento, sem entrar, mas de olhos atentos, talvez esperando por algo que pudesse encorajá-los a um *happy hour*.

Depois de alguns minutos, às 19:10h, chegaram minhas interlocutoras, as quais chamarei de Cíntia e Carla, em companhia de um homem que chamarei de Marcos, por convenção de anonimato e preservação da identidade. Apesar de nunca antes termos nos encontrado pessoalmente, o reconhecimento visual foi rápido e logo na entrada nos cumprimentamos. Ambas com mais de 100kg estimadamente, vestiam as roupas combinadas por mensagem. Cíntia trajava um vestido na altura do joelho, justo, estampado de azul e preto e sapatilhas. Os cabelos alourados estavam presos e trazia consigo várias

sacolas. Carla estava de calças *legging* preta, blusa rosa choque, sapatilhas e os cabelos crespos soltos. Estavam voltando do trabalho e ainda seguiriam para estações mais distantes após aquele encontro. Todos eles conheciam bem o lugar, cumprimentaram garçons e balconistas e seguiram para o mezanino. Elas pediram uma cerveja e uma batata da casa (batata frita com queijo e bacon). Apresentaram-me Marcos e informaram que em outra época ele já tinha sido administrador do grupo, que naquele momento passava por uma reformulação e Marcos voltaria ao posto de administrador, portanto, poderia falar com ele também.

A conversa sobre a necessidade de assinatura da carta de anuência foi iniciada por mim. Reiterei tudo que já havia explicado antes, com a diferença de que dessa vez o estava fazendo pessoalmente, face a face. Sem muitas delongas, os três disseram já ter entendido e achavam que não haveria problema em dar essa assinatura. Fui sacando as cópias da pasta e uma caneta, no mesmo tempo que a batata da casa chegou para ser servida. Tentei continuar falando desse assunto e Carla interrompeu-me sugerindo que eu relaxasse que já estava tudo resolvido. Comi e bebi com eles, que se animavam pelo movimento que aumentava no lugar e a música que ia começar.

Os três resolveram ficar mais um tempo, após calcularem o horário do trem e convidaram-me para passar esse tempo com eles. Guardei a pasta e os papéis na bolsa e do mezanino observava o bar encher de pessoas. Eles dançavam em cima enquanto um cantor de karaokê contratado da casa iniciava o show. Cíntia e Carla resolveram descer, Marcos as acompanhou e eu permaneci no mezanino. Algumas pessoas dançavam num espaço reservado para isso, próximo ao cantor. O som era ensurdecidamente alto e todos cantavam. Dei um aceno para minhas interlocutoras. Marcos as cortejava como um mestre sala e o samba seguiu convidando cada vez mais pessoas para dentro daquele galpão, que congregava uma confusão entre os funcionários da festa, os que festejavam e uma mistura de universitários, prostitutas, boêmios e trabalhadores que faziam do lugar mais uma parada entre a estação de onde desembarcavam e suas casas.

Desci e dancei com os três. Também tive a honra de dançar para um ‘mestre sala’ e festejar aquela alegria de braços erguidos por uma sequência de duas ou três músicas. Quando o cantor fez a sua pausa já prevista e abriu o microfone para os frequentadores do lugar, voltamos ao mezanino. Esperamos um breve momento e na sequência iniciaram-se as despedidas – o trem já ia chegar na estação de Madureira. Saquei novamente a pasta com os documentos e perguntei quem deles ou se todos eles poderiam assinar a anuência. Para minha surpresa nenhum deles poderia naquele momento, pois primeiro era preciso

restabelecer o novo time de administradores do grupo; mas que eu ficasse tranquila, pois eles tinham ‘sentido firmeza’ e entendido o que significava aquela formalidade. Em breve iam fazer contato e marcar um lugar para eu levar os papéis.

A tentativa frustrada de obter as assinaturas – apenas nesse sentido um ‘desencontro’ no campo – chama a reflexão sobre a difícil administração dessa formalidade alheia ao contexto dessas relações. É esperável que o apreço pelo resguardo das atividades do grupo, bem como o receio criado pela trajetória e vivência de seus estigmas configurem entraves na realização desse tipo de exigência. Contudo, qualquer apreensão não minimizou a possibilidade de um encontro presencial que despreziosamente (pelo menos para mim) se transformasse numa celebração, cuja riqueza analítica discutirei nos capítulos a seguir, ao tratar das festas, dos lugares e da identificação dos atores que compõem essas interações. Por ora, é importante reconhecer que para diversas pesquisas que abordam o cotidiano de âmbitos regidos por formas comunitárias de organização, em particular na internet, valham mais do ponto de vista ético a transparência, a negociação do acesso e o uso de informações consensuado entre pesquisador e pesquisados – na própria interação. Pois o que adquire valor de documento sob a perspectiva etnográfica é o registro das próprias interações e comunicações ocorridas nesse âmbito e nas formas usuais do espaço; e não o que venha a ser ‘coletado’ em um âmbito especialmente criado para esse fim após a assinatura de um termo.

Neste caso, a anuência dependia da confiança estabelecida entre pessoas – cujo valor é singular, determinado pelas regras formais e informais que regem as interações do grupo – e da identificação – mais uma vez – da pesquisadora com o universo pesquisado e seus integrantes, além de qualquer regra burocrática acerca da produção de documentos arquiváveis. A noção de proteção dos participantes expressa no documento, até aquela noite no Karaokê de Madureira, estava esvaziada de sentido. E mais que por uma breve conversa apenas repetida, foi pelos olhares, pelos apertos de mão, pelas danças, abraços e por uma batata da casa compartilhada que a confiança foi reestabelecida. Esses códigos são sutis e precisos na definição de quem pode ou não, do que se pode ou não. Compreende-se também que não se autoriza por uma dança apenas, e a sedução envolvida na dança pode também dissimular uma potencial violação da integridade pessoal dos interlocutores. Contudo, um termo assinado tampouco a garante.

Finalmente a assinatura na carta de anuência foi recolhida, num encontro marcado entre mim e Marcos no embarque da estação de Madureira, no intervalo de uma baldeação que ele fazia a caminho do trabalho. Vale ressaltar que somente ele teria essa

disponibilidade, uma vez, que o prazo para cumprimento da exigência se extinguiu e as mulheres não dispunham de tempo ou alguém para cuidar de seus filhos para que pudessem vir ao meu encontro. O esperei na plataforma sentido Central do Brasil. Quando o trem parou ele desceu em meio àquela multidão, gentil e rapidamente, assinou o documento. O tempo de guardar os papeis na pasta e dar um adeus, e meu informante seguiu para seu destino em um outro trem, indicando que eu poderia seguir também com minha pesquisa.

## 2 O CAMPO

Os dados dessa pesquisa foram coletados e sistematizados no período de junho de 2015 a dezembro de 2016. Observei três âmbitos de interação entre gordinhas e seus admiradores: o grupo Gordinha Mulher Bonita! da rede social *online* Facebook, em grupos ocasionalmente criados na rede social WhatsApp<sup>24</sup> pelos membros do grupo de Facebook, e em um encontro presencial de membros do mesmo grupo realizado no Parque de Madureira, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. A observação nesses três âmbitos não foi resultado de uma escolha programática definida de antemão, mas do reconhecimento de uma dinâmica complementar entre eles, notada a partir das incursões no grupo do Facebook.

Cada um desses três meios possibilita diversos níveis e formas de interação e experiência, tendo o corpo gordo como seu objeto privilegiado. Nas suas peculiaridades, eles assumem variações e flexibilizam suas regras de funcionamento, o grau de intimidade compartilhada, vínculo afetivo e, por fim o tipo de interação de espaço para espaço, marcando ainda, certo nível de interdependência entre si. O campo de pesquisa constituiu-se exatamente nesses fluxos das experiências com relação ao corpo gordo, ao reconhecer a relevâncias desses espaços e circuitos integrados no percurso da interação entre gordinhas e admiradores.

### 2.1 O grupo do Facebook

*“Era para ser um grupo de autoestima, mas ficou assim... Um grupo de sedução, que tem muita sacanagem, saiu um pouco do controle”.*<sup>25</sup>

A autora da frase da epígrafe é ‘dona’<sup>26</sup> do grupo Gordinha, mulher bonita! no Facebook, que chamarei de Marta. Marta é solteira, de 47 anos, de camadas populares urbanas da região metropolitana do Rio de Janeiro, e identifica-se como negra e ‘gordinha’. Ela já participava esporadicamente de outros grupos e decidiu criar um grupo próprio, no

---

<sup>24</sup> Devido ao controle de conteúdo operado pela política de privacidade do Facebook, em certas ocasiões formam-se grupos que desejam interações mais íntimas e migram para a rede social WhatsApp, que ao contrário do Facebook, não restringe o uso de vídeos e imagens explícitas, muito comumente utilizadas por esse grupo.

<sup>25</sup> Diário de Campo - conversa com Marta (como chamarei a dona do grupo), em 30/11/2016, 22:15h.

<sup>26</sup> O termo ‘dona’ do grupo se apoia, nas atribuições do administrador, (*ver nota 3*), mas assume outros significados no curso das interações. Trata-se de uma autoridade máxima, que é ao mesmo tempo mandante e zeladora do grupo, assim reconhecida pelos demais membros.

ano de 2011, num período em que se encontrava em repouso médico e procurava por distração, de acordo com suas palavras. No início ela alega que a intenção foi criar um espaço para autoestima de mulheres gordas, um espaço para explorar as qualidades e beleza dessas mulheres. O assunto do vestuário, que é muito importante para essas pessoas, visto que o mercado da moda não inclui essas formas e tamanhos corporais, e que o mercado especializado é dispendioso, também era uma preocupação de Marta. Seria um lugar para troca de dicas, experiências e mensagens positivas entre mulheres gordas. Assim ela imaginou e foi construindo o grupo e seus conteúdos.

Mas, de acordo com Marta, isso não deu certo, poucas pessoas acessavam a página do grupo ou solicitavam ingresso, principalmente mulheres. Ele não chegou a atingir 500 membros em um período de 3 meses. Ela então buscou ajuda de um amigo que frequentava outro grupo ‘de gordinha’, também no Facebook. Ele sugeriu uma enquete, que perguntava ‘que tamanho de mulher você é?’ ‘E que tamanho de mulher você gosta?’, escrito sobre uma figura com várias silhuetas femininas e gordas, e números para cada tamanho. A enquete movimentou o grupo pela primeira vez; os membros participaram respondendo e gerando comentários acerca de suas preferências, atraindo cada vez mais pessoas, de ambos os sexos, promovendo um grau de interação até então não alcançado. Aquilo, segundo ela, fugiu um pouco do controle (ou das suas intenções iniciais), mas agradou finalmente os membros.

Para Marta, esse episódio marcou uma virada temática, onde postagens que tratavam mais diretamente da beleza, vestuário e aceitação do corpo gordo (como as que vemos na figura 1), foram gradativamente cedendo espaço a postagens e enquetes mais sensuais (como as que vemos na figura 2).



Figura 1. Postagem sobre moda e beleza de mulheres gorda.

Fonte: < <https://www.Facebook.com/groups/1594749940771823/>>. Acesso em: 04 de dez de 2016.



Figura 2. Exemplo de postagem sobre sensualidade da mulher gorda.

Fonte: <<https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=143500342796026&set=gm.1895489450697869&type=3&theater>>. Acesso em: 04 de dez de 2016.

A estranheza inicial da criadora do grupo, seguida de sua rápida aceitação desse novo *modus operandi* que por fim o movimentou, acompanhou sua imersão em um universo, especialmente nas redes sociais *online*, em que prevalece a ideia das formas gordas como algo erótico ou erotizável, em que são cada vez mais comuns as interações entre mulheres gordas e seus admiradores, bem como a ideia de que estas seriam sexys, como muitos membros do grupo relataram, tanto em conversas informais quanto em entrevistas, realizadas no *in box* do Facebook ou na própria *Time line* (um espaço público onde são visualizadas as postagens e os membros podem interagir, como aprofundarei mais adiante):

*Eu entendi que o grupo só funcionaria assim, afinal em três meses eu não consegui uma atividade como depois dessa postagem, e o pessoal quer falar sobre isso, já é assim na maioria dos grupos que existem, querem falar sobre gostar de gordinhas, eles nos acham sensuais e sexys, elas também querem ser admiradas, e quem sabe até se relacionar com alguém. Não há mal nisso, né?*  
(Entrevista com Marta, 47 anos, nov. 2016).

*Não tem nada mais sensual do que uma gordinha na foto de biquini.*  
(Conversa informal com Bruno, 24 anos, out. 2016).

*São muito sensuais, pernas grossas, bunda grande e peito. Amo!! Uma gordinha (Conversa informal com Luiz, 37 anos, nov. 2016).*

*A minha sensualidade vem de mim e o grupo é o lugar onde a tribo se encontra e podemos mostrar que somos interessantes e bonitas. Eu concordo que mulheres gordas são sensuais, não apenas nós, mas aqui o que conta é isso. Os homens aqui querem uma dobrinha em cima da calcinha e um jeito de andar que balance, todos aqui gostam de formas fartas. (Conversa informal com Nanci, 44 anos. out. 2016).*

*Claro que sou sensual e também me acho sexy. Toda mulher independente de ser gorda ou não tem sua sensualidade própria, uma mais, outras menos. Isso faz parte da vida e o importante é ter como exercitar essa sensualidade para não ficar recalçada. (Entrevista com Osmara, 26 anos, nov. 2016).*

Com o passar do tempo, o grupo Gordinha, mulher bonita! tornou-se um grupo de ‘gordinhas e admiradores’, como tantos do Facebook no Brasil, a exemplo de outros domínios na internet desde os anos de 1990, como discute Cooper (1998). No modo de interação aí gerado, homens em geral magros e mulheres gordas se expõem visualmente através de fotos e *selfies* e realizam trocas afetivas em vários níveis. Onde ‘*a tribo se encontra*’, nas palavras de Nanci (interlocutora), configura-se um espaço para exercício da sensualidade desses corpos, onde uma sensibilidade própria permite conceber e perceber o corpo gordo de mulheres adultas a partir de experiências nas quais ele é desejado e apreciado.

O grupo Gordinha, mulher bonita! é um lugar de muitas trocas, onde o erotismo habita e o corpo gordo é exibido e experimentado – em que ‘sedução e sacanagem ganharam a cena’, nas palavras de Marta. E mesmo que ela considere o jogo em curso ‘fora de controle’ – expressão tão conhecida por mulheres e pessoas gordas – essa interação tem produzido, ao seu modo, além da ideia de resistência ao padrão de beleza (amalgamado ao discurso da gordura como doença), certa agência dos seus atores, admitindo outras ideias e percursos, para além do ‘emagrecer’ ou ‘padecer’.

Assim, ao longo das seções deste capítulo busco descrever os atores envolvidos, o formato das interações, seus fluxos e percursos, e como se configuram os lugares para o corpo gordo de mulheres adultas nesse universo. Examinarei também as dinâmicas e narrativas de valorização do corpo gordo construídas nesse âmbito.

### 2.1.1 Os atores

A falta do contato face a face; a facilidade de escape de conversas importunas; a não necessidade de resposta ou reação imediata; e o diálogo muitas vezes codificado produzem uma sensação de segurança nos participantes destas interações *online*, adquirindo significado particular com relação a vivências minoritárias, incluindo as de mulheres estigmatizadas pela gordura, como observado nesta pesquisa. E ao mesmo tempo exige aprendizado do pesquisador para ver e descrever o que guardam esses silêncios e hiatos na comunicação.

Observar um grupo de gordinhas e admiradores no Facebook requereu a aquisição de uma competência particular para a leitura das imagens que nele circulam, por meio das quais se pôde captar, além de seu propósito erótico, indícios particulares do status socioeconômicos e estilos de vida, a exemplo do que explora (Leal Guerrero, 2011, p. 74–75) em seu estudo sobre *chats* homoeróticos. Nesse sentido, a composição do que aparece em segundo plano nas fotografias convencionais, *selfies*<sup>27</sup>, enquetes e memes<sup>28</sup> tomaram atenção, exigindo compreensão dos acontecimentos por detrás da cena e em todos os detalhes que ela própria oferece, especialmente por serem artefatos privilegiados da dinâmica comunicacional entre os participantes do grupo gordinha, mulher bonita.

No enredo da nudez praticada ou insinuada como ordinário, e por vezes distração para o observador, os aspectos pouco perceptíveis das imagens à primeira vista, suas legendas sucintas, as minúcias de pequenos comentários e breves conversas mostraram-se tão ou mais capazes de sugerir em amplo espectro quem são as gordinhas e quem são seus admiradores.

---

<sup>27</sup> Selfies – trata-se de uma fotografia que alguém tira a si mesmo, geralmente para publicação numa rede social. De acordo com o dicionário Piberan da Língua Portuguesa, pode ser chamada de autofoto, autofotografia e autorretrato. Normalmente usada na divulgação da própria imagem em redes sociais (Fonte: <https://www.priberam.pt/DLPO>).

Acrescento que no grupo pesquisado, as selfies são um meio de comunicação importante. Ver mais capítulo 3 desta dissertação.

<sup>28</sup> Meme - Mimetização trata da figura de linguagem na qual um evento possa ser expressado e interpretado simplificada por um conjunto de expedientes ou pequenas unidades culturais, como bordões, imagens, textos e vídeos comportamentos, valores e ideologias (memes), que se espalham por meio da cópia ou imitação. Na internet, um atributo central dos memes é a produção de diferentes versões a partir de um objeto inicial, versões essas que são criadas pelos usuários e articuladas como paródias, remixes ou *mashups*. Estruturadas com interfaces cognitivas flexíveis, plásticas e adaptáveis. As redes sociais têm contribuído para esse processo criativo pautado na instantaneidade característica de sua cultura participativa, revelando novas possibilidades de produção de sentido e memória coletiva na rede (Horta, 2015).

Para inferir o estrato social dos membros do grupo Gordinha, mulher bonita apoieime na literatura dedicada à descrição de urbano de Gilberto Velho (1978), e na ideia de gosto de classe (Bourdieu, 2015).

Diante da grande variedade do local de origem dos membros do grupo, nem todas dentro da acepção comum de urbano, a apropriação das ideias de Gilberto Velho (1978) foi fundamental no sentido de questionar a natureza do conhecimento diante do familiar, em que ele alerta que a familiaridade com fatos, lugares, situações e mesmo pessoas não significa conhecê-las, pois distintos arranjos sociais constituirão ordens particulares de significados em sua composição. A partir desse referencial, essas disparidades compreensivas acerca do urbano, quase urbano ou rural, como, por exemplo, para o distrito de Austin (Nova Iguaçu – Baixada Fluminense), ou Inhoaíba e Paciência (Zona Oeste do município do Rio de Janeiro)<sup>29</sup>, que compõe região metropolitana, mas guardam fortes características rurais, dissiparam-se através da experiência e formas de classificação própria e particular dos sujeitos para seu universo e práticas. Nesse sentido, nem somente os tratados geográficos ou aquilo que camadas médias entendem por regiões e sujeitos urbanos estão contidos no presente estudo, mas aquilo que meus interlocutores entregam como sendo sua compreensão e sentimento de pertença, onde suas existências estão materializadas e significadas.

Dois elementos marcam o deslocamento desses sujeitos imerso numa fronteira entre rural e urbano, para o segundo lugar em definitivo, através dos hábitos intercambiados e, possibilitados, por um lado, pelas viagens de trem diariamente realizadas rumos a seus trabalhos e eventualmente para lazer até as regiões mais centrais da cidade. E por outro lado, pelo uso da internet e o que ela tem possibilitado de acesso a bens e informações da cidade, conferindo para esses sujeitos o *status* de urbanos, do qual se apropriam no *ethos* particular, e no que desfrutam cotidianamente. Por fim, é como se apresentam, geralmente marcando a presença da estação ferroviária e possibilidade de por ela trafegar, configurando uma ponte que os fazem urbanos reais por viverem na cidade ou como alguns referem, bem próximo dela.

---

<sup>29</sup> Até 1930 as regiões referidas no texto tinham a base da economia na atividade rural, agricultura e pecuária de pequenos rebanhos bovinos. O processo de urbanização inicia-se com a implantação das estações do sistema de trens urbanos nessas localidades, e com a construção do porto de Itaguaí. Na década de 70 registra-se um aumento populacional, embora, devido a sua vasta área territorial, mantenha-se ainda na atualidade como território de menor densidade demográfica da cidade do Rio de Janeiro. Ver mais: (IBGE, 2010). Nesse mesmo período são instaladas algumas indústrias de médio porte num distrito industrial, o que não garantiu que o projeto de urbanização fosse concluído em todo o território, guardando ainda características de encontro do rural com urbano ou do rural sob prisma das urbanidades, como define (Oliveira, 2011).

O conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (2015) como o entendimento de aspectos individuais, pessoais e subjetivos social e simultaneamente orquestrados como uma subjetividade socializada, estrutural e estruturante (Bourdieu, 2015 p. 101), permitiu captar nos lazeres, nas predileções culinárias, nos estilos e modas, o acordo com as noções de popular e urbano, do sudeste brasileiro, como pragmaticamente define Dresseler (2008).

A descrição do encontro no karaokê de Madureira trazida no capítulo 1 é um exemplo desses gostos e hábitos de consumo. Mas foi, sobretudo, no ambiente *online* que deteve mais tempo dessa pesquisa, e para o qual dediquei um olhar mais demorado, que estas posições referentes à classe se afirmaram. Fosse pelo que as paisagens das fotos comunicam; o que é possível observar de uma vizinhança, das ocupações e profissões e das devoções religiosas. Além disso, o gosto denotado nos cenários escolhidos para as fotografias. Estas, comumente realizadas nas residências do fotografado, revelam, junto com a pose, a arquitetura das casas, a mobília simples, as decorações, a falta de acabamentos e até algum improvisado nas estruturas, que definem os contornos do que se pode concluir em chamar de moradia popular, que além, das características inerentes e ao baixo poder aquisitivo dos seus moradores, elas revelam gostos. Os sinais contidos na cosmética corporal, o vestuário e a decoração visível no quadro da foto, por fim, permitiram verificar como estes sujeitos experimentam e afirmam a posição por eles ocupada no espaço social, em termos de classe, a partir de gostos e preferências que consolidam um senso estético grifado nas camadas populares.

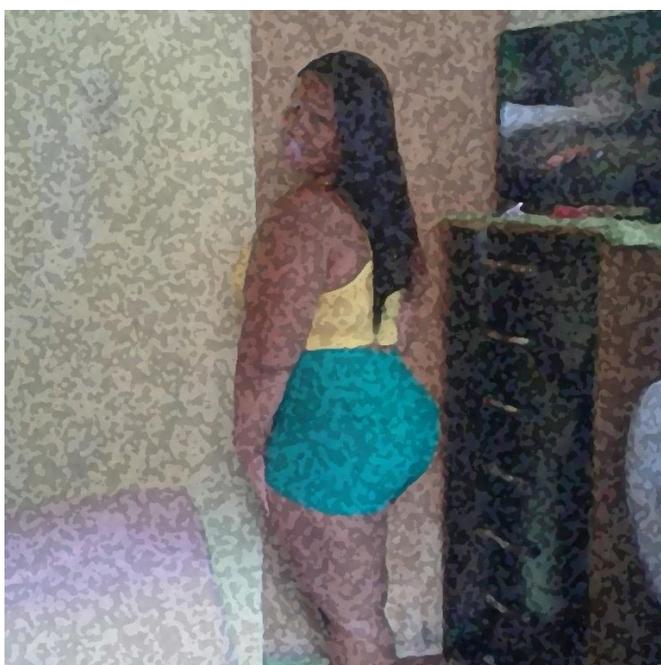


Figura 3. Fotografia de uma das integrantes do grupo em seu quarto.

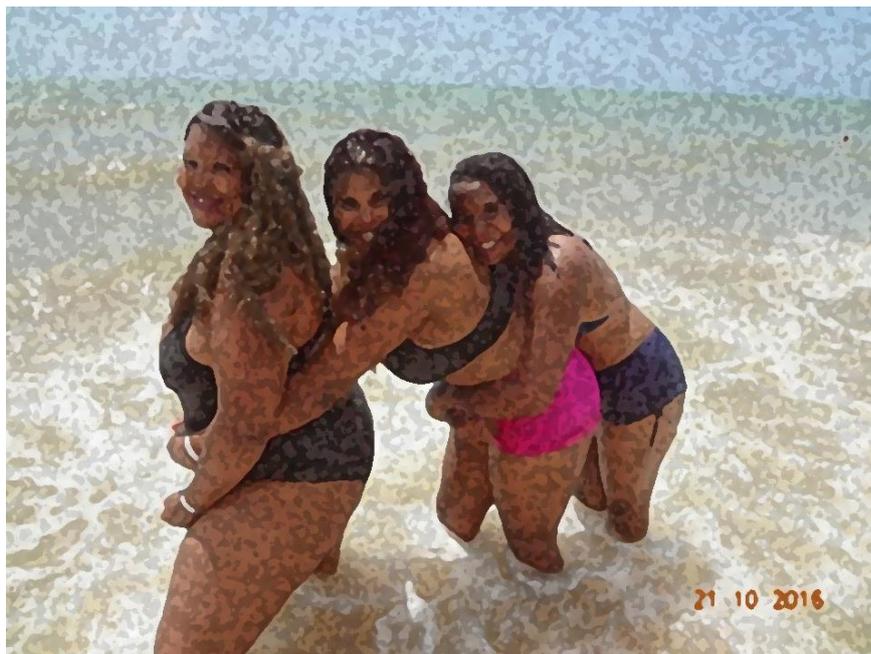


Figura 4. Fotografia de integrantes do grupo em momento de lazer.

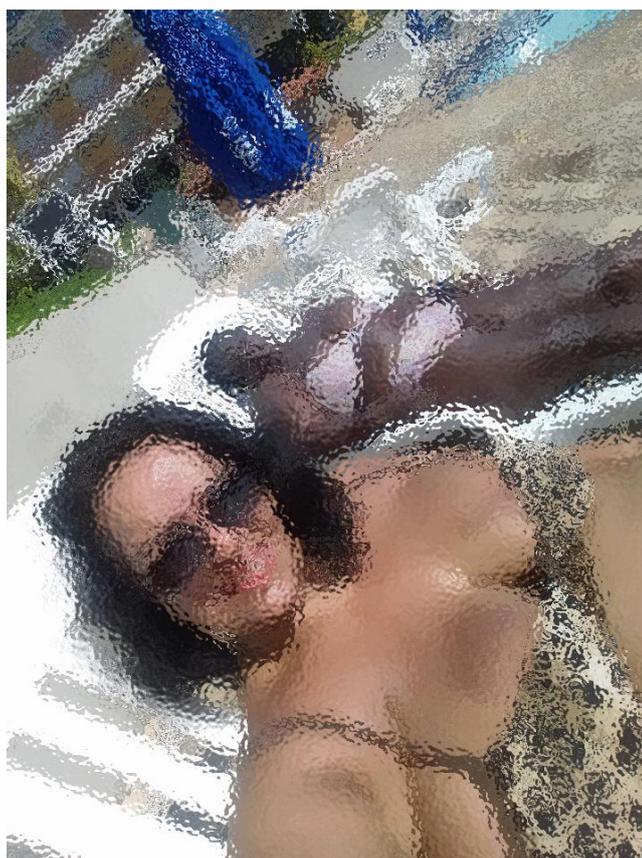


Figura 5. Fotografia de integrantes do grupo em momento de lazer.

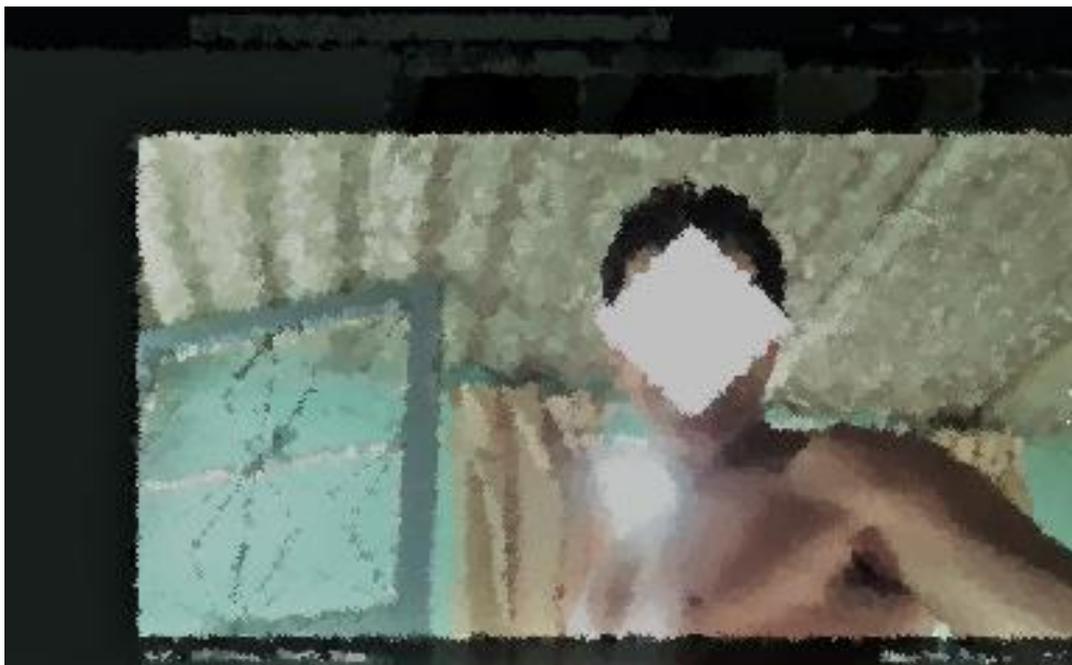


Figura 6. Fotografia de admirador em sua residência.



Figura 7. Fotografia de admirador em seu quarto.

Há pouca produção textual no grupo; algo que no primeiro momento percebi como uma certa apatia na comunicação. Somente depois de passar a visitar o grupo assiduamente pude compreender a associação desse, com uma notada predileção pela comunicação imagética. A considerar que esta base imagética não foge à tendência comunicativa nos ambientes *online*, no grupo de gordinhas e admiradores, também compõe o vitrinismo fundamental do mercado afetivo e erótico que ali se estabelece; e coaduna e revela algumas dificuldades com a escrita, marcadas durante o período da observação por ‘erros’ gramaticais e de interpretação de textos, que por vezes confundiram a comunicação, corroborando para a definição de um estilo comunicacional fundado nas imagens. Posto isto, os textos que circulam nessa rede compendiam breves elogios, com uso frequente de emoticons<sup>30</sup> e enquetes, tornando-se centrais na medida em que solicitam e informam preferências, gostos e dados pessoais e oferecem uma alternativa a uma produção textual mais longa e complexa.



Figura 8. Exemplo de enquete.

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/114370915786639/> acessado em: 20 de jan. 2017.

<sup>30</sup> Kizel (2016) define emoticons como unidades comunicacionais paralinguísticas das redes sociais e da internet que expressam de forma aproximada as emoções que os interlocutores sentem ou simulam durante uma interação.

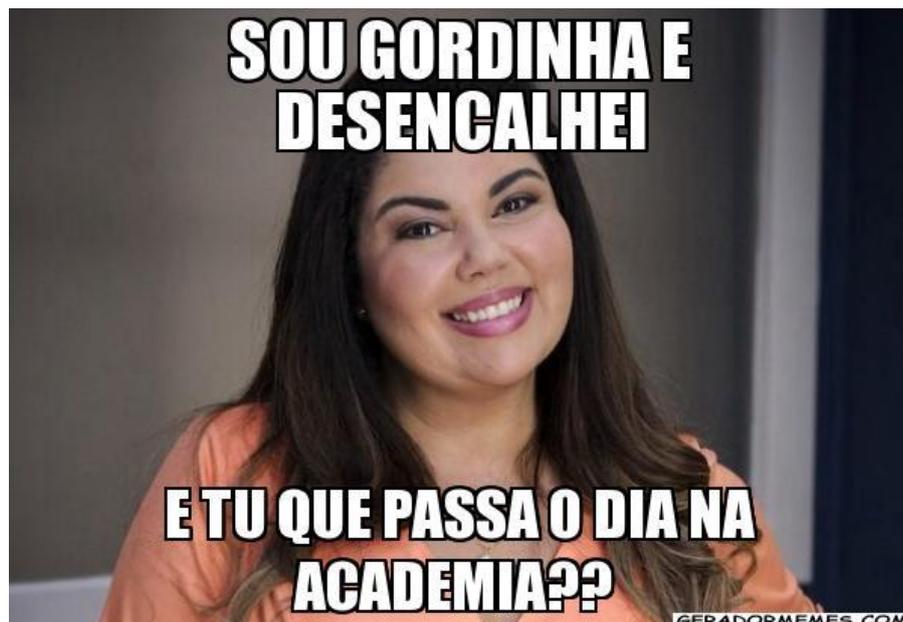


Figura 9. Exemplo de 'meme'.

Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=197122674154301&set=gm.15004385552678&type=3&theater>.  
Acessado em 20 de jan. 2017.



Figura 10. Exemplo de mensagens positivas sobre o corpo gordo feminino.

Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1881113012149787&set=gm.148192809071116&type=3&theater>.  
Acessado em 20 de jan. 2017.

Como o nome do grupo indica, as mulheres participantes apresentam-se como ‘gordinhas’ e assim são também tratadas por seus admiradores. Outros vocativos frequentes são ‘linda’, ‘fofa’, ‘gostosa’, ‘macia’, ‘delícia’, ‘deliciosa’, quando em situação de paquera ou sedução. A forma de tratamento ‘gordinha’ faz clara referência ao tamanho corporal, embora este varie em tipo, distribuição e quantidade de gordura, compondo um espectro gordo ou uma diversidade gorda que alerta sobre a densidade dessa categoria, devendo, os sentidos desta forma diminutiva ser explorados para além do seu valor descritivo.

Várias das minhas interlocutoras no campo também se identificam como ‘gordinhas’ em âmbitos mais amplos que os determinados no curso das interações com seus admiradores, fato registrado em muitas das nossas conversas por *in box*. Atenta ao alcance e naturalização dessa forma de tratamento, tornou-se imprescindível ouvi-las acerca de suas percepções sobre a mesma. Por exemplo, ‘gordinha’ poderia operar como eufemismo para se referir a corpos gordos maiores do que o que o termo projeta; ou dissimular certo desdém de preconceito; além de emular certa piedade para quem possui formas corporais mais avantajadas com relação a convenções de saúde e beleza. O que significa ‘gordinha’ nesse contexto?

*Ai meu Deus, por que gordinha e não gorda? (Pausa)*

*Ai porque sou. Eu sei que sou gorda também, mas gordinha é mais suave e também porque é como sempre me chamaram, sei lá. Aprendi assim desde criança, por exemplo: não coma porque você já está gordinha, esse modelo de roupa não tem para gordinha, e até um namorado que não era gordo e me disse que eu era gordinha e isso pegava mal para ele, e olha que era mais gorda que agora. A gente incorpora né? Minha mãe sempre dizia: ‘se você não quer que te chamem de gorda, também não fale assim, gordinha é bem melhor’[...] nunca pensei muito sobre isso, mas é como se chamar de gorda ofendesse e de gordinha não. O tempo todo sou chamada de gordinha.*

*(Entrevista com Mery, 35 anos, 1,68m e 102 Kg, nov. 2016).*

*Eu comecei a engordar com uns 24 anos, a primeira vez que alguém se referiu a mim como gorda usou a palavra gordinha. Eu lembro estava na escola, à noite, esperando uma amiga. A irmã dessa amiga chegou me cumprimentou e em seguida atendeu o celular dizendo: - venha Mari (a irmã dela) já estamos todos aqui, estou com a sua amiga, àquela gordinha. Ali descobri que eu não enganava mais ninguém, nem usando aquelas calcinhas justas e grandes, era como se tivesse sido descoberta (risos), eu era gordinha. Todo mundo acima do peso é chamado de gordinha.*

*(Entrevista com Alessandra, 33 anos, 1,62 e 80Kg, nov. 2016).*

*Engordei muito depois da gravidez. Quando era mais nova, com 17anos, desde então, quando a pessoa não é íntima, sempre fala que estou gordinha. Mas antes era mais fácil lidar com a coisa de ser gorda [...]. Sei lá, tinha a desculpa da gravidez e minha mãe sempre estava à frente das coisas, eu não tinha que por muito a cara [...]. Sim ela me defendia e eu ficava mais em casa, não trabalhava. Depois de adulta tudo é mais difícil, se vestir, se relacionar, estar com amigas, namorar. Até trabalhar né? Porque se você não veste bem, não tem uma*

*aparência magra, não consegue um trabalho[...]. Assim, eu penso que a maioria de nós acaba procurando grupos para encontrar gente com os mesmos problemas, as mesmas experiências.*  
(Entrevista com Cristiane, 28 anos, 1,78m e 116Kg, nov. 2016).

As falas reforçam o extenso uso da categoria gordinha que precede e vai além dos espaços de interação entre gordinhas e admiradores, aplicando-se genericamente – independentemente das diferentes formas gordas que o suscitam. Tal categoria aparece relacionada uma trajetória ‘gorda’ ou carreira moral da mulher gorda, tanto para quem engordou em determinada fase da vida como as que sempre o foram.

Suscita que gordinha significa certas coisas dito pelo ‘normal’ na sociedade em geral, e outra nas locuções do grupo e de demais circuitos de interação entre gordinhas e admiradores. Desse modo, a categoria é incorporada, por um lado, no processo de aprendizagem do estigma, e por outro lado, nos circuitos de interação entre ‘gordinhas e admiradores’, contribuindo para a manipulação dessa identidade deteriorada.

De acordo com Goffman (1988), um modelo válido de carreira moral envolve a produção de certa proteção através do controle da informação, que em determinados momentos será rompida pela experiência moral pública do estigma. No presente, e como sugere o relato de Cristiane, parece que pode ser marcado pela passagem para a vida adulta ou como informa Alessandra, pela aquisição tardia do estigma, cujas rupturas exigem o enfrentamento autônomo do escárnio a que a pessoa gorda está sujeita.

Em alinhamento com a teoria de Goffman e atenta ao que trazem os dados empíricos dessa pesquisa, pode-se dizer que a categoria ‘gordinha’, opera como elo de conexão entre duas fases da experiência dessas mulheres. Do ponto de vista da sociedade em geral, seu uso seria uma tentativa de amenização ou piedade pela condição estigmatizada, ideia clarificada pelo relato de Mery. Enquanto que nos circuitos de interação entre ‘gordinhas e admiradores’ a categoria estabelece uma base para a compreensão de si entre ‘iguais’ e ‘informados’(Goffman, 1988). Não obstante, a captura das formas gordas disponíveis pelo diminutivo no âmbito das interações entre gordinhas e admiradores não esconde, nega ou disfarça a hierarquia entre corpos femininos, mais ou menos avantajados; eles têm seu lugar e assumem valores distintos nesse mercado. O que a categoria habilita, através do seu uso, é a experimentação e circulação.

Portanto, ‘gordinha’ como categoria enlaça duas fases do processo de socialização da mulher gorda. A primeira quando o estigma é incorporado é aprendido sob o ponto de vista dos normais, onde aquilo que é considerado menos ofensivo ou protetivo da condição

gorda, sendo incorporado no discurso e na compreensão de si, na medida que o sujeito se reconhece nela. E a segunda através de um aprendizado particular, em que as mulheres gordas percebem os limites do que elas consideravam como seu universo. Tangente em especificidades e potencialidades que eram lhe eram negadas, contudo, podem construir outras percepções, assim como um lugar próprio e seguro.

*Eu acho que tem uma coisa assim: obesa se usa para dizer que uma pessoa é tão gorda e doente. Nossa! E é sempre muito ruim de ouvir obesa. Já perdi amizades. Gorda eu não ligo, minhas amigas íntimas me chamam de gorda é normal, mas depende a intenção também, às vezes, gorda é dito para ofender, e gordinha acaba sendo um jeito carinhoso de falar, não ofende ninguém, e a gente acaba trazendo isso para nossa vida, a gente também acaba falando assim das colegas e de nós mesmas. Mas não quer dizer que eu não saiba o tamanho que tenho, você percebe? É mesmo só um jeito de falar entre nós. Nós sabemos que o que está em jogo é que somos sensuais e queremos isso, nos sentimos assim. (Entrevista com Osmara, 26 anos, 1,70 e 110Kg, nov. 2016).*

*Eu acho que gordinha no grupo, apesar de ter mulheres de vários tamanhos, tem relação com o fato de chamar mais gente para interagir[...]. Se chamasse grupo de gordas bonitas, ou gordas top, não teria problema, mas só as mulheres que se chamam de gordas viriam. Com gordinha não. Gordinha chama todo mundo, todos os tamanhos, é um jeito de ter todo mundo no grupo, todas as meninas, sejam gordas, gordinhas ou muito gordas[...]. (Conversa informal com Nanci, 44 anos, 1,60 e 85Kg, out. 2016)*

*Antes tinha um tabu, ninguém gostava de ser chamada de gorda e aí tinha esse papo de gordinha que pegou, não falo só no grupo não, é assim geral. Só que somos o que somos e isso não é vergonha, nem desmerecimento, é a nossa condição e aceitando isso tudo fica mais fácil. Antes de entrar no grupo eu pilhava fácil se me chamassem de gorda, agora não ligo mais. No grupo ninguém chama, porque acabamos sendo chamadas pelo nome e tal [...] e é um grupo de gordinha porque no grupo isso não é piedade [...], assim, sabe (pausa) eu gosto de ser gordinha sensual e tal, gordinha também tem isso, é diferente de gorda ou obesa. (Conversa com Cibele, 48 anos, 1,65m e 90Kg, out. 2006).*

*Imagina assim se me chamarem de morena... não gosto de jeito nenhum, e falo logo sou negra. Mas aí tem preconceito, tá me entendendo? Não tem nada de bom em chamar uma mulher negra de morena. Eu sou bastante gorda, estou com uns 120 kg agora, me considero gordinha GG..., mas me chamar de gordinha não é evitar me chamar de gorda, está entendendo? É saber que sou gorda, mas que tenho minha sensualidade, é me tratar com carinho e reconhecimento. (Entrevista com Kelly, 25 anos, 1,75 e 120Kg, nov.2016).*

Nos relatos acima, a categoria ‘gordinha’ assume três sentidos importantes. Um sentido de proteção, ao oferecer refúgio fora do alcance de categorias médicas como ‘obesa’, ‘sobrepeso’ ou ‘obesa mórbida’, que essas mulheres chegaram a considerar altamente ofensivos. Um sentido agregador, visto que esta categoria de algum modo convida mulheres de todos os tamanhos e formas para desfrutarem das experiências que o grupo oferece –

contemplando subcategorias como ‘gordinha G’, ‘gordinha GG’ e ‘gordinha XG’ identificação comum durante a formação de pares nestas interações. E, finalmente, o uso do termo como sinal de simpatia ou elogio, que sinaliza o caráter sensual, reiterado tanto pelos admiradores como pelas ‘gordinhas’. Desse modo, nessas três variantes sobrepostas, a categoria ‘gordinha’ parece garantir a melhor posição para o enfrentamento ao estigma, tornando-se ao mesmo tempo uma base identitária ampla que permite organizar a experiência que a própria categoria sustenta. Logo, no contexto do grupo, ‘gordinha’ indica não apenas uma forma de amenizar o estigma, mas também a valoração da gordura como capital erótico

Os ‘admiradores’ de ‘gordinhas’ são exclusivamente do sexo masculino. Trata-se de uma categoria menos difundida que ‘gordinha’. Ela é restrita aos circuitos de interação entre ‘gordinhas e admiradores’, onde o nome indica exatamente o valor constitutivo da sua afinidade e complementação com as gordinhas no mercado erótico e afetivo, como marca identitária. Entretanto, existem subcategorias, como ‘lobos’ e ‘lobinhos’, que estabelecem uma distinção hierárquica, determinada pelo tipo físico masculino. Os primeiros são homens ‘pretos’, ‘fortes’ e de estatura média ou alta. Os segundos são homens mais magros, podendo ter qualquer cor de pele, com estatura média ou baixa. Nesse modelo de classificação hierárquica, os lobos posicionam-se com vantagens frente aos lobinhos no mercado afetivo e erótico. Tais classificações no universo do grupo mantêm pontos de contato com os achados de Charlotte Cooper (1998) em grupos estudados na Irlanda do Norte e nos Estados Unidos. A autora verifica um perfil de homens magros e fortes, conhecidos como *chubby chasers*, que admiram mulheres gordas. Alguns desses homens preferem definir seu interesse por mulheres gordas como uma identidade política e sexual, lembrando a noção de ‘informado’ de Goffman (1988), ao que recairia sobre eles o peso compartilhado do estigma.

No princípio da pesquisa prevaleceu entre os admiradores a ideia de que sua predileção por ‘gordinhas’ tangia o registro do gosto pessoal ou preferência sexual, sem construí-lo como discurso político. Eles justificam-se comumente evocando essa atração – a ideia de que mulheres gordas são mais sexys, pelas quais se sentem mais atraídos. Contudo, essa explicação tantas vezes repetida, aos poucos foi cedendo, deslocando-se para o relato de conformação de pares, de acordo com valores, crenças, ‘fetiches’ e preferências comuns ou complementares, onde um pênis G, normalmente de homem negro, se encontraria com uma ‘gordinha G’ e assim sucessivamente, dando vida a um jogo dos pares perfeitos, também entre GGs e XGs, etc. Este jogo dos pares perfeitos, como nomeio, evocado especialmente

pelos admiradores, não chega a se constituir uma regra, e sequer cumpre de fato essa expectativa, mas se fortalece pelo sucesso alcançado em alguns casos, que alardeia a virilidade dos homens e a potência conferida às mulheres pelo seu tamanho.

*Homens que gostam de gordinhas são mais completos [...]. Em vários aspectos. A verdade é que como eu, muitos têm membros grandes e nossas anatomias combinam. Coxas grossas, bunda, tudo grande. (Entrevista com Willian José, 38 anos, nov. 2016).*

*Elas são boas na cama, me aguentam. Sou GG, elas também têm tudo grande e eu gosto [...]. (Entrevista com Paulo, 45 anos, nov. 2016).*

A paisagem dessas interações é desenhada por membros, cujo tom da pele é escuro. E que se identificaram, quando houve a oportunidade, como negros ou pretos. Algumas apresentações trazem ‘pretinha’, ‘preta’, ‘nego’, ‘negão’ etc. como apelido de escolha e, que também revelam ou indicam a identificação racial no que tange a cor da pele como marcador.

As fotos mais íntimas privilegiam o close no pênis (comum entre homens negros), e o close em seios muito grandes (comum entre as mulheres negras). Como dito anteriormente, através das enquetes, por meio das quais se evidenciam diversos gostos e opiniões, explicita-se com frequência certa valoração dos atributos sexuais. Esses movimentos de valoração, portanto, sugerem intercambiar raça, tamanho corporal e partes específicas, como o sexo. Nesse sentido, a aspiração de completude (o que chamo de jogo dos pares perfeitos) na complementação e valoração do tamanho como sinal de poder abre caminhos para discutirmos mais adiante, os marcos em que esses sentidos são produzidos, positivando esses corpos não hegemônicos, mas também reforçando duas questões: a racialização dos corpos na composição de fetiches e a ideia de ‘mais sexo’ como ‘mais normalidade’. Ou seja, os modos como as práticas eróticas que garantem a circulação desses corpos podem realçar estereótipos como força e potência vinculada à raça e tamanho corporal.

Homens gordos e negros estão em número razoável, e são muitas vezes representados como fortes, conseguindo certa benignidade para os seus corpos, através da permuta da força de trabalho ou a capacidade para proteger alguém, reconhecida e angariada como valor que somam positivamente na sua representação social (Fischler, 1995). Já homens gordos, de pele branca estão presentes em menor número e não representam a preferência das mulheres. A pouca erotização desses corpos, pode ser entendida como efeito

das relações de poder que habita, em que antes pesa a suspeita de uma sexualidade incompetente, que se aprofunda na relação comparativa com os ‘lobos’, que perfazem os mitos de virilidade do homem negro. Diversas vezes ouvi de gordinhas: ‘dois gordinhos não se encaixam’, ‘gordinho tem pau pequeno’, ‘gordinho não tem pau’. Essas noções desvirilizantes do homem gordo e branco, são reforçados na exacerbação da virilidade do homem negro. No entanto, eles, materializam outra dimensão das interações dentro do grupo, a da amizade e a troca de experiências, também um objetivo e uma possibilidade entre muitos membros, de ambos os sexos.

As idades variam, a maioria dos membros, homens e mulheres, jovens e de meia idade. Parte expressiva deles são solteiros, considerados desta forma também os separados ou divorciados, conforme eles mesmos apresentam-se.

Para os homens, o grupo tem sido um lugar ótimo para encontrar mulheres gordinhas, pelas quais eles afirmam sentir desejo e interesse ao longo de suas vidas. Para as mulheres, o grupo e suas dinâmicas têm a virtude de valorizá-las. Nele, elas encontram menos preconceito com a gordura, permitindo melhorar suas relações interpessoais e consigo próprias, além de poderem encontrar um ‘algo mais’, expressão que refere a sexo, mas também a relacionamentos amorosos.

A diante discutirei aspectos do perfil desses participantes e o modo como algumas noções e práticas tem servido a reforçar noções colonizadas e estereotípicas, seja para gordura, para as relações de gênero ou para raça. Mas, por hora vale apresentá-las, como as personas no modo como performam e são compreendidas no âmbito das interações.

### 2.1.2 O grupo: Administração e regras

O layout do ‘grupo’ Gordinha, Mulher bonita segue o padrão dos demais grupos do Facebook, com uma estrutura de um jornal convencional, com ‘foto de capa’, no topo da página, ‘matérias principais em destaque’, na linha do tempo, e outros assuntos seguem nas margens e periferias da página. Essa é uma imagem contudente, inclusive, originalmente na língua inglesa este espaço é chamado de *groupe journal*, assim como perfis pessoais são chamados de *personal journal*, e aqui no Brasil convencionou-se chamar de página do grupo ou página pessoal.

Nem todos os recursos midiáticos oferecidos estão disponíveis para membros e visitantes de grupos fechados, o que garante maior controle e privacidade dos conteúdos produzidos e circulantes, assim como o aceite ou exclusão de membros, tarefa sob

competência de seus administradores. Do mesmo modo, os administradores não têm ingerência sobre como o algoritmo do Facebook, que organizará os assuntos relacionando para o grupo.

Todas essas características constituem a paisagem desse universo gordinhas e admiradores, sendo importante reconhecer como tais recursos são disponibilizado, acessados, e como impactam no estilo e atitude de seus membros e nas interações. Pode-se inferir, por um lado, que há vantagens enquanto grupo fechado pelo controle das informações e a maior liberdade para expressarem-se, e por outro lado, que a capacidade criativa do grupo segue sob forte influência do que o Facebook determina para ele.

Mas, sobressai no grupo em análise, dentre essas virtudes e limitações a observância de um estilo próprio, fora das tendências *plus size*, ou do que montam outros grupos de gordinhas, como *Gordinha Sarada*, que fazem alusão a um tipo de gorda que mantém as proporções corporais, cintura e pouca barriga, além dos grupos de autoajuda. Nesse sentido, volto atenção para o que se mostra. Assim, a descrição de sua paisagem auxiliará na compreensão dos estilos e tipos corporais que ele tem favorecido.

A capa de apresentação do grupo Gordinha, mulher bonita é bastante sugestiva, funcionando como uma espécie de outdoor. Traz a imagem de uma mulher gorda, em pose sensual, nua, mas sem mostrar as partes íntimas. Escolhida pessoalmente pelos administradores e colocada no topo da página para composição de sua identidade visual.



Figura 11. Exemplo de capas do grupo na plataforma Facebook.  
Fonte: <https://web.facebook.com/groups/1594749940771823/?fref=ts>.

Na linha do tempo seguem as postagens compostas por *selfies* e enquetes, sendo o espaço que os membros do grupo interagem através de comentários, opiniões e expressando emoções, seja através de pequenos textos ou do uso dos emoticons. Essas fotos são substituídas com alguma frequência, sendo algumas vezes utilizadas animações e *gifs* de mulheres negras, buscando por compor a diversidade, como informa Marta:

*Eu sempre procuro fotos da mídia, de modelo, propaganda, porque aí não tenho problema com ninguém. Mas é difícil modelo gorda e preta, aí você pode ver que quando é para agradar as 'pretinhas' eu ponho mais desenho mesmo [...], mas às vezes, as meninas reclamam muito. Uma delas falou até que ia sair do grupo uma vez, porque ela é deficiente, gorda e preta e falou que não ia ficar no grupo porque não colocava foto de pessoa com deficiência. Aí eu pus uma foto da mulher gorda com 'perna mecânica'. Ela ainda reclamou e disse, mas minha deficiência é deslocamento no globo ocular [risos]. A gente nunca agrada todo mundo, mas faz o possível.*

*(Conversa informal com Marta – audio salvo do WhatsApp, out. 2016).*

Percebe-se que este é um recurso midiático do grupo usado para compor a diversidade de corpos, que também compõem o grupo, servindo como um espaço para difusão de imagens e ideias sobre estes, logo intencional ou não vemos dele uma utilização política.

Do lado direito, da linha do tempo existem sete janelas com inscrições que funcionam como hiperlinks, que direcionam para outros âmbitos do site do Facebook, e também para fora dele, a saber: *convidar membros, grupos sugeridos, publicidade e sites patrocinados descrição do grupo, tipo de grupo, fotos recentes do grupo*,. Aqui uma conjunção entre agência dos administradores na configuração dos conteúdos e a gerência do Facebook.

Somente membros do grupo podem convidar, e os perfis possíveis de visualizar para isto, são os de seus amigos na sua página pessoal, ou amigo de seus amigos, selecionado pelo Facebook. As páginas relacionadas, em regra trazem outros grupos de gordinhas e admiradores, do mesmo modo que os sites patrocinados e toda a publicidade que circunda a linha do tempo, tratando de assuntos supostamente de interesse de mulheres gordas, como moda *plus size*, autoajuda, e como ganhar dinheiro trabalhando em casa. Todos esses conteúdos são selecionadas pelo Facebook.

Em contra partida, os administradores controlam a descrição, o tipo, e as fotos recentes do grupo. Sendo então, descrito como um local para fazer amizade ou algo mais, faz uma referência ao respeito que deve ser devotado a qualquer membro e que problemas

poderão ser comunicados aos administradores. Na Janela tipo de grupo encontramos a descrição ‘namoro e paquera’, e as fotos recentes, contam de seleção feita em acordo com postagens recentes na linha do tempo<sup>31</sup>.

Conclui-se que esses recursos midiáticos também são usados para compor uma atmosfera em que os corpos gordos devam ser respeitados, abrindo possibilidade para relacionamentos, e mais importante compondo a paisagem imagética com uma diversidade de mulheres gordas em poses e intenções, correspondente aos assuntos tratados nas enquetes e comentários.

Ademais, os conteúdos selecionados pelo Facebook não fogem à temática ‘gorda’. Embora à primeira vista divirjam na abordagem privilegiando temas como auto ajuda e como trabalhar em casa, é notável que o algoritmo do Facebook evita relacionar páginas sobre serviços médicos e emagrecimento, por exemplo, donde se infere alguma atenção ao que constitui-se no espaço como experiência para a corporalidade gorda.

Por fim, no acesso desses recursos o grupo gordinha, mulher bonita tem se apresentado com a cara de seus membros, numa dinâmica que compõe os estilos e a forma como são encaminhadas as interações.

### *A administração*

O grupo conta com seis administradores, quatro mulheres e dois homens. Em correspondência com os perfis anteriormente descritos, eles integram camadas populares, sendo trabalhadores de baixa remuneração, da região metropolitana do Rio de Janeiro, jovens e de meia idade e solteiros. A maioria das mulheres reportaram ter filhos em diversas conversas travadas ao longo da pesquisa, em que reclamavam sobre a falta de tempo para conduzir a administração, acarretando ao longo do tempo, diversas sucessões ao privilégio e responsabilidade pela administração do grupo, sempre transferido a outras e outros membros.

Os homens foram incorporados na equipe por duas razões segundo Marta, a primeira, checar os perfis de homens que pedem ingresso, e a segunda, alimentar a página durante o dia e a tarde, sob alegação de que eles tem mais tempo. Tal decisão ocorreu em virtude de

---

<sup>31</sup> Observam-se pequenas diferenças na forma como esse layout se apresenta em dispositivos móveis com o celular e o tablet, mas a estrutura se mantém, apenas sendo visualizada quadro a quadro, devido ao espaço na tela em polegadas e outras implicações técnicas que dizem respeito a velocidade e preservação do processador de mídias.

uma fase de pouca movimentação e visualização que o grupo passou, chegando a perder membros, então foi uma estratégia que, na visão dela está funcionando. Entretanto, Marta conferiu status de administradora para mulheres e de moderador para os homens, usando o recurso do Facebook para isso e comunicando a todos do grupo, tornando público que elas tem mais controle e poder sobre os conteúdos que eles.

Marta é criadora do grupo e a maior autoridade, à quem todos se reportam, exercendo uma clara hierarquia. É sua a tarefa de realizar postagens, comentar, curtir e enviar convites à novos membros; e é ela quem pode de fato modificar regras, banir membros e até mesmo administradores e moderadores. Marta é chamada de ‘dona’ do grupo pelos membros. Ela mesma refere-se ao grupo como sendo de sua propriedade, por exemplo: ‘meu grupo’, ‘meus membros’, ‘meus administradores’, ‘meus conteúdos’. Essa gramática perpassou as trocas ao longo do período em que eu participei do grupo, ora em conversas pessoais com Marta no modo ‘*in box*’, ora em ‘*frames*’<sup>32</sup> criados e postados por ela própria, nesse caso, textos emoldurados, onde ela normalmente põe as seguintes mensagens: ‘bom dia meu grupo’, ‘meus administradores reunião *in-box*’, ‘Meu administrador cadê as postagens da tarde?’, ‘Cadê as meninas do meu grupo?’ e etc.

Embora e estritamente o grupo seja ‘propriedade’ de Marta, as interações seguem com autonomia e fluem conforme a agência dos participantes. Uma peculiaridade importante do seu papel no grupo é que, mesmo interagindo frequentemente nele, Marta decidiu desde o início não se relacionar amorosa ou sexualmente com nenhum membro disponível. Para ela, isso resguarda o grupo de desentendimentos, em suas palavras:

*é um preço para estar bem com todos e garantir que o grupo funcione, eu não quero perder membros, eu não posso me meter em tretas e perder a moral.  
(Entrevista com Marta, nov. 2016).*

A opção de Marta chama a atenção para o modo como sua autoridade é legitimada. Esta posição sustenta duas vias que se retroalimentam. A primeira é seu lugar de representação para dentro do grupo, onde cumpre um papel regulador, por vezes rigoroso. Este garante, por um lado, um rígido controle do conteúdo ali postado e a manutenção da página no ar. Os posts exploram todo erotismo possível sem romper o contrato de privacidade e regras de decoro do Facebook. Por outro lado, esse controle garante também atenção contra o *bullying* sobre a pessoa gorda. Tanto Marta como o outros administradores

---

<sup>32</sup> É cada um dos quadros ou imagens fixas de um produto audiovisual. No caso do grupo, chama-se de frame imagens meméticas, sem texto, textos emoldurados e propagandas ou campanhas.

são um canal aberto para qualquer denúncia antes mesmo dessa instância no Facebook. A segunda via de legitimação da autoridade de Marta como dona do grupo depende do sucesso da primeira. Trata-se da sua figura como representante do grupo para fora deste. Seu status é alto no universo dos grupos de ‘gordinhas e admiradores’, por ser dona de um grupo ‘antigo’, com quase 18 mil participantes.

Desse modo, é justo dizer que Marta detém um certo poder, relacionado ao ‘ethos digital’ construído na rede de grupos *online* de gordinhas e seus admiradores no Brasil. Além de estar ligado a uma tecnopolítica (referida à regulação de formatos de plataforma, possibilidades de expressão, interdições, manipulação de conteúdos, etc.), esse *ethos* se coloca no plano do que podemos denominar de ciberpolítica (Da Silveira, Braga e Penteadó, 2014). Nesse sentido, a criadora do grupo Gordinha, Mulher bonita demonstrou-se uma competidora audaz no universo desses grupos. Por exemplo, Marta foi muitas vezes celebrada por sua postura ‘ética’ de não abusar de sua posição para ganhar vantagens eróticas.

Durante meu convívio no grupo, inúmeras vezes pude constatar os efeitos dessa ciberpolítica. Por exemplo, é comum que os grupos tenham mais homens que mulheres, entretanto no Gordinha, mulher bonita! esse contingente aparece mais equilibrado em função da admiração das mulheres por Marta, e por se sentirem seguras, como muitas vezes foi relatado.

*Aqui nesse grupo todos são amigos antes tudo. Tem muito respeito e é assim porque Marta e os adms estão de olho.  
(Entrevista com Alessandra, 28 anos, nov. 2016),*

*Eu participo de muitos grupos, mas nenhum é como esse aqui. Aqui tem putaria também? Tem. Mas tem um jeito de fazer. Marta toma conta. Não é aquele negócio de ficar caindo página todo dia, aí os membros somem, aqui não tem gente que converso há dois anos, porque a página não cai.  
(entrevista com Mery, 35 anos, nov. 2016).*

Em uma ocasião eu – na qualidade de membra e pesquisadora – fui solicitada por Marta para conversar com um membro novo, de nacionalidade estrangeira. O homem apresentava-se como da Turquia e falava inglês. Atendi ao chamado e conversei no *in box* com ele por um tempo, que logo se desinteressou, ele não falava português, não buscava por mulheres gordas e não havia compreendido a proposta do grupo. Na verdade procurava uma página brasileira e queria conhecer alguém pois viria de férias ao Rio de Janeiro e Ceará por aquele período. Sobre esse enredo talvez, valha alertar o modo como, especialmente essas duas cidades e o nordeste de modo geral, são conhecidos como receptores de turismo sexual, mantendo uma forte conexão com a rede de tráfico internacional de mulheres como

informam os relatórios da Secretaria Internacional para o Trabalho (Dias, Brazil e International Labour Office, 2005) e O caderno de Ações para enfrentamento do tráfico de mulheres (Brasil, 2011).

Conseqüentemente, a apreensão da dona do grupo com o homem se relacionava com suas memórias acerca de uma telenovela brasileira em que mulheres eram sequestradas para Turquia, ela disse:

*Mirani, fala com ele dichavado, primeiro em português, depois se tu vê que ele tá enrolando, tu lança o inglês nele para ele ficar com medo, seja malandra, mas fica de olho porque esse pessoal trafica mulher e tem menina carente aqui. Eles falam logo de vida boa no exterior e que amam brasileira... igual a Morena da novela. (Mensagem no WhatsApp enviada por Marta, out. 2016).*

A anedota ilustra o tipo de controle e cuidados que Marta exerce no grupo e que dessa forma, também, consolidam e justificam seu lugar na hierarquia desse universo. Tal controle, contudo, é exercido com certo pragmatismo. O grupo tem regras, que são fixadas na página inicial e são evocadas nas frequentes negociações entre os participantes, estão sempre sujeitas a consenso. Tais consensos não se consituem em âmbitos formais, mas assumem validade e legitimidade a partir das dinâmicas interacionais cotidianas e nos marcos das relações *online*. Ou seja, uma queixa pública, uma denúncia aos administradores e mesmo uma ‘treta’<sup>33</sup> podem sugerir novas regras. Do mesmo modo, regras podem tornar-se obsoletas quando o grupo, no decorrer das interações, passam a avaliá-las como excessivas ou desnecessárias. Por exemplo, o grupo já contou com um quadro de 11 regras fixado na página inicial, que se reduziu a 8. A regra ‘*não é permitido fotos de cuecas, calcinhas, trajes de banho e etc.*’ passou a ser contrariada diariamente. Diante disso, os próprios administradores chamam e convidam ao ‘desafio do decote’, ou da lingerie, para que as mulheres tirem fotos de seus decotes e postem na linha do tempo do grupo. O mesmo passou a ocorrer entre os homens que passaram a postar fotos com trajes de banho ou cuecas. Outro caso emblemático diz respeito a uma regra que prescrevia: ‘*Não é permitido me adiciona aí, me dá seu Zap, se vc passa, lembre-se a responsabilidade é sua.*’ A regra era frequentemente burlada por convites postados para a formação de grupos ocasionais no WhatsApp na linha do tempo do grupo com permissão dos administradores.

---

<sup>33</sup> ‘Treta’, no linguajar do grupo, refere ao rechaço coletivo a um comentário ou comportamento que possa ferir os acordos e a ética do grupo, ou uma discordância entre membros. Ambas situações podem levar a longas discussões polarizadas, normalmente entre dois pontos de vista fortes.



Figura 12. Imagem produzida por administradores para o desafio matinal do sutiã.  
Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=143500342796026&.1895489450697869&type=3&theater>  
>. Acesso em: 16 de dez. de 2016.



Figura 13. Fotografia de integrante do grupo/aceitação do desafio do sutiã.  
Fone:  
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=134591180440324&set=gm.135276620362735&type=3&theater>.  
Acesso em: 16 de dez. 2016.



Figura 14. Postagem no Facebook de convite para ingressar em grupos do WhatsApp.  
Fonte: <https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=143500342796026&set=gm.1895489450697869&type=3&heater>>. Acesso em: 04 de dez de 2016.

Nessa relação entre teoria e prática, ou em como a norma é concretamente exercitada, não se trata de que uma prevaleça sobre a outra, mas, como propõe Carvalho (2011), a eficácia da prescrição está em *saber propor* e *saber fazer*. Trata-se de compreendê-las, portanto, como competências, atividades regulares e convencionais, organizadas por princípios gerais sujeitos a negociação. Entretanto, conforme o postulado Aristotélico de que o lugar próprio da ética é a ação, os códigos de privacidade da sociedade maior, reelaborados pelo Facebook, vão modificando-se e abrindo caminhos alternativos em virtude da ética que vai sendo formulada no grupo, onde a regra fundamental emana da busca pela experimentação do corpo gordo feminino, a salvo do escárnio, público ou privado.

### 3 MECANISMOS E ARTIFÍCIOS DA INTERAÇÃO

#### 3.1 Fotos, selfies e o sistema de elogios

As fotos convencionais, mas, sobretudo, as *selfies* são um componente central das interações entre gordinhas e admiradores no grupo de Facebook Gordinha, mulher bonita. Normalmente – sem ser regra – um administrador ou administradora inicia, por meio de uma postagem, o que eles chamam de ‘movimentar o grupo’. O post funciona como um sinal, estopim, para que os membros iniciem seus ‘closes’, como eles chamam as fotos e selfies.

Certa madrugada uma mulher negra, de aproximadamente 30 anos, de estatura mediana e aproximadamente 90kg, postou uma foto nua, deitada em uma cama, apenas com uma luminária acesa. Esta, posava com as mãos sobre os seios, e uma flor entre as pernas. Sua nudez não foi completamente revelada nessa foto, mas ainda assim, seguiram longos comentários, especialmente dos admiradores. Foram feitos elogios, convites para encontros e oferecidos muitos números de telefone WhatsApp. Em meio a esse frisson que tal foto gerou, alguns homens diziam estar se masturbando, o que pareceu agradar a moça, que pedia detalhes. Algumas intimidades foram trocadas, os comentários seguiram até que uma das administradoras chamou a atenção para o conteúdo. A moça que posou deu permissão para que a procurassem no seu perfil pessoal e declarou-se a fim de um encontro, dizendo que precisava ser conquistada. Daí para frente não pude mais acompanhar o desfecho, visto que a conversa assumiu um caráter privativo. Esse episódio ilustra um extremo do que pode acontecer no âmbito do grupo, em termos de ‘sensualizar’, como concebem seus membros. Aquém disso, estão a maior parte das postagens, onde as mulheres vestidas com shorts e camisetas, corriqueiramente expõe partes do corpo, ou ainda, pela manhã e à noite usando peças íntimas, como camisolinhas, *baby doll*, *soutiens*. Os homens exibem-se em menor frequência, mas também postam fotos de cuecas e trajes de banho, compondo o que eles entendem por sensualizar.

As poses são variadas e as ‘gordinhas’ defendem que a *selfie* seja feita como for mais confortável, mas, sem dúvida, a foto de rosto fazendo o gesto de ‘biquinho’ nos lábios, os cabelos soltos, levemente encobrindo o rosto e por vezes molhado é uma marca no caso das mulheres, onde olhares e sorrisos maliciosos, a língua e um leve tombar da cabeça são também muito presentes. As mulheres também postam frequentemente fotos do colo do seios e coxas. Os homens são adeptos às *selfies* de rosto e também corpo de cima para baixo, com close no abdome, coxas e genitais, bem como com os braços em diagonal ao peito ou o queixo.

Há uma série de preocupações técnicas e estéticas com as *selfies* postadas, como o ângulo, cuja a preferência é pela foto tirada do alto. A luminosidade é um critério bastante cobrado pela audiência; a foto em regra precisa ser iluminada. Nota-se um investimento quanto à resolução em *pixels*, em busca de nitidez e profundidade, e não é bem-vindo o uso de programas de edição de imagens ou de filtros. Como ouvi diversas vezes de admiradores e ‘gordinhas’, ‘tem que ser real’, ‘tem que ser cru’, ‘aqui não é lugar de mulher de plástico’, ‘não é página de modelo’ e etc. Nesses marcos, o que garante que essas fotos sejam apreciadas, ou o corpo nelas desejado, remetendo a audiência a dar ‘likes’ ou ‘curtidas’<sup>34</sup> é precisamente um corpo que apresente marcas, dobras, celulites dentre outras características comum ao corpo gordo.

As *selfies* são postadas diariamente, o maior volume de postagens ocorre durante a noite e início da madrugada, momentos também em que a maior parcela de membros está *online* e interagindo. Podem ser postadas opcionalmente ou em resposta a algum desafio proposto pelos administradores, como por exemplo o ‘desafio do sorriso lindo’ ou o ‘desafio do decote’ já mencionado. Não há uma expectativa definida acerca de quem deva expor-se em fotos e quem deva apenas admirá-las. Nesse sentido, embora as mulheres façam mais *selfies* e comumente iniciem postagens, não é menos verdade que os admiradores também se mostrem no fluxo da interação, seja atendendo a solicitações ou por opção, compondo a série de outras fotos que virão, alimentar a página e movimentar o grupo.

As fotos são tiradas na residência do ou da fotografada, podendo ocasionalmente o clique registrar um ambiente de trabalho ou passeio. Em regra, gordinhas e admiradores, preferem ‘sensualizar’ em seus quartos, também são comuns fotos no banheiro – um cenário antigamente necessário para fazer uma boa *selfie* por permitir o uso do espelho e a checagem da pose e aparência antes do clique. Hoje com a aparição da câmara frontal, comum em *smartphones*, a tendência seria o abandono banheiro, o quarto e espelho. Não obstante, esses ambientes continuam sendo usados como cenário, favorecido pela sua privacidade, que é característica também da maioria das conversas surgidas de encontros *online* no âmbito do grupo.

Embora as *selfies* e fotografias demarquem o âmbito para a exposição dos corpos mais ousada e despida, como observei, nota-se também a importância de se vestir para a foto

---

<sup>34</sup> *Likes* ou curtidas – usar o botão de *Like* (ícone conhecido como ‘joinha’ disponível na rede social Facebook) é uma forma de expressar o quanto você gosta de uma postagem na rede social. Marca sua identificação com o objeto postado, o desejo por ele e aspectos emocionais. Receber *Likes* é uma forma de perceber o quanto você está sendo bem avaliado pelos usuários da rede social. As discussões remetem de real engajamento e *Likes* ocasionais.

Ver mais: Kizel (2016) e Amaral e Monteiro (2013).

– roupas íntimas no caso das ‘gordinhas’, ou traje completo no caso dos admiradores. A produção do traje completo é o que os admiradores chamam de ‘vender o passe’, para o qual eles se arrumam em passeio completo, por vezes, até lançando mão de chapéus, como forma de se mostrarem para as gordinhas.

As fotos são um artefato que materializa a cena erótica, os corpos são colocados no centro das atenções e em posição de comunicar, através das imagens, seu potencial erótico e de ‘ser corpo’, como inspiram as reflexões de Agamben (2007). Esses corpos cujo potencial, na compreensão hegemônica, ficaria comprometida ao alcançar determinado peso, forma e tamanho, regulado pela medicina e saberes sucedâneos, no contexto do grupo seguem fazendo parte de experimentações e performances, como estas das *selfies*, conservando seu potencial físico-moral. Mostram-se de alguma forma livres das regras e regulações, não porque resistem conscientes e engajadamente, mas porque nesse exercício experimentam o poder na própria impotência que lhe é imputada.

A *Selfie* tem sido central para que esses corpos gordos sejam (se ‘produzam’, no sentido da pose ou performance elaborada para o ‘close’) o que puderem, como quiserem, servindo como um alicerce material e pragmático das interações, como se verificar nas falas de integrantes do grupo.

*Faço selfie sempre, você sabe como é. A foto é o passaporte para um encontro ou algo mais. Você não pode estar num grupo desses querendo ficar anônimo, se escondendo, no fim queremos nos encontrar com alguém.*  
(Entrevista com Luiz, 37, nov. 2016).

*Quem não é visto é esquecido. Posto selfies para ficar em evidência... sou muito exigente comigo mesma na hora da foto, mas também já tenho meus truques [...] sei como fazer a foto ficar boa. Porque eu faço uma foto e posto para ser vista e quero estar bem, não faria sentido de outro jeito. A foto é como eu começo todas as conversas e como me relaciono com os caras do grupo.*  
(Entrevista com Mery, nov. 2016).

*Eu já fazia selfies antes, para minha página pessoal do Facebook, mas era diferente lá ninguém ficava comentando, elogiando, era uma coisa boa para mim, mas no grupo é melhor, tem esse retorno... e descobri mais sobre mim, como fico bonita, meu melhor ângulo (risos). Normalmente tiro várias e escolho uma, gosto de tirar quando acordo e antes de sair, maquiada, acho que é quando fico mais linda*  
(Entrevista com Alessandra, 33, nov. 2016).

Como observa Baker (Baker, 2015), as análises sobre *selfies* no universo *Fat Women*, bem como o das ‘gordinhas’, precisa ir além da crítica narcisista. Várias ativistas têm abordado o fenômeno, como a feminista Kite (2016) que tem muita expressão nesse debate, através de uma ótica universalista e vitimista, defendendo que o excesso do autorretrato implicaria a objetificação da mulher. Entretanto, o convívio no grupo Gordinha, mulher

bonita permitiu observar a *selfie* como uma ferramenta importante para as mulheres gordas, especialmente quando estas são negras. Argumento a partir daqui três elementos que emergem dessas observações, a saber: *a capacidade de reconexão consigo mesmas, o sistema de elogios e a instituição de um regime de visibilidade* para corpos de outro modo invisíveis.

### 3.1.2 A reconexão do ‘eu’: O olhar que voltou para o meu rosto.

Entre as gordinhas do grupo, o close de si mesmas tem servido para cultivar a autoadmiração e amor próprio através do autorretrato. Para Agamben (2007 p. 53), entre a percepção da imagem e o reconectar-se nela há um intervalo de reconhecimento ou desconhecimento, aprovação ou reprovação, onde se projetam as formas refletidas (como aqui na fotografia). Eliminado esse intervalo, reconhecendo-se e aprovando a imagem, esta nada mais é que a tensão do amor que cada ser deseja para si, deseja preservar no próprio ser e comunicar a si mesmo; um momento no qual a imagem não é o ser, mas uma espécie feliz e desejada dele.

É muito comum no grupo que as gordinhas façam e incentivem *selfies*, muitas vezes relatando essa espécie de amor da qual trata Agamben (Agamben, 2007), e tratando o lugar da fotografia como seguro, no modo que Baker (2015) reporta. Quer dizer, para essa autora a *selfie* é um aprendizado, no qual antes da publicação normalmente são feitos vários cliques, testadas diversas poses e ângulos, até o momento que a aprovação pela foto surge, e junto com ela uma segurança sobre si e o corpo se estabelece.

*Minha relação com meu corpo mudou muito depois do grupo, e principalmente porque eu aprendi a fazer as selfies. Eu diria que de 10% para 98%... quero dizer que se eu gostava de mim 10% agora gosto 98%. Eu fui mudando, jeito de me vestir, a cor do cabelo, a maquiagem, quase tudo.*  
(Entrevista com Osmara, 26 anos, nov. 2016).

*Eu ando pensando em ser modelo plus, menina (risos). Sério, eu gosto tanto de fazer selfie... é como se tivesse descoberto uma nova mulher em mim mesma...eu até descobri um olhar... não sei, eu fico com um olhar tranquilo, angelical, como na minha adolescência, eu aprendi a fazer, ou sei lá, ele voltou para o meu rosto né? (Risos). Sei que é meio louco falar essas coisas, mas não tem nada como a autoestima alta, e a selfie tem esse poder.*  
(Entrevista com Cristiane, 28 anos, nov. 2016).

Para Baker (2015), ainda, que a indústria e o mercado tenham prejudicado, de maneira geral, a percepção de si das mulheres através de um controle extremo das formas

corporais femininas e a pregação de um padrão inatingível, como também afirma Bordo (2004), o itinerário das *selfies* tem permitido, por sua vez, colocar em tensão a ideia do que é belo, suscitando um debate entre beleza (que seriam os atributos disponíveis e reais) e a boniteza (que seria aquilo que a tecnologia digital e médica tem oferecido). Assim, as *selfies* seriam ferramentas de ‘reclamação’ na disputa pela política de construção desses corpos.

Essa discussão coloca atenção ao universalismo que frequentemente se apresenta ao tratar das especificidades das pautas feministas, como é o caso da gordura. Se por um lado a boniteza e os cultos narcísicos têm subordinado e subjogado todas as mulheres a um único padrão corporal e de beleza; por outro lado, no caso das *selfies* em grupos ‘de gordinha’, esse lugar subalterno é questionado pela descoberta ou possibilidade da beleza para corpos compreendidos como desprovidos dessa virtude.

Nesses termos, a etnografia de Giacomini (2006) descreve como os concursos de misses no Social Clube Renascença, na Zona Norte do Rio de Janeiro, na década de 60 ocuparam um lugar privilegiado na estratégia de dignificação da mulher negra, em tensão com os postulados feministas da época, que dentre outras coisas na composição de sua luta por direitos, fortaleciam a construção política que desobjetificasse a mulher. Lopes (2015) sobre concursos de misses Travestis e Transexuais, também aborda o ponto desta discussão, ao mencionar agências femininas em contextos de aparente reforço de feminilidades hegemônicas.

Ambos autores reconhecem as ambiguidades do dispositivo de beleza, e argumentam acerca de um movimento de redistribuição do direito de ser bela, em que se alargam as fronteiras e implica que várias expressões do corpo feminino passem a ocupar ou aspirar patamares de respeitabilidade. Nesse sentido – assumindo análogas ambiguidades, as *selfies* constituiriam também novos discursos acerca do corpo feminino gordo e novas gramáticas para a performance dessa feminilidade.

### 3.1.3 A fotografia erótica – o ‘bom’ e o ‘mau’ corpo

De acordo com (Ribeiro, 2012) a fotografia erótica lança-se e posiciona-se como instrumento de ruptura de estéticas normativas a partir do final dos anos 70 e pelo decorrer dos anos 80. O movimento que se organiza nesse período, atento à crítica feminista da época, desloca o foco e os objetos capturados como erótico, pautado na exposição da nudez de mulheres consideradas belas, para os objetos que incluíam a diversidade corporal e cenas não sexuais e explícitas. As composições cênicas variavam entre hétero ou homossexuais,

bem como entre várias atividades corriqueiras, como se destaca a famosa foto do francês Jeanloup Sief, em que um homem e uma mulher completamente vestidos acendem seus cigarros ponta a ponta, enquanto olham-se diretamente nos olhos, a fotografia de pessoas consideradas feias também foram frequentes nesse período, em ensaios de destacavam exatamente partes consideradas em desacordo com a estética do belo; como narizes grandes, alopecias, magreza ou gordura excessiva, orelhas de abano e etc. Essa perspectiva tensionou o senso comum, tanto para as noções de belo, como para o lugar do erótico, criando leituras erotizadas ‘fora do eixo’ para diversas sexualidades, performance artística e corpos, em que a fotografia erótica apresentara-se como um importante artefato, que compôs um movimento irruptivo para as normativas de gênero e sexualidade.

Em aproximação com essas acepções e deslocamentos do erótico, creio que as fotografias que circulam no grupo em análise dispõem e exploram em igual tal componente. Haja vista, que as fotos e *selfies* ‘*sensualizadas*’, como referido em termos nativos, somam à capacidade de modificar a experiência dos indivíduos com seus próprios corpos, a partir do estabelecimento de um mercado afetivo e erótico em que atributos de menor valor social passam a ser altamente valorizado, num modelo de poder não masculino, ou pelo menos, não inscrito nas perspectivas e desejos do masculino hegemônico, como comentam as interlocutoras:

*Fotografo muito meu rosto e também o decote. Ah! Isso mudou com certeza e eu mesma fico impressionada, porque antes eu morria de vergonha, sei lá, era quase um medo o que eu sentia da minha papada (gordura que se deposita entre o pescoço e o queixo), sempre me escondia atrás de alguém... para você ter uma ideia tem muitas fotos de família que só aparece minha testa e olhos.*  
(Entrevista com Mery, 35 anos, nov. 2016).

*eu tenho outra relação com a minha bunda hoje em dia, porque como você pode ver, eu sou fina para cima, mas a minha bunda e a perna eu sempre achei que eram defeituosas, parecia uma parte do corpo de outra pessoa em mim, eu inventei várias formas de andar durante a vida para não balançar, já sofri muito, mas agora não é dizer que acho lindas, mas olho de outro jeito, sabe é meu corpo, ele não é defeituoso, faz tudo que outros fazem, não me acho mais anormal, e essa mudança foi um processo: separação do marido e tudo mais, mas eu mudei, alguma coisa mexeu no meu íntimo depois da primeira selfie de ‘sereia’ (uma pose de pé, com o tronco retorcido que foca parte do perfil do rosto, dorso, nádegas, coxas e pés) que postei e ficou linda, foi muito elogiada .*  
(Entrevista Osmara, 26 anos, nov. 2016).

Para Audre Lorde (1984), o erótico oferece um bem de reabastecimento e força provocativa para qualquer mulher que faz sem medo esta revelação de si e para si, sem sucumbir para crença de que apenas a sensação de algo basta. Para a autora os usos do erótico sejam inscritos no corpo ou em outras devoções como a arte, o trabalho e a

maternidade, constituem rupturas por excelência, porque tangem um caos profundo e íntimo, coletivo e individual de sensações e sentimentos. Em termos práticos, a autora considera o erótico como construção cultural do feminino, e alerta de que é preciso romper com o modo para ele prescrito na modernidade, em regra aprisionado na pornografia, onde toma ares de coisa desprezível, de menor valor. É preciso vê-lo como um recurso poderoso da cultura, com o qual diversas mulheres, e destaco as gordas que dão vida a este estudo, devem encontrar-se para tomar posse e usá-lo a seu favor nas disputas de poder, fazendo emergir sensações e compreensões de si e do corpo que foram capturadas e perpetradas pela normatização desses mesmos corpos.

Nesse ponto, poderia a fotografia erótica fazer um ‘mau’ corpo torna-se um ‘bom’ corpo? Na perspectiva de Gayle Rubin (1984) o contexto de normatização da sexualidade inclui também os objetos de desejo e fetiches, delimitando o que compreendemos por ‘bom’ e ‘mau’ sexo. Portanto, penso ser adequado projetar o corpo gordo como ‘mau corpo’, para as análises que o conflui como objeto erótico e meio para o exercício e realização da sexualidade. Isto, porque de acordo com o que essas categorias, ‘bom’ e ‘mau’, evocam e implicam, pode-se inferir para o corpo gordo algo inadequado, ao passo lhe falta os predicados do feminino e do que se entende por sexy. Logo apresenta-se como desviante e passível de correção, sendo identificado no senso comum como assexuado, ou como deslocando seus usos sexuais e eróticos para o campo do bizarro, compondo como lhe é oferecido, no conjunto das más sexualidades.

As fotografias e *selfies* das ‘gordinhas’ servidas de certa erotização parecem, contudo, confrontar os limites que invalidam o corpo gordo como ‘mau’ corpo. Tem revelado outras compreensões de feminino, além daquelas empreendidas na construção do ‘bom’ corpo feminino. Movimentam-se, pois, nesse percurso as fronteiras entre ‘bom’ e ‘mau’ corpo, ampliando o espectro da feminilidade, fortalecendo as disputas acerca das noções de belo e saudável.

#### 3.1.4 O sistema de elogios e a visibilidade do invisível

“O verdadeiro mistério deste mundo é o visível, não o invisível”.

Oscar Wilde

A contínua postagem de *selfies* no âmbito do grupo constituem um vitrinismo que desdobra o chamarei de sistema de elogios. É através desse mecanismo de exibição e

resposta – ambas públicas, para quem é membro do grupo que acontece o flerte, que se expressa através de ‘curtidas’, comentários e elogios mútuos. Estes vão construindo os sinais de interesse sexual que eventualmente progredirão para algum modo de encontro ou relacionamento heterossexual, ou também para relações de amizade.

Ainda que não conduza a uma conversa mais longa e íntima, o elogio entre mulheres é também bastante comum. Do ponto de vista das mulheres, uma delas com quem frequente conversava pelo *messenger* do Facebook, considerou que esse tipo de elogio serve para três fins. O primeiro seria colocar a postagem em evidência, de modo que quanto mais comentada e mais curtida a foto, mais tempo ela permanece no ar. Seria um acordo tácito entre as mulheres se apoiar mutuamente nesse sentido. Em segundo lugar, criaria uma relação de proximidade com novos membros, de modo que se estabelece um clima amistoso e elegante. E por último, mas não menos importante, como relataram várias outras mulheres trata-se de uma forma de trabalhar a autoestima, em que os elogios entre mulheres criam um clima de afago coletivo e reforço positivo para essa corporalidade. A exibição além, de provocar elogios, também funda uma espécie de ‘clube’ onde dicas, referências pessoais e narrativas encorajadoras são constituídas.

*É como se cada uma fosse o espelho da outra. Nem sempre você acha que uma foto ficou boa, mas as amigas elogiam, criticam, dão dicas de como melhorar [...] a gente também vai se inspirando nas outras, vendo o que ficou bom, o que deu mais ‘ibope’. É o dia a dia, né? Mas é no conjunto que funciona melhor, essa troca com outras mulheres gordas é muito importante para entender que você não passa por aquilo (aquilo se refere ao fato de ser uma mulher gorda) sozinha’.*  
(Entrevista com Cristiane, 28 anos, nov. 2016).

Com grande atenção aos detalhes, as mulheres compartilham continuamente opiniões, frequentemente individualizadas, sobre uma maquiagem, uma roupa, cabelo ou como se fazer a *selfie*. São comuns os comentários do tipo: ‘arrasou no penteado amiga’, ‘roupa show’, ‘você está linda’, ‘sua *selfie* arrasou’ e etc. Às vezes, esses comentários suscitam breves conversas onde se trocam dicas sobre moda, costureiras, e tutoriais de *selfies*. Mas isso raramente acontece, na *time line* da página – ou seja, o âmbito ‘público’ acessível a todos os membros do grupo. O mais comum é que essas informações sejam trocadas pelo *in box*, embora faça parte do fôlego cotidiano que dá vida ao grupo como comunidade, configurando o estabelecimento de uma sociabilidade onde se encontram parceiros.

O elogio entre homens é menos comum, mas quando acontece, normalmente se centra na forma como os pares apresentam-se na *selfie*, particularmente nos objetos que

compõem a cena como símbolos de status e masculinidade (de acordo a convenções da sociedade geral ou do próprio grupo). Por exemplo, são muito elogiadas as fotos praticando algum esporte, com carros, em mesas de bares e festejos. Essas trocas produzem-se mais habitualmente entre os homens mais jovens. Os homens mais velhos apresentam, tanto nesta como em outras situações, um comportamento mais conservador, evitando qualquer demonstração de qualquer afeição pelo mesmo sexo.

Entretanto, o mais habitual são elogios entre homens e mulheres. Não existe, uma orientação de gênero preponderante neles – mulheres elogiam homens tanto como homens elogiam mulheres. Embora sejam diferentes os significados do elogio, de acordo com quem o faz e quem o recebe, todos elogiam-se. É heterogênea também a orientação e circulação de elogios com relação a raça/etnia e idade, o que se reflete na paquera e relacionamentos estabelecidos. Os casais podem ser, em diversas medidas e proporções, ‘heterocromos’ e unindo faixas etárias bem distintas.

É no elogio que se concretiza o potencial que esse sistema reserva para a *selfie* nas interações entre ‘gordinhas e admiradores’. É evidente a tendência a valorizar os corpos gordos e negros, tanto na composição de pares monocromáticos como heterocromáticos, sendo também frequente a grande diferença na idade entre parceiros. Configura-se desse modo um constante reforço positivo, reconhecimento e valorização desses atributos. O sistema de elogios cumpre, nesse sentido, um papel importante para o funcionamento do grupo como mercado erótico e afetivo. De modo análogo ao descrito por França (2012) acerca da constituição de um mercado erótico para a categoria gay dos ‘ursos’ e por Pasini (2010) para o sexo pago, no qual existem prescrições acerca do modo de caminhar, passar, dançar, exhibir-se e ser flertado pelo seu admirador, entre as gordinhas e seus admiradores no Facebook, a *selfie* torna-se central e indispensável.

Para Baker (2015), as *selfies* e os desdobramentos que elas suscitam no universo *Fat Women* ou das ‘gordinhas’ são uma oportunidade para criar narrativas que possam contar a história dessas mulheres, constituindo de modo sensível seu lugar no mundo. O foco da autora é o modo como o corpo das mulheres é retratado na cultura de massas, invariavelmente corrigido por meio de editores de imagem como Photoshop<sup>35</sup>, produzindo um tipo de imagem na qual as mulheres não podem se ver e se reconhecer, gerando o que Wooley (2016) chama de futuro condicional, na construção de subjetividade em torno do corpo irreal da propaganda.

---

<sup>35</sup> Photoshop trata-se de um software editor de imagens. É muito utilizado na correção de ‘imperfeições’ do corpo, sobretudo, em revistas e catálogos de moda.

Em um movimento contrário, os grupos de gordinhas têm proporcionado a visibilidade para o invisível. A *selfie* e seus roteiros de uso nas interações entre gordinhas e admiradores constituem um regime de visibilidade para corpos colocados ‘fora de circulação’ pelas imagens da cultura de massa.

A sociedade de consumo tem instituído, para as mulheres gordas, a categoria *plus-size*, nicho de mercado que tem dado certa visibilidade a esses corpos. Se por um lado a fatia do mercado cedida às gordas habilita e torna aceitável um certo tamanho, por outro ele não faz concessões quanto à esbelteza (silhueta), e mantém excluídas as mulheres com abdome mais abaulado, sem cintura em proporção com o quadril e com mamas flácidas, como é comum entre mulheres gordas. Tal fato gera um mal-estar entre muitas mulheres do grupo, que se inspiram nas modelos por seus tamanhos, mas também ali reconhecem um tipo de opressão de gorda para gorda.

*Eu não acho a menor graça nos modelos plus size, o nome já diz modelo. E você pode reparar nenhuma delas tem barriga, ou celulite na foto, todas têm cabelão e são brancas, como eu te disse, são modelos. Isso é muito difícil, porque também antes só tinha magrela em capa de revista e tal, aí algumas gordinhas ficam felizes porque o tamanho está okay se comparado com outros tempos, onde uma menina na capa era do tamanho da minha perna. Mas também, é fogo... quando aquela gordinha ali vai refletir de verdade uma de nós? Você soube da modelo plus size Mayara Russi que participou do reality show da TV Record para perder peso? Então, ela foi demitida de todas as agências para quem modelava depois de engravidar e engordar muito. Depois ficou lá todas as tardes no programa da TV, se humilhando e chorando para perder peso. Não é o mesmo sofrimento? Eu acho que é, por isso, enquanto uma foto bonita, de arte até, eu olho e admiro, mas não é espelho.*

*(Conversa com Nanci, 44 anos, nov. 2016).*

É nesse sentido que, segundo Wolley (2016), o corpo gordo, sobretudo das mulheres continua invisível. Porque tudo o que ele implica é entendido como ruim no regime de verdades ao qual está submetido. Ele é negativado através do incentivo ao consumo de técnicas que visam corrigi-lo (Wooley, 2016, p.12). E nos casos em que ele aparece de forma mais positiva, como o das modelos *plus-size*, sofre a pressão de conformar uma norma de formas e proporções, sob o risco de afastar-se do feminino desejável. Um corpo sem silhueta, sem as proporções esperadas e os adereços certos que, para além de grande vira um corpo desviado da matriz de plástica corporal na qual se performa o gênero –neste caso, feminino<sup>36</sup>. Em vez de conformar o lugar assignado ao na ordem do gênero, confundirá suas fronteiras. É por isso que sua potencialidade é mantida invisível.

---

<sup>36</sup> Performance e gênero aqui referem aos conceitos desenvolvidos por Judith Butler em Problemas de Gênero (Butler, 2003, p. 38).

Radicalizando esta crítica, Baker (2015) afirma que ‘o mercado *plus size* pode ser compreendido como um convite para sentar-se uma gorda numa mesa de mulheres brancas e magras’. Para a autora, esse convite recusa qualquer diversidade de idade, racial ou corporal. Cita o clareamento feitos pelas mulheres negras e hispânicas nos Estados Unidos e o descarte de atrizes de Hollywood quando elas atingem os 35 anos. Enfim, a abertura de um nicho de mercado para um tipo de gorda não tem favorecido a construção de um senso de igualdade para a diversidade de sujeitos. Para a autora, longe de um progresso, essas brechas aprofundam o preço pago pela diferença e a estigmatização das formas mais gordas ou menos esbeltas.

Tal ambivalência do *plus size* como nicho de mercado, não obstante constitui um lugar ótimo para travar disputas em torno da diversidade corporal em suas múltiplas expressões, na interseção com tamanho e forma, raça e idade. Reconhece-se nele um poderoso e necessário meio para a exibição e a divulgação de ideias dissidentes sobre o corpo. Voltando à metáfora de se sentar à mesa das ‘normais’, essa pode ser uma brecha para trazer mais cadeiras, embaralhar sua distribuição e o modo de sentar-se nelas. Nesse contexto, talvez com um diferencial de autonomia a respeito dos ditados do mercado, a *selfie* e o sistema de elogios das gordinhas e seus admiradores favoreçam a construção de uma identidade, corpo e comportamento ‘de gordinha’, configurando âmbito seguro para que corpos desviantes existam e desmitifiquem-se.

### 3.1.5 Selfie: iniciação e performance ritual

Boa parte de minhas interlocutoras relatam ter tido dificuldades para produzir as primeiras *Selfies*. Muitas delas somente aderiram ao hábito após ingresso em algum grupo de ‘gordinhas’. O movimento em direção a esse tipo de fotografia retira-as da sua zona de conforto, de um lugar onde não são vistas, mantendo-as protegidas da injúria – que elas conhecem tão bem, por tê-la experimentado ao longo da vida. Nesse sentido, a internet e as redes sociais constituem também um risco, haja vista que é palco de ódio e desafetos com certa frequência.

Na internet proliferam os *haters*<sup>37</sup> de gordinha, como o caso, por exemplo, do Tumblr<sup>38</sup> ‘Demi arrombada’. O conteúdo desse repositório faz referência à cantora pop

---

<sup>37</sup> *Haters* um termo popular na internet para designar pessoas que criticam e atacam outras nas redes sociais. Normalmente esses ataques nas redes sociais ou *bullying* virtual, estão fundados na intolerância e incompreensão das diferenças.

estadunidense, Demi Lovato, que costuma relatar publicamente suas dificuldades para manter o peso por exigência da carreira, além das experiências de *bullying* que sofreu ao longo da adolescência por ser gorda. Como muitos outros canais na internet, o Tumblr ‘Demi arrombada’ tem servido para expressão de ódio à pessoa gorda. Como então, ter a certeza de que se está num lugar seguro, que o que seja publicado lá não vai virar tema de piada e suscitar agressões? Como confiar em que a *selfie* será admirada no grupo de gordinha e não o contrário?

Não existe certeza para membras novas ou aquelas mulheres que ainda não se sentem seguras para ingressar o sistema de elogios. No entanto, em primeiro lugar, a convivência e a participação frequente no grupo, através de comentários e conversas, podem levar a um relaxamento dessas inseguranças. Em segundo lugar, somente postando uma *selfie* a pessoa poderá experimentar e certificar-se de que pode habitar com segurança (ou não) o ciberespaço. Demanda abrir essa porta para ver e experimentar o que se existe do outro lado.

Assim, a primeira *selfie* postada configura-se como uma iniciação. Para cada ‘gordinha’ revela experiências diversas, mas as posiciona melhor, de um modo geral, em dinâmicas interacionais que implicam, além de uma nova percepção de si, um direito à própria imagem.

Cumpridas as etapas de ingresso no grupo, com envio da foto e aceitação por parte dos administradores, como tratado anteriormente, o que sucede em regra, é uma saudação da novata, seguida de boas-vindas por parte dos membros mais antigos. Normalmente, nos primeiros momentos a participação da novata é mais observante que ativa, ‘curtindo’ postagens e fotos de outros membros.

Não há um convite direto e pessoal ou um momento específico no grupo em que se espera que a novata comece a ‘mandar *selfies*’. Elas o fazem quando confortáveis e, como verbalizou uma de minhas interlocutoras anteriormente, quando alcançam o nível de reconexão consigo mesma, a coragem para mostrarem-se. É exatamente nesse momento que a primeira das muitas *selfies* será postada.

Em diversas culturas os rituais de iniciação marcam a passagem da pessoa para um estado diferente do anterior, como um antes para um depois (Peirano, 2001). As virgens Zulus, por exemplo, na África Subsaariana, ao dançarem para o rei assumem o status de mulher. Naquela sociedade, tal ritual marca a iniciação sexual e reposicionamento da mulher

---

<sup>38</sup> Tumblr – é uma plataforma de blogs que funciona como espaço para compartilhar vídeos, imagens, músicas, textos e *gifs* — diferencias de outros tipos de blogs pelo caráter de rede social que assume, possibilitando até mesmo ‘curtidas’, incluindo até mesmo as famosas curtidas do Facebook.

em virtude dos papéis de gênero que ela passa assumir. Ela pode casar-se, cuidar da família, além de adquirir maior liberdade para expressar sua 'sensualidade', assinalada pelo uso de adereços específicos, cabelos maiores e roupas mais ornamentadas (Melo, 2015). Trata-se, enfim, de tornar-se mulher. No caso presente, se não a tornar mulher, a primeira *selfie* tornará a mulher membro do grupo gordinhas, um tipo diferente de mulher, capaz de assumir uma sensualidade antes inexplorada.

Como relatam, trata-se uma passagem cheia de incerteza, preocupações, ansiedade, preparação e treino. As vestes e a pose incansavelmente repetida até a hora 'D', sem outra arma que o próprio corpo, para mostrar-se e ser observada pelos homens e por toda a comunidade.

### 3.2 As enquetes e o esquentar

Pode-se dizer que as enquetes se complementam às *selfies* enquanto artefatos comunicacionais no grupo de gordinhas. A *selfie* cumpre o papel de expor a figura dos e das participantes, indicando a disponibilidade para trocas afetivas e eróticas. Desperta percepções e distintas sensações para variados indivíduos, pelo grau de subjetividade que traz consigo. Porém, e inferindo sobre o risco de macular a integridade da gordinha ou do admirador, as *selfies* não geram, nem aprofundam discussões minuciosas sobre quaisquer que sejam esses corpos expostos e outros aspectos da sociabilidade. De modo que, sua maior ou menor aceitação será demarcada pelo número de 'curtidas', e os comentários sempre elogiosos.

As enquetes, por sua vez, cumprem um papel mais objetivo, ou que exige participação mais objetiva. Elas questionam e colocam em discussão aspectos da sociabilidade hetero-erótica.

Propô-las é uma atribuição dos administradores, mas ocasionalmente podem ser sugeridas por outro membro do grupo. Enquetes são corriqueiras e trazem temas variados. O maior volume de postagens desse tipo ocorre em parte da noite e início da madrugada, enquanto o menor volume se dá nos fins de semana. A menor frequência nos dias de fim de semana possivelmente deve-se a compromissos familiares e falta de privacidade para visitar um sítio *online* saturado de imagens e assuntos que pertencem à intimidade da ou do membro do grupo, como algumas vezes, os interlocutores comentaram.

Visualmente as enquetes apresentam-se como um meme, como os que tanto circulam por todo o Facebook; mas nesse caso a imagem sempre comunica a pergunta da enquete,

cuja temática é geralmente sexual. Os corpos retratados nessas enquetes são em regra esbeltos, às vezes gordos, e quase sempre mantêm uma silhueta proporcional. Isto pelas mesmas justificativas da foto de capa. Na busca por fotos de domínio público, midiaticizadas, tem sido difícil, segundo Marta encontrar corpos pretos e gordos.

As enquetes trazem uma pergunta direta. Posso citar enquetes sobre a preferência de idade nos parceiros, gosto por formas e tamanhos de pênis e vaginas, gosto por silhuetas de mulheres gordas, posições e preferências sexuais, sexo casual, ou sexo com compromisso, relações entre faixa etárias muito dispare e etc. Para responder tais perguntas, estas contam sempre com imagens numeradas, de modo que os participantes possam responder simplesmente usando esses códigos. Elas geram uma cascata de respostas simples, que em algum momento suscitam novos comentários, opiniões diversas, e por vezes debates em torno do tema, conforme seguem:



Qual o tamanho ideal para a barra de chocolate (😄)? 15, 17, 19 ou 22 cm?

Figura 15. Exemplo de enquete sobre tamanho e preferência de pênis.

Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1882878115306610&set=gm.149471342276596&type=3&theater>  
Acesso em: 28 de fev. 2017.



Figura 16. Exemplo de enquete sobre tamanho e preferência de pênis.  
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/114370915786639/>. Acesso em: 28 de jan. 2017.



Figura 17. Exemplo de enquete sobre intenção de relacionamento  
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/114370915786639/>. Acesso em: 20 de jan. 2017..



Figura 18. Exemplo de enquete sobre intenções de relacionamentos.

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/114370915786639/>. Acesso em: 20 de jan. 2017.

Os debates sucedâneos às primeiras interações provocadas pelas enquetes, são desejados, e quando se aprofundam em alguma questão e ganham volume de participação, são chamados pelos integrantes de ‘polêmica boa’. Durante minha observação, as polêmicas mais comuns envolveram a diferença de idade, tamanho do pênis, performance sexual e escatologia, e formas de se fazer um *ménage à trois*. Além das opiniões sobre esses e outros temas, a enquete revela as características próprias e preferências dos participantes, o que torna a interação bem mais pessoal, funcionando como uma espécie de filtro direciona o interesse entre os envolvidos nessa dinâmica, formando grupos menores dentro do grupo, reunindo pares com interesses em comum.

Nas enquetes sobre o tema idade, o grupo mostrou-se bem aberto a relações que comportam diferença etária entre parceiros amorosos e sexuais, embora o interesse por jovens ou velhos, ou jovens e velhos, dividam opiniões e guarde alguma ressalva de gênero. Assim, mulheres mais velhas são preferidas e muito cortejadas por todas as faixas etárias, incluindo os muito jovens. Já os homens muito mais velhos, são uma pequena parcela e não se relacionam com frequência com moças mais jovens, oferecendo indícios de inversão de um estereótipo social. É comum que os participantes da enquete façam juízo da idade pela aparência, onde essa variante rouba a cena. Várias vezes a enquete sobre idade levou a

debates sobre aparência, em que algumas pessoas, ao serem avaliadas pelo rosto como mais jovens que sua idade cronológica, passaram a assumir certo status, e melhor posicionamento no sistema de elogios.

Há debates frequentes também sobre o tamanho do pênis, temática que aciona a crença sobre o ‘par perfeito’. Enquanto alguns informam seu tamanho, outros se empenham na tese de que ‘tamanho não é documento’. O argumento de que o que importa é ‘saber fazer’ comumente sobressai, apresentando-se como consenso entre a maioria dos participantes de ambos os sexos, encaminhando o debate para o âmbito da performance e preferências sexuais.

Os debates sobre performance e preferência sexual, bem como temas associados à escatologia são introduzidos por enquetes de estilos de fazer sexo. Motivos como ‘com pegada’, ‘romântico’, oral, anal, vaginal, com cigarros, com comida, cheiros específicos de partes íntimas do corpo e de fluidos corporais, dentre outras possibilidades, dão ao participante a oportunidade de se identificar e especificar suas preferências por meio de respostas dicotômicas: sim ou não, quero ou não quero, faço ou não faço, gosto ou não gosto.

Quando o tema é *ménage à trois*, há duas premissas a serem consideradas. A primeira é que muitos casais de gordinhas e admiradores participam do grupo no intuito de conseguirem uma terceira pessoa para fazer sexo, ora como ‘namorado’ do casal (parceiro fixo e exclusivo do casal) ou como parceiro ocasional. A segunda é que embora mostre-se preferência pela configuração de duas mulheres e um homem, é comum o arranjo de dois homens e uma mulher. Esse fato vira polêmica. Destaca-se, por um lado, o argumento da impossibilidade de se encontrar sexualmente com outro homem, que redundaria na preferência pelo arranjo de duas mulheres e um homem. Por outro lado, argumenta-se que para ter sucesso com uma gordinha é preciso ser ‘muito macho’ e a dupla de homens operaria como um reforço da masculinidade.

As enquetes refinam, portanto, o perfil de cada participante e opera como um recurso simples e rápido para a identificação de possíveis parceiros de gostos e características complementares, criando uma sorte de perfil dinâmico e performativo dos participantes no mercado sexual. Esse sistema de comunicação foca em partes e atributos corporais, sobretudo das ‘gordinhas’, com frequente o destaque para peitos, coxas e barriga. Outro ponto a ser destacado é utilização desse artefato para posicionar geograficamente os integrantes das interações, de modo que interessa particularmente manter contato com sujeitos que estejam mais próximos, visando futuros encontros *off-line*.

Todas as questões aqui apresentadas, são tratadas sem censura ou escárnio, independentemente do modo como o participante expresse seus predicados ou preferências. Entretanto, há de se considerar o papel que ocupa uma advertência frequente, mencionada no título de quase cem por cento das enquetes, a saber: ‘com respeito’. Durante o tempo da minha observação fui atribuindo diversos sentidos a essa expressão corriqueira no cotidiano do grupo, na tentativa de compreender seu real alcance e que coordenadas de fato ela incorporava. Assim, em primeiro lugar me pareceu um certo policiamento, patrulha ou censura sobre o que os participantes deveriam ou não expor com relação ao tema da enquete. Como se a enquete servisse apenas para reforçar certa moralidade dentro do grupo. Entretanto, com o passar do tempo percebi que, embora essa fosse uma interpretação possível, assim entendida por alguns membros e utilizada como argumento para banir integrantes ao expressarem determinados gostos e preferências supostamente ofensivos; tal exigência de ‘respeito’ também mantinha forte relação com o consentimento ao fetiche.

As solicitações por banimento que pude acompanhar em duas ocasiões durante todo o período da minha observação nunca foram acatadas. Os administradores argumentaram não haver nenhuma ofensa em demonstrar preferência por um sexo de uma forma ou outra. ‘Com respeito’ é expressão que parece atravessar a fronteira do policiamento moral, portanto, configurando apenas um alerta permanente de preservação da integridade das pessoas envolvidas nessas interações. ‘Com respeito’ ou ‘brincar com respeito’, ‘sem gracinhas’ indicam que é preciso respeitar os limites postos individualmente pela pessoa, do mesmo modo que é preciso respeitar os desejos e gostos expressos por ela.

As enquetes desdobram-se ainda no que seus membros por vezes referem como ‘o esquenta’. Tal evento acontece cotidianamente e representa um tipo de direcionamento da enquete, onde além da recomendação de ‘com respeito’, seguem no título instruções como: ‘sempre com a pessoa acima’, ou ‘sempre com a pessoa acima e começando por quem postou’. Esse comando complexifica o texto da enquete e especifica um modo de participação. Por exemplo:

*Me chupa? sim ou não? Sempre com a pessoa acima de seu comentário e sem gracinhas ok #adm' 🙄*

*'Fala sério adooooo uma boa chupada  
E vc chupa gostoso a pessoa acima  
Simmm ou Nãoooooo  
**Sempre com respeito nos comentários**  
#Adm A.C*



Figura 19.. Exemplo de enquete com solicitação de 'respeito'.

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/114370915786639/>. Acesso em: 16 abr. 2017.

Desse modo, os contatos entre gordinhas e admiradores tornam-se mais íntimos, sugerindo que os participantes acessem alternativas ao Facebook, como e quando ocorre o WhatsApp. Assim, os corpos das gordinhas, além de objeto de admiração, exposição e elogios, passam a experimentar outros níveis da interação. É comum nesse caso a migração para o *in box das* páginas pessoais dos participantes, para grupos ocasionais e temporários que funcionam no WhatsApp e ainda para a Resenha, nome que recebem os encontros presenciais realizados ocasionalmente com membros que desejem confraternizar ou mesmo ter um encontro público.

## 4 A SUTIL CONSTRUÇÃO DE UMA CORPORALIDADE GORDA

Meu primeiro contato com a sociabilidade de ‘gordinhas e admiradores’ ocorreu na rede social Facebook, propício para a pesquisa empírica. Ao longo da observação participante, pude notar que as interações fundadas na exibição da corporalidade gorda e nas relações hetero-eróticas constituíam também outros circuitos, configurando lugares integrados e complementares entre si, além dessa plataforma. Foi emergindo como questão compreender – a modo de uma cartografia – o significado de tais fluxos, da configuração desses lugares, e as nuances da afirmação de uma corporalidade gorda feminina nesses contextos.

### 4.1 A intimidade no WhatsApp

No âmbito do Facebook, o vitrinismo, o sistema de elogios e a descoberta de afinidades e aversões na interação cotidiana, favorecidos pelo uso das enquetes, instituem a possibilidade de conhecer outras pessoas, fazer amigos e flertar. O mapeamento dos gostos é produzido através de um tipo de exposição menos devassável, no que diz respeito à nudez e às trocas sexuais mais íntimas, em virtude da política de privacidade ao qual estão sujeitas as contas nessa rede social. De todo modo, esse âmbito tem garantido a interação, incluindo aquelas que não desejam atravessar os limites aí estabelecidos.

Forçar tais fronteiras parece um risco, e instauraria uma tensão nas interações que implicaria na desconfiguração desse espaço, tal como ele é definido. A quebra do limite – concretamente, com a exposição de nudez – comprometeria a visibilidade dos corpos (desviando-o da gramática apropriada para esse contexto), bem como sua variedade e as possibilidades de diversos afetos e erotismos ali compartilhados.

Entretanto, se por um lado o uso menos espiado da sensualidade e do erotismo garante a circulação ‘segura’ de gordinhas, por outro, é incontestável que ele também oportuniza o trânsito para outros âmbitos mais íntimos, onde experimenta-se o corpo gordo de modo mais explícito. Há, desse modo, uma evidente porosidade dos limites estabelecidos, gerada pelas variadas intenções dos participantes, de modo a permitir passagem das mulheres para outros espaços onde é possível experimentar com mais intensidade seus corpos e sua sexualidade no curso de interações com seus admiradores.

É o caso da migração frequente para o aplicativo WhatsApp, que é uma rede social, muito popular em dispositivos móveis como celulares e tablets, e que recentemente se

habilitou também para computadores de mesa (WhatsApp web). Possibilita troca de mensagens instantâneas, entre duas pessoas ou grupo, além do compartilhamento de textos, áudios, imagens e vídeos, num ambiente com a privacidade e a segurança da criptografia. Este recurso pode ser acionado nas conversas em pares, e está obrigatoriamente ativo nas conversas em grupo, não tratando de uma escolha do usuário, mas de uma premissa do sistema. Significa que tudo o que for compartilhado nesse ambiente está protegido contra invasores e programas espões, como aquela segurança que nos é conferida quando fazemos uma operação bancária *online* ou compras na internet usando o cartão de crédito. Os atores envolvidos nessas interações não necessariamente sabem o que é um ambiente criptografado, mas paira sobre todos a certeza daquele como um lugar mais seguro.

A passagem para o WhatsApp se produz através de uma chamada ou convite postado na própria página do Facebook. O grupo virtual no WhatsApp é criado, e, em seguida, o criador do novo grupo passa a adicionar os números de telefones dos interessados em participar, normalmente deixados na postagem referida no Facebook.

Embora o Facebook permita configurações de privacidade extremas (como a visualização do perfil apenas pelo próprio usuário) e o uso do WhatsApp tenha derivado na conformação de grupos numerosos (como veremos neste capítulo), a configuração *default* do primeiro comporta, como seu nome indica – ‘Livro de Caras’ –, sendo inerente um grau considerável de publicidade, enquanto a do segundo parte do modelo privado da mensagem instantânea. Os grupos de WhatsApp, além de mais efêmeros, são menores em número de participantes (100 a 150), quando comparados ao grupo do Facebook, e, no caso aqui observado, são criados para possibilitar trocas a partir de interesses e afinidades eróticas já checadas através das enquetes.

‘Passar para o WhatsApp’ consagra, portanto, um outro nível de intimidade. Esta se produz especialmente através da troca de ‘nudes’<sup>39</sup>; do compartilhamento de vídeos de práticas sexuais (tipicamente amadores ou ‘caseiros’, de casais heterossexuais); de um exibicionismo individual sensualizado (por exemplo, sequências de fotos a modo de *strip-tease*); do diálogo mais explícito acerca de preferências e desejos sexuais; e pela exposição e estímulo mútuo da masturbação.

Além de performances sexuais exibidas de modo compartilhado e mutuamente estimuladas, o WhatsApp favorece a cena erótica pelos recursos técnicos que oferece, como, por exemplo, o envio de gravações de áudio, nas quais um estilo de fala característico,

---

<sup>39</sup> Sob a denominação ‘nudes’, popularizou-se o compartilhamento de fotos contendo nudez, sejam de homens ou de mulheres, nas redes sociais, mas especialmente no WhatsApp.

comumente baixo, sussurrado e lânguido, tanto de homens quanto de mulheres, contribui com esse clima. São frequentes os áudios de gemidos, bem como conteúdos e diálogos de ordem sexual, que em regra narram um ato sexual ou expressam desejos mais íntimos e fetiches, como segue (ainda que nesse caso conduza a um anticlímax):

*A: - Quero você agora, aqui em cima de mim.*

*G: - Nossa! Fazendo o quê?*

*A: - O que você quiser, tô cheio de tesão, te atravessaria agora mesmo.*

*G: - Eu também tenho muito tesão em você, mas não sei se você pode me dar tudo o que eu quero.*

*A: - O que você quer, minha Nem?*

*G: - Quero que você seja meu escravo, se ajoelhe para mim, me lamba, me chupe como um cachorrinho.*

*A: - Nossa! Você é das mandonas. E então? Você quer ao vivo?*

*G: - Claro, ou você consegue fazer tudo isso pelo Zap (risos)?*

*A: - Nossa! Não sei. Agora você me pegou. Nunca recebi uma proposta dessas.*

*G: Sempre tem uma primeira vez e você pode não gostar, mas vai que gosta (risos).*

*A: É sério isso, ou você tá me zoando aqui no grupo?*

*G: - Não tô zoando não, pode perguntar, tem gente aqui que me conhece, eu gosto mesmo de trazer um macho na correntinha (risos altos).*

*A: - Risos, to ficando sem graça.*

*(Diário de campo da Resenha, 12/11/2016).*

O diálogo ocorreu numa das noites em que fui adicionada para participar de um desses grupos ocasionais no WhatsApp. Do mesmo modo como eu pude acompanhar o diálogo, acionando o botão ‘play’ do aplicativo, os outros membros do grupo tiveram a mesma oportunidade. Durante essa conversa, que transcrevi numa sequência mais inteligível, diversos outros áudios eram enviados, uns em conversas paralelas, e outros curiosos, opinando sobre a indecisão do admirador, que se encontrava ‘sem graça’ como ele disse, um pouco surpreso, pelo que podemos inferir do diálogo, mas curiosamente pouco constrangido pela publicidade da sua conversa íntima. Essa modulação do constrangimento ilustra, de alguma maneira, a ambiguidade do meio com relação à intimidade ou publicidade das suas trocas, a modo de mediação intrínseca do dispositivo erótico nesse contexto: enquanto o caráter público, compartilhado, das trocas é condição necessária da excitação buscada, o diferencial de privacidade do WhatsApp em relação ao Facebook permite preservar o senso de intimidade também constitutivo da cena erótica.

Outros admiradores incentivavam o admirador, perguntando que mal ele via naquilo, que tudo era experiência. Concomitantemente, alguns praticantes de um sexo mais ousado, como eles dizem, apresentaram-se e esclareceram muitas dúvidas que corriam acerca daquela proposta de dominação, muito embora os termos dominação, subordinação, SM e BDSM, não tenham ocorrido. Diversas mulheres e outros não praticantes de um sexo

prescrito nesta seara também opinavam e mostravam curiosidade. Ao longo da conversa, que ora concentrava-se no par que negociava o sexo, ora misturava-se, tornando a pauta coletiva, uma das mulheres presentes disse:

*Não acho que tenha que ter medo. Todos os homens aqui já são diferentes, porque gostam de gordas, gostam de mulheres muito gordas. Eu já saí com um cara do grupo que pediu para meter na minha banha, na dobra da barriga porque era quentinho e eu deixei. Nunca tinha feito isso e nem gostei, mas aqui já é todo mundo meio errado mesmo. Gordas, homem que gosta de gorda, casais MG<sup>40</sup>, ninguém é obrigado, mas acho que não precisa ter medo.*  
(Áudio gravado em conversa no grupo do WhatsApp, mulher gordinha, 43 anos).

Na sequência das muitas intervenções que ali ocorreram, o casal decidiu continuar sua conversa ‘no privado do WhatsApp’, como nomeiam as conversas de um a um nessa plataforma, e não informaram ao grupo o desenlace mais íntimo da troca. Do ponto de vista do grupo, o curso que esta tomou para o casal parece ser o menos relevante diante de tudo que pude observar do enredo.

A conversa citada confirma os apontamentos de diversos autores (Parreiras, 2009; Leal Guerrero, 2011; Sivori, 2013; Farman, 2015 e Kizel, 2016) sobre a percepção de segurança por parte de usuários de redes sociais da internet, sobretudo quando estes manifestam identidades ou adotam comportamentos entendidos como desviantes, ou portam características estigmatizantes, como no caso das mulheres gordas. O WhatsApp, especialmente, oferece um maior nível de segurança automática, provida pela criptografia, tornando-se, em teoria, o mais seguro dentre os âmbitos de sociabilidade criados por e para gordinhas e admiradores para o compartilhamento de intimidades em grupo ou em pares. Não obstante, e apesar da promessa tecnológica de segurança (que é sempre relativa), é instigante pensar em que termos opera esse alto grau de confiança, que parece reduzir tanto o constrangimento (comum quando se publiciza intimidades), assim como o receio de vazamentos de conteúdos eróticos, com seu potencial de fofoca e mancha na reputação dos envolvidos (Petrosillo, 2015 p.44-45).

Diante do risco objetivo de vazamento de conteúdos num ambiente frequentado por cerca de 100 pessoas, podendo chegar a 220 (número máximo permitido pelo aplicativo WhatsApp), cabe refletir sobre as condições sociais e técnicas que permitem tal grau de confiança entre pessoas que não se conhecem intimamente.

Kizel (2016) argumenta que, em grupos da rede social WhatsApp, a impossibilidade de ver a reação do interlocutor (como acontece nas relações face-a-face) tem encorajado

---

<sup>40</sup> Casais MG – casais formados entre homens magros e mulheres gordas. Categoria de uso interno ao grupo.

condutas convencionalmente classificadas como mais íntimas. Para o autor, esses modos de comunicação têm poupado o transmissor/emissor (Goffman, 2011), pela ausência dos sinais evocados pelo corpo presente, da possibilidade de ser julgado, reduzindo desse modo a assimetria entre emissor e observador, aumentando a capacidade de ambos os membros da interação manipularem as condições mais gerais em que a troca se realiza, bem como os sentidos que esta adquire. O efeito é comum também ao uso de emoticons, que, em teoria, expressam estados de ânimo e réplicas emocionais ao emular sinais faciais e outros gestos, embora não comuniquem, necessariamente, uma reação fidedigna, muitas vezes, esvaziada de tonalidade.

Tive várias oportunidades de presenciar como performances convencionalmente classificadas como íntimas, sobretudo, dos vídeos caseiros de relações sexuais, eram calorosamente celebrados pelos participantes de grupos WhatsApp. Ainda que em regra trouxessem comentários como *'vai cair na rede'*, *'olha o vazare'*, *'vou vazar'*, dentre outros que sugeriam que a peça tinha potencial para ser divulgada na internet e se popularizar, em momento algum percebi que tais comentários produzissem constrangimento ou receio, nem por parte das mulheres, nem dos homens, de que sua reputação viesse a ser manchada. Ao contrário, sempre seguiram numerosas brincadeiras, em um clima visivelmente descontraído.

A chamada *'pornografia de revanche'*, na qual homens disseminam na rede imagens íntimas das suas ex-parceiras (atingindo notadamente destinatários socialmente significativos para as vítimas, como parentes, colegas de trabalho, membros de sua comunidade religiosa e etc.), tem sido considerada um tipo emergente de violência contra a mulher (Cavalcante e Lelis, 2016). As convenções de gênero fazem as mulheres tão vulneráveis a esse tipo de violência como a outros; mas o compartilhamento de imagens digitais tem aumentado significativamente os riscos de uma exposição diferenciada e de propagação e abrangência poderosas. Nesse contexto, cabe refletir sobre as dimensões tecnológicas e subjetivas da percepção de segurança baseada na confiança entre gordinhas e admiradores na rede social WhatsApp. Petrosillo (2015 p. 44 - 55), ao observar o fenômeno da *'explanção'* da intimidade de mulheres adolescentes em escolas brasileiras por parte dos seus pares masculinos, nota como esse vazamento não é a exceção, mas a regra naquele universo. Nele, a humilhação das suas colegas de escola torna-se instrumento necessário da construção de masculinidade dos rapazes – daí a correção de Petrosillo, que chama o fenômeno de *'pornografia de humilhação'*. A fofoca e difamação, que a autora destaca como instrumento de produção da desigualdade entre adolescentes, seria menos relevante no

campo desta pesquisa. No caso das gordinhas e seus admiradores, além da suposta maturidade dos envolvidos, que justifica um grau maior de comprometimento e responsabilidade pela capacidade de avaliar melhor os danos de uma exposição indesejada, as interações entre esses pares implicariam também certa modulação da assimetria de gênero, que a afasta da violência, para situá-la na esteira do cuidado.

Cabe analisar, neste caso, a dinâmica do ponto de vista de uma carreira moral da pessoa gorda, cujo corpo a marca como doente, em risco de adoecer mais, e com uma série de incapacidades e limitações, inclusive para viver sua sexualidade. Nesse sentido, o compartilhamento (categoria própria do universo digital que captura sua dimensão comunitária talvez, melhor que a mera ‘exibição’) de imagens íntimas comporta a celebração e afirmação de uma identidade. Angaria reconhecimento de sua potência corporal, rompendo o paradigma de risco que o corpo gordo habita. Assim, a percepção de segurança das gordinhas que optam por compartilhar suas imagens e falas eróticas no WhatsApp reverteria, não apenas pragmática, mas também simbolicamente, o predicado do corpo gordo sinal de risco.

A hipótese que levanto é que o risco objetivo de vazamento que essa exposição entranha – cujo potencial de publicidade é, de fato, alto – é mitigado pela confiança nos pares do grupo, comportada num acordo de discrição que é tácito e constitui-se cada vez que um ‘grupo WhatsApp’ é criado. Além, haveria uma certa despreocupação ‘pelo pouco a perder’. Quer dizer, se, por um lado, as gordinhas desfrutam da possibilidade de reencontro consigo próprias, e de revalorização de seus corpos; por outro lado, a prática reiterada do compartilhamento coletivo de imagens e sons sensuais produz um evidente relaxamento das suas normas de circulação. Haveria, então, uma certa desatenção quanto ao risco de ‘cair na rede’, como atestam os ‘*vai cair na rede*’ e ‘*vou vazar*’ que a audiência emite como forma de desafio e encorajamento, e a sensação de se tratar de um ato arriscado, transgressor, aumentaria seu potencial de excitação.

Tal potencial do ato transgressor se atualiza conjugado com a solidariedade e cuidado mútuo exercido tanto pelos admiradores como pelas outras mulheres. O contrato tácito do grupo parece assegurar a proteção contra vinganças ou sarros, na medida em que todos os participantes estão sob a mesma ameaça. Tal solidariedade não é menor para a construção de identidades coletivas, que surge quando os admiradores entendem que compartilham o estigma da gordura e o assumem com algum grau de publicidade (Cooper, 1998). A isso refere a fala transcrita acima, em que uma interlocutora situa o grupo WhatsApp como lugar do desvio para todas e todos os que ali experimentam (com suas)

corporalidades e desejos abjetos. São nessas bases sensíveis (sensoriais e morais) que se sustenta a percepção de confiança de quem experimenta-se nos grupos WhatsApp. Essa confiança é que tem possibilitado um ambiente amistoso e de aprendizado das possibilidades do corpo feminino gordo para o exercício de sua sexualidade, tanto pela circulação de vídeos, fotografias, *gifs* e áudios, como pelos comentários e discussões que elas suscitam.

As discussões incluem um alto número de participantes, que opinam e compartilham de experiências – que ocorrem em tempo real e as pregressas –, às vezes gabando-se de suas performances, ou compartilhando o que consideram desventuras. Quem entra em um desses grupos, dispõe-se a ouvir, ver e ler tudo que o que ali circula, delimitado pela experiência comunicacional multimídia das redes sociais. No WhatsApp, torna-se ainda mais dinâmica, por tratar-se de um aplicativo que garante acesso permanente à internet por meio da rede telefônica celular, todo tempo à mão. Kizel (2016) destaca, além do uso de mensagens escritas e ‘emoticons’, a possibilidade de envio de áudios, e a capacidade que o aplicativo oferece para assistir e participar de conversas em ‘tempo real’. As dinâmicas de grupo no WhatsApp proporcionam, nesse sentido, uma experiência de multidão – com 100, 150 e até 200 participantes, composta por um público atento, disposto a comentar, explicar, observar, questionar, fazer eco – ao modo do coro do teatro grego.

Em comparação com o Facebook, pode-se dizer que as interações nessa plataforma são marcadas por maior intimidade, grau de confiança, e a paradoxal efemeridade do vínculo.

*Grupo de zap (como é apelidado o WhatsApp) nasce para acabar. É diferente do grupo no Facebook. Porque é para aquilo... você já se esquentou, já sabe de quem está afim e tal. Vai para o zap se rolar rolou, se não rolar não rolou, não tem essa de ficar de papinho né? Lá a coisa é mais direta. Todos já sabem mais ou menos o desenrolo (desfecho) ... para que ficar naquele grupo depois? Vai saindo um a um, cada um vai fazendo seus contatos até que acaba.*  
(Conversa-áudio salva no WhatsApp com mulher gordinha, 29 anos, out. 2016).

Para Bauman (2004), uma sociedade em rede gera relações mais ágeis, mas, paradoxalmente, mais fluídas e fugazes, que seria uma característica dos vínculos no âmbito do WhatsApp. Entretanto, o comportamento de gordinhas e admiradores nessas redes sociais *online* distancia-se desse argumento. Se é verdade que a vida de um grupo WhatsApp é curta e efêmera, verifica-se também que, no ponto de sua dissolução, opera-se um refluxo para o Facebook, que renova a possibilidade de encontros e reencontros, mediados pelo sistema de elogios próprio do segundo. Da sua vez, essa dinâmica interacional gerará outros diálogos por *in box* e outros grupos de WhatsApp. Forjam-se, portanto, tanto lugares efêmeros para

relações que se pretendem efêmeras, como meios que permitem estabelecer vínculo mais duradouros para quem os busca.

Durante meu convívio com o grupo, foi relatado diversas vezes a criação de laços de amizade, já com anos de duração, por meio dessa tecnologia. Já foram compartilhados diversos acontecimentos relevantes da biografia de seus integrantes, como casamentos, nascimentos, mortes e separações. Tais eventos de significado pessoal complementam, junto com o erotismo das *selfies* e a indiscrição tão desejada das enquetes, o quadro de proximidade social mediada por tecnologias digitais. Fragoso (2015); Recuero (2011) e Farman (2015) retomam a crítica ao binarismo real/virtual (que evoca ideias do senso comum desses lugares como falso e verdadeiro), pouco pertinente para compreender a experiência social dos usuários da internet. É preciso entender as redes sociais como mais um lugar e uma possibilidade na sociedade, e não como um lugar apartado dela. Além de desconhecer a própria materialidade da produção dos meios virtuais, tal binarismo impede captar a colaboração entre o espaço virtual das redes sociais *online* e a sua continuidade física/presencial, bem como o lugar dos seus gestores como produtores de cultura. Ou seja, as experiências tanto ‘na rede’ como fora dela são os modos cotidianos particulares de interação e representação das sociedades contemporâneas. Por elas, constituem-se ideias, materializam performances e o próprio corpo, cumprindo ou não as mais diversas expectativas. A ênfase superficial na sua efemeridade apaga ou confunde suas profundas implicações.

O uso coletivo do WhatsApp responde ao desejo de experimentações de caráter mais íntimo, que o registro permanente e regulado do Facebook não permitiria. As sensibilidades que ele atinge instituem um grau de confiança que arrefece constrangimentos comuns e permitem um aprendizado coletivo sobre o corpo gordo feminino, a partir das experiências sexuais ali sugeridas e compartilhadas. Tal experimentação contribui também à valoração do corpo gordo feminino, apoiado na existência concreta de pares e de ‘admiradores’ desses corpos e das suas felizes portadoras.

Não obsta à materialidade tão densa dessa existência virtual seu eventual desdobramento em encontros ‘físicos’/presenciais. O terceiro e último fluxo de interações leva para esses lugares *off-line*, e se dá precisamente a partir das redes sociais *online*, conforme tratarei na próxima seção.

## 4.2 A resenha

‘Resenha’ é uma gíria designada para tratar encontros ocasionais, espontâneos ou marcados com antecedência, entre pessoas com variados graus de intimidade, com fins de lazer e confraternização. Eles acontecem comumente em locais públicos, como bares, parques e restaurantes. Em uma resenha, as pessoas conversam sobre assuntos variados, e têm a oportunidade de se conhecerem melhor. Os encontros presenciais entre membros do grupo Gordinha, mulher bonita do Facebook incorporam essas características, e são chamados, na página do grupo, *resenha do grupo de gordinhas* ou *resenha gordinhas*. As resenhas do grupo cuja gestão acompanhei durante meu convívio ocorrem em datas pré-fixadas, como o aniversário do grupo, comemorações juninas, natal, aniversário da dona do grupo, além de outras organizadas esporadicamente a partir de conversas no Facebook ou WhatsApp. Cria-se, desse modo, um repertório que permite a passagem coletiva do ambiente *online* para o *off-line*.

Não menos importante que a camaradagem coletiva, as resenhas propiciam a interação face a face de potenciais casais e, mais raramente, de outros tipos de relacionamento iniciados no ambiente *online*. Nesse sentido, o formato da resenha mantém a garantia de se tratar de um espaço seguro, de modo que permite seguir adiante no flerte, paquera ou para um encontro sexual, além de um eventual namoro, ou bem estabelecer um vínculo de amizade ou coleguismo, sem maiores constrangimentos.

Os convites ou chamados para as resenhas normalmente são feitos pelo Facebook, mas o evento organiza-se definitivamente através de um grupo ocasional do WhatsApp criado com esse fim. Esses grupos de WhatsApp levam em consideração o posicionamento geográfico dos participantes, reunindo indivíduos de uma mesma localidade, cidade ou região. Na cidade do Rio de Janeiro, onde eu estava localizada e conduzi minha observação participante, para a resenha, foram escolhidos locais frequentados por camadas populares, como o Piscinão de Ramos<sup>41</sup>, o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas<sup>42</sup> e o Parque

---

<sup>41</sup>Parque Ambiental da Praia de Ramos Carlos Roberto de Oliveira Dicro, popularmente conhecido como Piscinão de Ramos ou Piscinão da Maré, é uma área de lazer que consiste em uma praia artificial de areias de tombo em torno duma piscina pública de água salgada, instalada no bairro da Maré, na zona norte do Rio de Janeiro.

<sup>42</sup> O Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, também conhecido como Feira de São Cristóvão e Feira dos Paraibas, é um pavilhão que promove a cultura e o comércio de produtos nordestinos. Localiza-se na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, sendo o maior aglomerado de tradições nordestinas fora do Nordeste. Destaca a música, de ritmos nordestinos, entre eles o forró, e a culinária.

de Madureira<sup>43</sup>. Tive a oportunidade de participar de um desses encontros no Parque de Madureira. Especificamente, não se tratava de uma das datas pré-estabelecidas. Estendendo o conceito de Farman (2015) para os corpos gordos e femininos que esta dissertação trata, trechos da etnografia desse evento são relevantes para aproximarmos-nos da materialidade desses corpos e de suas expressões e usos na ocupação de espaços públicos mediada por tecnologias.

#### 4.2.1 Saindo da tela e ocupando o parque

Cheguei no Parque de Madureira pela entrada do bairro de Rocha Miranda, por volta das 18h de um sábado. Tomar esse caminho foi um erro de principiante e de quem desconhecia o lugar. Mas, ao mesmo tempo, esse equívoco permitiu que eu apreciasse a topografia, desenho e aparelhagem do parque, além da diversidade de grupos que escolhem aquele local para se reunir.

O parque é uma recente aquisição da cidade do Rio de Janeiro, e compõe o acervo das construções que a prepararam para as Olimpíadas de 2016. É um lugar muito limpo e organizado, cuidadosamente desenhado no estilo da arquitetura contemporânea sustentável, que contrasta bastante com o estilo arquitetônico eclético do entorno, caracterizado pela transição da arquitetura do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Com mesclas de estilos de construção, sobressaem as particulares casas grandes operárias e os conjuntos habitacionais comuns do subúrbio carioca. Uma grade alamburada cerca o parque deste seu entorno, criando uma primeira noção de dentro e fora. Por ela, e de dentro para fora, tem-se a visagem de uma duvidosa infraestrutura, além de uma ocupação peculiar da rua, pelas quais se organizam inúmeros vendedores ambulantes para toda sorte de artigos de pequeno valor e comidas, e também por onde convergem a moderna estação do *Bus Rapid Transit* (BRT), com a simples estação de trens urbanos, além da confusão gerada pelas paradas e terminais de ônibus e outros diversos veículos coletivos de transporte irregular, como vans e Kombis. Do lado de dentro, a visão é brindada com quedas d'água, lagos, chafarizes, pistas de patins e skate, quadras de esportes, centro cultural, palcos, ciclovias e quiosques, além de jardins e pergolados. Oferece diversas atividades e formas de entretenimento, que fui descobrindo enquanto caminhava, me dirigindo para o local do encontro com o grupo, no

---

<sup>43</sup> Parque de Madureira é um parque de 450 mil metros quadrados, inaugurado em 23 de Junho de 2012 e ampliado em 2015, situado no bairro de Madureira, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. É o terceiro maior parque da cidade, somente menor que o Parque do Flamengo e a Quinta da Boa Vista.

extremo oposto à entrada pela qual acessei o parque. Não obstante, sua sofisticada arquitetura evoca uma extensão do bairro, que dilui a impressão de apartamento deste dentro/fora, constituindo-o mais como um quintal do que um lugar de possíveis privilegiados, compondo e propiciando vivências diversificadas do espaço público local.

Passei por pessoas que passeavam e outras que faziam piqueniques; vi pequenos shows de música ao vivo nos quiosques distribuídos ao longo do Parque. Segui caminhando, observando a paisagem e o que nela era composto pelo movimento de diversas pessoas. Grupos familiares, LGBTQs, skatistas, ciclistas, adolescentes, idosos e crianças ocupavam as várias dependências do parque. Há diversas carrocinhas espalhadas pelo local, onde se pode desfrutar de pequenos lanches e guloseimas. Num jardim suspenso, estavam reunidos alguns adolescentes, que bebiam vodca, conversavam e ouviam vinis numa vitrola portátil. Ao descer esse jardim, me deparei com um quiosque, onde homens e mulheres de idades variadas distribuíam-se em mesas e dançavam um forró eletrobrega cantado por um artista local. Mais adiante, passei por uma rinha de MC's<sup>44</sup>, tudo em meio a muitas pessoas que utilizam o parque como via de passagem. Cheguei finalmente no ponto de encontro, o quiosque 100%.

O local indicado estava cheio de pessoas, e a dificuldade de encontrar um grupo de mulheres gordas, que até então eu achei ser coisa fácil, denunciou uma vez mais meu amorismo acerca do local, seus frequentadores e hábitos. Tratava-se de uma área grande, onde se reunia uma pequena multidão de pessoas de várias idades, gêneros, cores e tamanhos, mas, predominantemente, concentravam-se ali mulheres gordas. Tentei um contato pelo WhatsApp com meu grupo, sem sucesso. Explorei o lugar passando pela multidão, que dançava pagodes tocados por um grupo local. Buscava minhas interlocutoras pelo rosto que conhecia das fotos e *selfies* que circulam no grupo do Facebook e no WhatsApp, entretanto, o biotipo e a moda incorporada por quase todas as mulheres presentes dificultava essa busca. A opção de procurar pelos homens usando o mesmo recurso impôs limites semelhantes. Circulavam muitos homens negros de estatura média, mais ou menos fortes, aparentando entre 18 e 45 anos. Assim, me aproximei de cinco moças bem gordas que conversam numa mesa mais afastada do som, e disse que procurava por amigas que se reuniriam naquele local. Expliquei que se tratava de um grupo do Facebook e, antes de terminar a frase, uma delas interrompeu-me:

---

<sup>44</sup> MC's – mestre de cerimônia e rinhas são batalhas entre poetas ou 'verseiros' do Rap – expressão que compõe o movimento Hip-Hop, bastante popular no bairro de Madureira.

- *Ih, mas aqui a maioria é de grupo do Facebook, qual o nome do seu grupo?*  
 Respondi: - *É um grupo de gordinhas e admiradores chamado Gordinha, mulher bonita.*  
 Elas sinalizaram que não e disseram: - *o nosso aqui é Top Vips, mas se quiser pode se juntar. Esse não é só de gordinha, mas tem muita gordinha também (risos, apontando para seus corpos)*  
 (Diário de campo, encontros na Resenha, 12/11/2016).

Agradei, me despedi e abordei mais um grupo de moças. Uma delas disse:

- *Não, esse aqui é gordinha sensual. Hoje tem muita resenha gordinha aqui. Porque o quiosque 100% divulgou evento em vários grupos no Facebook.*

Percebi que, além da diversidade de grupos relatada, esse parque guarda um lugar para encontros de gordinhas e admiradores, que dele se apropriaram. Após essas tentativas, avistei as integrantes do meu grupo. Aproximei-me e, com boas vindas e servida de uma cerveja, fui recebida por todos que agrupados, naquele lugar, dançavam entre mesas num espaço ao lado do grupo de pagode. Comentei com Tamiris (uma moça do meu grupo) ter encontrado outros grupos ali. Ela e os demais riram, sugerindo a obviedade sobre minha observação. Tamiris disse:

*Sim, o parque é dez. Porque dá para geral (diversas pessoas) chegar, tem muito ônibus, o trem aqui perto, e o parque é de graça, né? A cerveja não é barata, mas a gente traz a nossa própria, então é por isso que vem gente de todo lugar, e muitos grupos de gordinha também. Tem muito grupo que se reúne aqui, já é tradição, a gente acaba até conhecendo membros de outros grupos do Facebook. O parque é o melhor lugar para reunir admiradores e gordinhas de todos os cantos da cidade, apesar de algumas pessoas acharem que já está muito repetitivo.*  
 (Diário de campo, encontros na Resenha, 12/11/2016).

Um rapaz do grupo (admirador) contou que vários outros grupos de Facebook e WhatsApp, como de Hip Hop, charmeiros, forrozeiros, LGBTs, encontram-se para resenhas regularmente no parque. Gordinhas é só mais um tipo de grupo das redes sociais que escolhe esse local para se reunir. Outras pessoas foram endossando as informações, que eu mesma confirmava pelo que tinha observado no passeio até aquele ponto. Entretanto, toda essa diversidade é possibilitada pela acessibilidade e oferta de transporte público, como relata minha interlocutora? Diversas pessoas com quem conversei consideram o parque longe das suas residências. No grupo com o qual me reuni, tive a oportunidade de encontrar moradoras da Comunidade do Galo (Ipanema), de Vigário Geral (localizada na Avenida Brasil, na divisa com a Baixada Fluminense), Rio das Pedras (Zona Oeste da cidade), Nova Iguaçu

(município da Baixada Fluminense) e outros. Desse modo, o que asseguraria este como um espaço para reuniões confortáveis e pacíficas para grupos estigmatizados, como de jovens negros, LGBTs e mulheres muito gordas, por exemplo?

De maneira geral, as pessoas identificam o parque como um ótimo lugar para tais encontros, pelas possibilidades variadas que ele oferece para entretenimento, pelas músicas e a descoberta de tanta variedade de estilos e modos de estar no lugar. Uma das mulheres do grupo destacou o fato de poder estar à vontade, sem se preocupar com a roupa, o tamanho e o comportamento. Definiu o lugar como um ambiente mais livre. A noção de acessibilidade descrita pela minha interlocutora parece, portanto, um produto de certo modo de organizar as vivências e a construção de narrativas sobre o lugar e as vidas que ali coabitam e encontram-se. Pode-se ainda considerar a internet, que, embora não atue como causa suficiente, tem favorecido a configuração desses espaços, delatando a interconexão do *on e off-line*. Quero dizer que, para além das questões pragmáticas e de ordem material acerca do acesso, não menos importante são as experiências anteriores e complementares com a corporalidade gorda. A recuperação da autoestima convergindo com um lugar físico que opera fronteiras semelhantes para esses exercícios de sociabilidade.

#### *Madureira. A fronteira.*

Em termos de apropriação coletiva do espaço urbano, a descrição acima denota um processo de ocupação que destoa com o que ocorre com outros equipamentos urbanos olímpicos, como o Boulevard (Região Portuária do Rio de Janeiro), que caracteriza uma área de intensa gentrificação (Gonçalves, 2014), ou as intervenções urbanísticas na Zona Oeste, em desuso público (Parque Olímpico, localizado na Barra da Tijuca). Para compreender a especificidade do Parque de Madureira, é oportuno pensar o significado histórico do bairro de Madureira para o Rio de Janeiro. Este tem um lugar simbólico e de destaque no subúrbio carioca. Situado no ramal Central do Brasil<sup>45</sup>, ele é considerado o centro da Zona Norte, com importância econômica e cultural para a uma vasta região. Abriga duas importantes e tradicionais escolas de samba da cidade, a Portela (fundada em 1923) e a Império Serrano

---

<sup>45</sup> A região dos engenhos e fazendas, afastada do litoral da cidade do Rio de Janeiro, começou a ser urbanizada no início do século XIX. O fator principal dessa ocupação decorre das modificações da geografia e economia da região que se aprofundou com a construção da ferrovia para trens urbanos, também no século XIX. Convencionou-se duas saídas ou ramais principais desses trens, que seguiram adentrando esses interiores, a partir de duas estações centrais, a mais antiga, chamada de Leopoldina, e a mais recente, Central do Brasil. As servidões de cada um desses ramais consolidaram bairros ao norte da cidade, conhecidos como bairros da Leopoldina e bairros da Central do Brasil, respectivamente.

(fundada em 1947) e ali nasceram diversos sambistas, poetas e artistas populares. Por isso, atrai intelectuais e artistas reconhecidos pela mídia de massas, além de pessoas comuns em busca de entretenimento.

Desde a década de 90, o Viaduto Negrão de Lima, importante acesso ao bairro, passou a abrigar o Baile Charme, um tipo de baile *Black*, cujo ponto alto são os passos coreografados e a moda *black*, que congrega uma diversidade de pessoas e, especialmente, jovens negros. Em 2013, o Charme foi declarado bem cultural de natureza imaterial da cidade do Rio de Janeiro. No ano de 2015, os organizadores do baile passaram a dividir o espaço sob o viaduto com o coletivo feminista Afro Funk Rio, que realiza bailes funks no local. O Hip Hop também é um movimento forte nesse bairro, que convive com outras expressões culturais, como poesia marginal, *rap* e shows de *bboys*<sup>46</sup> e *bgirls*<sup>47</sup>.

Todas as atividades culturais elencadas têm suas origens na resistência e preservação de identidades, em resposta a diversas formas de opressão. Temas como o extermínio da juventude negra, a igualdade racial, a vida do operário, a tolerância religiosa, educação, os direitos das mulheres, a misoginia e a homofobia são cotidianamente representados em manifestações artísticas e no modo de estar das comunidades que frequentam o bairro. Seus corpos materializam identidades e incorporam símbolos de resistência, seja através da poesia do hip hop, das letras e estética do afro funk, dos estilos de vestimenta e intervenções corporais a modo de uma eticalidade subalterna e interseccional. Destaca-se questão racial um elo fundamental na montagem desse universo, presente em diversas falas:

*'Daqui a pouco vão dizer nos jornais que pessoas pretas são proibidas na rua.  
Cabelo duro é pecado  
Beijo de mula é pecado  
Branco é bonito ser gay  
Mas preto é feio ser viado (SIC) ...'.  
(WJ, 2017. Leitura e poesia marginal – atos em Madureira)<sup>48</sup>.*

---

<sup>46</sup> *Breakdance*, também chamado da dança de ruptura, quebra, *breakdancing*, *b-boying*. O termo floresceu nos Estados Unidos, a partir de um estilo de dança desenvolvido em Nova Iorque, nos anos 70, caracterizado pela sua aparência acrobática e suas poses no chão (*strike a pose*). Um dançarino da ruptura é chamado *breakdancing*, B-boy (para o homem) ou B-girl (para mulher).

<sup>47</sup> Ver mais em Central Única das Favelas – CUFA – Organização não governamental <https://www.cufa.org.br/>.

<sup>48</sup> Após o assassinato do jovem negro Michel Marcolino, atingido por um tiro da polícia militar no bairro de Madureira, diversos atos no Parque de Madureira e no Viaduto Negrão de Lima foram organizados para discutir o racismo e a violência policial. Dentre essas atividades, alguns textos dirigidos à temática foram declamados na roda de leitura de poesia marginal, já habitual no bairro, donde segue o trecho acima, que pode ser assistida na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=wRcnrxRq2L4&t=4s>. Treze meses antes desse acontecimento, foi organizado outro importante protesto pela Central Única de Favelas – CUFA, e documentado pela ONG Geledés, em razão da chacina de 5 jovens negros alvejados com

*Uma mulher gorda e branca ainda abusa né? Tem um cabelão, dinheiro para roupas de lojas especializadas em gordinhas, mas para nós, pretas, só o mercadão de Madureira mesmo. A gente é recusada na sociedade por ser gorda e preta, nem sei o que vem primeiro. Vão dizer que ser gorda é ruim, ser gorda e preta é difícil.*

*(Diário de campo, encontros na Resenha, 12/11/2016).*

Como destaca Farman (2015), a história do lugar habitado é constitutiva das narrativas que orientam os corpos no espaço. Essa memória os engaja em experiências sensoriais que tematizam tanto a história contada como aquela excluída das narrativas, em uma disputa constante na experimentação do espaço. Os usos do corpo cumprem certas expectativas, mas também as colocam em tensão, ao apresentar novas possibilidades de movimento e afirmação de identidades, ora negras, gordas, femininas, operárias, suburbanas, ou todas ao mesmo tempo.

Gloria Anzaldúa (2007) aborda a fronteira como um lugar de dimensões discursivas e materiais, pelas quais se criará uma nova consciência mestiça, a partir de tensões culturais, políticas e econômicas, podendo alterar as noções colonizadas dos corpos e sujeitos. O espaço (virtual e físico) habitado pelas gordinhas e seus admiradores configuraria, nesse sentido, um território fronteiriço. Para a autora, as fronteiras, ao tempo que indicam limites fixos e totalizantes, permitem também um entrecruzamento que gera um movimento de fuga do aprisionamento, produtivo por seu hibridismo, fluidez e possibilidade de transitar entre lugares distintos e construir narrativas mais autônomas e empoderadas sobre o espaço e sobre si mesmas.

\* \* \*

Após a primeira saudação, circulei pelas mesas, acenei para várias pessoas, e entre cumprimentos, apresentações e brincadeiras simpáticas meu entrosamento foi acontecendo. Marta, a dona do grupo do Facebook, estava nesse encontro. Em meio a breves conversas, ela veio até mim dando boas-vindas, ofereceu a comida que estava disposta na mesa (sanduiches e salgadinhos) e disse que eu ficasse à vontade.

Eu não estava exatamente à vontade. Ao contrário da inserção no grupo *online*, a interação face a face e minha linguagem corporal denunciaram certo estranhismo. Como

---

111 tiros da polícia militar no bairro de Costa Barros, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Imagens e informações mais completas podem ser acessadas em:  
<http://www.geledes.org.br/madureira-pede-o-fim-do-extermio-da-juventude-egra/#gs.r4yuu7E>

formula Goffman (2004), os sinais que eu emitia nessa interação, incluindo seu conteúdo verbal, colocavam-me sob julgamento rigoroso dos demais atores. Em suas observações etnográficas no Recife, Bonetti (2009) afirma, como Goffman (2004) na sua teoria sobre os símbolos e representações nas interações cotidianas, que adornos podem criar aproximações, similaridades ou distanciamentos. Algumas mulheres comentaram que eu não era gorda ou tão gorda. Nada disso feito de forma ostensiva ou agressiva, mas tocando em pontos delicados, uma vez que mulheres consideradas magras não participam dessas atividades. O destoar nos gestos e na fala, de minha indumentária em relação à moda predominante (que deixava os corpos das minhas interlocutoras bastante mais à mostra que o meu), semeou a dúvida, sujeitando-me à checagem sobre se eu poderia participar legitimamente da interação ou não.

Marta pediu em voz alta que servissem cerveja à convidada, no caso eu, e foi a partir desse lugar, inicialmente, que pude seguir observando e conversando. Desse momento em diante, circulei entre eles parando em vários grupos menores para conversar. Devia ter cerca de 25 a 30 pessoas no encontro. Algumas já se conheciam pessoalmente, mas, para outras, esse era o primeiro contato *off-line*. Penso que isso tirou o foco da convidada. E assim me misturei, mostrando interesse e sendo parte do interesse de muitas daquelas pessoas. As conversas diluíram aqueles incômodos iniciais, recuperando meu lugar de membra e observadora.

Os assuntos eram variados e acompanhados de muita animação; a interação é entusiasmada nesse ambiente. Tocavam-se muito, abraçavam-se, dançavam, faziam piadas e riam o tempo todo. Pude notar muita troca afetiva, para além do interesse sexual. Algumas pessoas permaneceram sentadas nas mesas, mas a maioria de pé e circulando, o que possibilitava diversos contatos sucessivos, e uma permanente movimentação dos corpos pelo espaço, tudo isso em meio a muita comida e bebida, que variavam entre salgadinhos e sanduíches, levados pelas mulheres, e cervejas, por vezes compradas no local, mas também as trazidas de casa e acomodadas em bolsas térmicas contendo gelo. Tudo preparado com antecedência, com arrecadação de dinheiro e compra dos quitutes, visto que as despesas são distribuídas igualmente entre os participantes.

A dança ocupa um lugar de destaque nesses encontros. Muitos admiradores a ela se dedicam como *hobby*. É comum que façam dança de salão, ou sejam passistas em escolas de sambas da cidade. Por meio da dança, os homens podem cortejar e se exhibir ao mesmo tempo. Eles cortejam a mulher com quem dançam, e exibem-se para as demais e para os outros admiradores. Os homens tiram as mulheres para dançar. Esse geralmente é um papel

dos mais velhos, enquanto os admiradores mais jovens ficam a observar e comentar em tom de admiração, assim como as mulheres, que se esmeram no julgamento do ‘dançarino’. Comentam se a dança está elegante, boa, bonita ou não, e especula-se sempre sobre a relação entre o desempenho na dança e o desempenho sexual.

Enquanto eu observava, atenta aos comentários, uma das mulheres percebeu e disse:

- *Só observando, né?*

- *Sim.*

- *Mas isso aqui ó (fez um remelexo com o corpo e as mãos na cintura) a dança é como sexo, você não acha?*

- *Não sei. Por quê?*

- *Ah sei lá, você vê o cara dançar estabanado imagina o que? E aí você vê o outro dançando agarradinho sem errar, sem fazer firula, imagina o que?*

*Não respondi, fiz cara de dúvida.*

*Ela falou:- O sexo também é uma dança. E a gente vem aqui para conhecer gente e com sorte dançar, né?*

- *E você dança?*

- *(Risos) todo mundo, uns melhores que outros, mas daqui ninguém sai sem um par, (risos). Tirando as brincadeiras e duplos sentidos, todas aqui já ficaram com alguém do grupo, não hoje especificamente, mas a gente está no grupo também para isso, e com sorte dançar (risos).*

*(Diário de campo, encontros na Resenha, 12/11/2016).*

*Ser servida. Agência.*

Em regra, as mulheres são servidas de bebidas e comidinhas o tempo todo. Os homens incumbem-se disso. Com os rapazes mais jovenzinhos, a interação ocorre quase toda nesse âmbito, visto que eles não dançam e parecem mais tímidos. Eles conversam mais entre si e com os homens. Esse papel desempenhado pelos homens mais jovens (entre 18 e 25 anos aproximadamente) integra-se à sorte de pedagogia produzida de forma voluntária entre ‘lobos’ e ‘lobinhos’, além da sua função no cortejo, muito bem-vindo pelas mulheres. Elas são encaminhadas a seus lugares e ostensivamente protegidas da multidão. Por diversas vezes, um ou mais admiradores as acompanharam até o banheiro, e tão comum quanto isso era a pergunta reiterada sobre se estava tudo bem ou se estavam precisando de alguma coisa.

Tal performance complementar entre gêneros configura alvo fácil de crítica para algumas vertentes do feminismo, sugerindo uma limitação à agência das mulheres, uma forma de ‘pacificação’ das disputas nas relações e uma distribuição desigual de papéis entre o espaço público e o privado. Em contextos distintos, mas de gestos aproximados ao que Saba Mahmood (2006) investiga<sup>49</sup>, as interações que montam o universo ‘gordinha’ e

<sup>49</sup> Saba Mahmood defende uma separação entre a noção de agência e resistência como passo necessário para pensar formas de vontade e políticas que não se adequam às normas seculares e liberais feministas. Faz essa

‘admiradores’ incorporam incômodos que sugerem subjugação das mulheres, conservadorismo social, atavismo reacionário e pobreza cultural. Não obstante, essas experiências carecem de ser analisadas sem a redução do fenômeno e dos produtos complexos dessas associações. Ao contrário, deve-se centrar nas concepções de *self*, agência moral e empoderamento que estrutura as práticas desse movimento não liberal, como argumenta Mahmood. A presente análise, portanto, localiza-se para além do binarismo subordinação x subversão, ou de um modo de dominação ao qual só é possível sucumbir ou resistir, assumindo ferramentas analíticas para pensar a agência feminina inserida em contextos de subordinação. Com o afastamento esquemático e epistemológico do sujeito libertatório normativo do feminismo pós-estruturalista, e atenta para os termos que as próprias mulheres usam para organizar as suas vidas e seus coletivos, não como mera glosa de ideologias universalizantes, mas na singularidade das malhas de poder e moralidades em que se inserem.

Sem ser apelidada de ‘resistência’, a agência feminina das gordinhas coloca em tensão as hierarquias e relações de poder a partir dos seus significados locais. Para uma mulher gorda, ser cortejada, protegida, admirada nos espaços públicos não se trata, pois, de subverter a regra, mas de ressignificá-la dentro de um contexto específico. Trata-se de um terreno ambíguo, onde as assimetrias podem encontrar solo fértil para se fortalecerem, mas, ao mesmo tempo, perturbam a compreensão das relações fundadas no pensamento liberal. Como se as próprias interações fossem uma espécie de *torque force*, ou seja, aquelas que mobilizam vetores opostos, de força e resistência similares, que produzirão um giro, ou uma guinada; uma agência que produz agências. Não parece pouco relevante tal movimento e empoderamento, que, por fim, disputa diversos nuances do poder dominante com garantias de conquista do espaço público para essa pequena multidão de mulheres de carne e osso, negras, pobres e gordas, que tem, nos varões admiradores, seus aliados.

\*\*\*

Adiante nesse dia de campo, presenciei dois encontros iniciados nas redes sociais. O primeiro deles foi de um casal que se encontrava pela primeira vez pessoalmente, mas paqueravam-se há algum tempo no grupo *online*. O homem declarou-se apaixonado pela

---

sofisticada elaboração a partir da análise das práticas do movimento petista feminino integrado no revivalismo islâmico egípcio. Tece críticas importantes referentes à virada discursiva pós-estruturalista e a construção de um sujeito normativo do feminismo. Apoia-se, e vai além das, produções de Butler sobre agência, considerando o contexto específico das intervenções desta autora, em que desenvolve trabalhos e intervenções políticas influenciadas pela preocupação com a violência que a normatividade heterossexual traz à cena. *Ver mais em*: “Gender is burning” (Butler, 1993; 2001). Sobre esse referencial, Mahmood desenvolve seu pensamento sobre agência como algo a ser entendido como dimensão performativa, como práxis política, destinada a perturbar discursos dominantes de gênero e sexualidade.

moça e disse que pensa em compromisso. Ela, por sua vez, um pouco sem graça, disse que estavam conhecendo-se, e que às vezes os homens do grupo são um pouco apressados. O segundo casal, embora estivesse no primeiro encontro presencial, já tinham uma relação, como informou. Relataram ter iniciado uma paquera no grupo do Facebook, migraram para um grupo do WhatsApp e depois seguiram conversando ‘no privado’ desse aplicativo, onde passaram a se conhecer melhor e mais intimamente, ao ponto que compreenderam que ambos queriam um relacionamento sério e presencial, como ela relatou.

Durante a resenha, contudo, não se nota muitos contatos íntimos, beijos e abraços típicos do dito ficar, nem intimidade devassada, ou ainda aproximações de índole mais evidentemente sexual. Os jogos de sedução são difusos, e confundem-se com trocas afetivas de outro nível e intenção: danças, troca de beijos e abraços, mas nada que deixe explícito a definição ou formação de um casal ou outro arranjo qualquer. Exceção disto são os casais como os dois relatados acima, para quem a resenha foi a oportunidade de concretizar (em um marco de segurança e de reconhecimento coletivo) arranjos definidos de antemão.

Por volta das 22:00h, as atividades do parque se encerraram e, junto com elas, a festa do quiosque 100%. Nesse momento, os integrantes do grupo iniciaram suas despedidas, ao tempo que aconteciam conversas mais reservadas entre pares que interagiram de modo mais próximo durante a noite e acertavam-se em definitivo propostas mais claras e diretas sobre a possibilidade de um encontro mais íntimo. Nessas conversas, pude perceber sins e não, de homens e de mulheres. Sem maiores constrangimentos, casais formados, tanto quanto grupos de amigos, seguiram para fora do parque em direção a seus destinos.

Do ponto onde estava, tive uma visão privilegiada, que mais uma vez confirmou a diversidade que habitava o parque. Sentei-me próxima ao portão de saída, onde esperei por quatro mulheres que iriam acompanhar-me até a estação de trem. Nesse momento, pude notar mais de perto os passantes. Tanta gente, tanta cor, tipo e estilo. Parecia óbvio que as gordinhas e admiradores tenham escolhido aquele espaço como lugar para expressar sua corporalidade livremente. Afinal, muitos outros corpos desviantes já se movimentam por lá. Como afirma Farman (2015), um objeto tende em direção a alguns corpos mais que outros, constituindo este como palco para gerar uma ação específica, veja o caso das bolas e do malabarista. Do mesmo modo, para o autor, alguns espaços são feitos por alguns tipos de corpos mais que por outros, de modo que a relação do corpo com esse espaço não se produz apenas por adentrá-lo e experimentá-lo, mas por um hábito que envolve sua negociação entre situá-lo como corpo particular no espaço, mas também, o espaço dentro deles.

\*\*\*

As interações gordinha-admirador, a partir de distintas performances e nas suas particularidades, constroem e legitimam os três âmbitos apresentados nesta etnografia. A ética que subjaz a esses arranjos espaciais integrados suscita um respeito aos limites estabelecidos para o corpo e para cada performance, regulando sua intimidade e publicidade, e garantindo, desse modo, a disponibilidade de diversos usos e expressões do corpo, bem como a variedade de afetos e erotismo que neles são compartilhados. Contudo, em todos esses âmbitos, a erotização do corpo gordo inscreve-se numa mesma dinâmica; a de se expor e ser admirado, em que gordinhas se mostram em busca do elogio e admiradores em busca de aceitação ou para serem escolhidos, em um jogo de sedução – com ressalvas sobre a resenha, onde notadamente os homens exibem-se mais, seja no movimento da dança, ou nos préstimos que oferecem às mulheres. Elas e eles montam, através dessas trocas, um mercado erótico-afetivo, com bens e valores específicos, mas que ao fim integram um mesmo sistema de valoração ou revalorização do corpo gordo feminino.

O Facebook apresenta-se como um universo bem maior e em expansão, de interação mediada, centrada nas *selfies* e enquetes, submetidas a uma política rigorosa de regulação da privacidade, onde todo conteúdo produzido passa a ser propriedade compartilhada com empresa dona (em sentido diferente do utilizado pelos integrantes do grupo para Marta) do Facebook. Desse modo, o fluxo para o WhatsApp é naturalizado como meio para, e onde muitos vão, interagir diretamente entre si pela primeira vez, sem a mediação pública do Facebook.

O WhatsApp, por sua vez, abre um espaço para outra moralidade com relação aos corpos e os afetos, onde a sexualidade é exercitada com mais intimidade, escapando da norma ordinária do olhar mais público, e propiciando uma maior liberdade para o erotismo gordo. Não sei julgar se isto deve-se apenas às possibilidades brindadas pelo ambiente criptografado, ou seja, ‘secreto’, protegido, ou a outras não captadas com precisão pela abordagem escolhida nesta pesquisa. Guerrero (2011, p. 43) traz a noção de anti-estrutura ao tratar do *dark room* como um lugar de concessão à regra, instalado no subterrâneo dos mais ordinários estabelecimentos em Buenos Aires. Dentro da estrutura, submetido à toda sorte de regulação, como as inspeções sanitárias, por exemplo, este constitui uma passagem para outro mundo, onde a única coisa que pode em igual, após o atravessamento, é sair dele. Do mesmo modo, o WhatsApp, sub-repticiamente, é apropriado para um uso que escapa das convenções morais da sociedade. A ideia de algo corruptor, anti-estrutural nesse sentido,

ilumina as capacidades que este espaço apresenta para as vivências relatadas, produzindo da sua vez a sensação de confiança que brevemente discuti.

O trânsito por esses espaços e através das suas fronteiras forma um circuito onde, nas interações, vão sendo elaboradas identidades, e recriando-se os espaços como lugar da expressão da corporalidade gorda feminina. A despeito dos limites do grupo do Facebook, além do seu lugar fundacional, ele é relevante por sua estabilidade. Ele funciona como uma espécie de porto seguro, para onde as gordinhas e admiradores, como navegantes da *web* e de espaços *off-line*, sempre voltam. A capa pública do grupo no Facebook possui um papel estratégico, pela possibilidade da busca ativa com uso de descritores e a visualização permanente da página. Ele pode sempre ser localizado por qualquer internauta, ao contrário dos grupos de WhatsApp e da própria resenha, sem contar que amigos e contatos estarão muitas vezes adicionados nas páginas de Facebook pessoais dos membros.

Apoiada nos argumentos de Farman (2015) para interações que congregam o *on* e o *off-line*, a resenha é importante como reconhecimento de parte de um contínuo que alimenta e se retroalimenta das interações *online*, numa construção de corpos sensorialmente inscritos no espaço e que leva em conta seu envolvimento fenomenológico com o mundo. Não obstante, se cada âmbito oferece um tipo diferente de experiência, seria difícil estabelecer uma clara hierarquia entre eles. A partir desta análise e da minha experiência como membra e observadora, apenas posso afirmar uma evidente interdependência entre eles. Resta apenas reconhecer a competência das gordinhas e admiradores na configuração desses lugares, como espaço de criação de um conjunto de valores legítimos com relação à corporalidade gorda. Há, a partir dessa gestão, deslocamentos importantes nas suas vivências íntimas e nos modos de compartilhá-las coletivamente e torná-las públicas, desafiando a discricção à qual o estigma da gordura as condena. Inversamente, a admiração e desfrute do corpo gordo feminino cria estilos e uma estética – situada talvez em um ponto intermediário entre o corpo hegemônico e o bizarro ou doente, que tanto disputam nossas atenções e reconhecimentos.

## 5 A CORPORALIDADE GORDA: ASPECTOS AMBIVALENTES E AMBÍGUOS

As interações entre gordinhas e admiradores expõem o potencial afirmativo do corpo gordo feminino, e abrem para este uma série de possibilidades. Através do sistema de elogios e da configuração de diversos espaços de experimentação e aprendizado, ou seja, da pedagogia dessa corporalidade, geram-se novas compreensões e valorações do par gordinha-admirador. Neste capítulo, discutirei a dimensão erótica acionada nessas experimentações com a corporalidade gorda. Argumento também sobre as ambiguidades que o dispositivo erótico tem produzido nessas relações de gênero. E como, a partir desses acionamentos, acontece a criação de espaços de questionamento de certa aparência normativa para as mulheres, que subsiste justificada e ancorada nos discursos de saúde, assujeitando a corporalidade gorda. No contexto da ‘transição nutricional’ referida na introdução, discutirei o fenômeno das ‘gordinhas e admiradores’ como uma clivagem nas formas de construção da corporalidade gorda, que desloca o corpo gordo do lugar de mau corpo, para o de corpo bom ou útil, configurando um senso de diversidade corporal.

### 5.1 Dispositivo erótico: disputas entre ser ou não ser

Os usos e valoração da corporalidade gorda feminina que emergem da interação entre gordinhas e admiradores evocam significados de potência, capacidade, beleza e sensualidade. Chama atenção, contudo, como esses corpos desvalorizados pela sociedade conseguem produzir tais noções acerca de si. Estas repercutem em outros sujeitos, e em diversos espaços, configurando uma arena onde se gesta a possibilidade cotidiana de usufruir do corpo gordo. O dispositivo erótico é central nessa experimentação através de trocas *online*, ora *off-line*, nas quais o corpo gordo feminino se localiza como objeto principal das interações. Nesse ponto, as reflexões de França (2012) sobre a constituição da cena dos ‘ursos’<sup>50</sup> na cidade de São Paulo, oferecem pontos de contato interessantes com o universo gordinhas e admiradores. A autora descreve como a internet no fim dos anos de 1990 teve importância para atrair homens gays gordos, bem como àqueles que se afeiçoavam e desejavam este tipo de corpo, cuja movimentação organizaria posteriormente a identidade do gay *urso* na cidade de São Paulo. O movimento se estendeu do âmbito *online*

---

<sup>50</sup> *Urso* é uma subcultura da comunidade gay masculina, e também uma identidade específica, montada sobre um tipo físico de homens, que tendem a ter corpo peludo e barba, sendo grandes ou pesados; entretanto, a questão principal da comunidade ursina reside na aceitação corporal em oposição aos ideais de beleza. Os admiradores de ursos são chamados *chasers*.

para o *off-line*, até o estabelecimento de uma festa em local fixo, chamada *Ursound*<sup>51</sup>. França (2012 p. 133-191) destaca o modo como os ursos resignificaram seus corpos dispensando modificações. Eles instituíram *lugares* para sua circulação e estabeleceram um mercado erótico que valorizou os atributos da gordura. Desse modo, suscitam controvérsias entre a norma e o que esses corpos compõem e performam em seu devir erótico.

Embora a aproximação com o universo das gordinhas e admiradores no Facebook no Rio de Janeiro requeira cautela no que tange à classe social, gênero e orientação sexual dos grupos pesquisados, os achados de França permitem abordar o corpo gordo como capital da experiência, tendo o dispositivo erótico como elemento significativo no âmbito das trocas afetivas e sexuais. Entre gordinhas e admiradores, o sistema de elogios e a maneira como esses corpos circulam firmam-se como estrutura-estruturante de certa sensibilidade (Duarte, 1999), por meio da qual o corpo gordo feminino passa a ser visto e compreendido de modo alternativo, além do que supõe o binarismo doente/saudável, feio/bonito prescrito pela norma biomédica/estética. Através de um modo particular de ‘sensualizar’ o corpo gordo feminino, institui uma gramática específica para sua compreensão, e aprende-se uma nova sensibilidade. Esse novo marco permite desfrutar de modo diferente a relação com o próprio e com o que o cerca. Como França (2012) e Simões e França (2005) afirmam a respeito da cena ursina, posso dizer que, para as gordinhas, os grupos de Facebook e espaços sucedâneos produzem visibilidade e valorização, resignificam atributos e estabelecem um mercado erótico-afetivo e sexual que, de modo particular, impulsiona e alimenta esse fluxo de percepções e novas significações.

Assim, é imprescindível captar o lugar do erótico e seus meios para compreender melhor seus efeitos, e como opera esse dispositivo com relação às noções hegemônicas sobre o corpo gordo. As discussões de Agamben & Assmann (2007) sobre os dispositivos que capturam os usos dos objetos, a desativação desses dispositivos e a ideia de profanação oferecem elementos para compreender a retomada ou descoberta de sentidos para a corporalidade gorda feminina nas interações suscitadas no grupo analisado. Segundo este autor, o aprofundamento num modo de vida capitalista permite a mobilização dos dispositivos que capturam os usos que os indivíduos fazem dos objetos, incluindo o próprio corpo, dentro de uma lógica econômica utilitária. Nesse sentido, o dispositivo biomédico e o

---

<sup>51</sup> *Ursound* é uma festa gay caracterizada pela diversidade de público que atrai na cidade de São Paulo. Compõe a cena *ursina*, sendo ponto de encontro dos *ursos* e *chasers*. Ela acontece pelo menos duas vezes por mês no Hotel Cambridge, no centro da cidade.

dispositivo erótico podem ser entendidos como relacionais na disputa de poder para esses usos.

O aparato tecno-médico, mobilizado com um saber-poder-fazer (Foucault, 2014 p. 234-239), constitui o corpo gordo como desviante, capturando seus usos e assignando a ele uma noção de pouca utilidade. Não são raras, nesse sentido, as associações do corpo gordo com falências, lentidão, preguiça, assexualidade, além da espantosa obviedade de sua classificação como doente. Para Foucault (2014)<sup>52</sup>, um corpo desviante ou ‘em falta’ é também constitutivo da norma, por se tornar alvo de punição exemplar. Ele não corrompe, mas reforça a norma, movimentando subjetividades na direção oposta. Como diz Agamben<sup>53</sup>, *‘a superstição pode ser mais forte e eficaz que a religião para a própria religião’*. O corpo gordo torna-se mais operante como algo a ser afastado do que o corpo magro como algo a se aproximar. Não obstante, se o corpo que escapa à norma também a constitui, pode-se pensar o quão maior é o potencial disruptivo dos usos desviantes desse corpo. Como e em que circunstâncias, então, os usos do corpo das gordinhas, com seus admiradores, ‘desativam’ o dispositivo biomédico ou o tensionam a disputa de poder sobre os usos desses corpos?

Podemos dizer que isso ocorre quando esses usos não estão conectados ao dispositivo de poder, ou não respondem produtivamente a este; ou seja, quando as ações, omissões, coerções, intervenções e correções do corpo gordo deixam de ser agenciadas exclusivamente em função da economia utilitária do regime que tem capturado suas potencialidades. Quer dizer, algo que passe pela reconexão com as necessidades do corpo realmente sentidas, mais do que as prescrições normativas. Desse modo, o acionamento de certo prazer consigo, reverberaria tanto em relaxamentos, quanto na soma de alguns cuidados com esse corpo, seja na forma como se montam para as *selfies*, ou como estabelecem uma rotina de lazer, ou no retorno às visitas ao posto de saúde, especialmente no que tange à saúde ginecológica, exames de rotina e controle da pressão arterial, como diversas vezes me foi relatado durante a pesquisa, e comenta Sandra, uma gordinha de 32 anos.

---

<sup>52</sup> Em sua análise sobre poder-corpo, Foucault discute que o século XVIII, visto pelo ângulo da libertação absolutista, despreza as formas como o poder se reorganizou. O autor afirma que através de relações de poder complexas, o domínio e a consciência do corpo só puderam ser adquiridos pelo poder, envolvendo diversos tipos de regulações e disciplinamentos, onde a punição é gerada não mais por um agente externo, mas pelo sentimento de falta ou falha, que move subjetividades em direção ao normal. (Foucault, 2014 p. 234-239).

<sup>53</sup> Palestra proferida no evento Conversaciones com filósofos. UNSAN – Universidade Nacional de General San Martín. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_lc3kcJzYbs](https://www.youtube.com/watch?v=_lc3kcJzYbs)

*'Eu cuido da minha saúde, não é porque sou gordinha que tenho que me atirar de uma ponte, ou fazer qualquer outra coisa suicida. Gordinha sim, mas com saúde. Como gordinha sei que tenho mais chances de ter problemas de saúde, então voltei a ir no posto[...] faço os exames que me pedem, às vezes dá alguma alteração tipo colesterol, essas coisas, mas não sou doente, me sinto bem no dia a dia e me cuido. Não sigo à risca o que o pessoal do posto manda[...] mandaram eu tomar um remédio de baixar o colesterol, fazer uma dieta e exercício físico. Daí eu tomo o remédio, controlo o que como, mas às vezes dou umas vaciladas, fim de semana, nunca dá para ser direito. E antes de ir lá (no posto) eu já estava fazendo aula de dança do ventre, porque aqui na associação da comunidade apareceu uma professora que cobra só R\$ 20 reais e ela não recusa alunas gordas, falou que era para todas, até contou para nós que as melhores dançarinas têm culotes, seios grandes e um pouco de barriga, porque é uma dança que se balança, né?*

*-E você falou que voltou a ir no posto, por que parou e por que voltou? Como foi isso?*

*-Ah, não sei, eu me separei, como você já sabe, ficamos eu e minha filha de 9 anos que também é gorda, foram anos muito difíceis. Eu não queria ser exemplo de uma mulher desleixada, triste e deprimida para a menina, por isso voltei a me cuidar mais. Eu vou no posto, mas é sempre aquela coisa chata, a primeira coisa nunca é saber como está, mas dizer que você tem que emagrecer, mas agora eu não ligo, passo o filtro na conversa do médico (risos), sei que ele se preocupa, mas eu não estou doente e me cuido para continuar assim.*

*- Mas aconteceu algo em especial que tenha te impulsionado para se cuidar?*

*- Então, ela (a filha) em primeiro lugar, mas sem dúvida as amigas e todo o pessoal do grupo. Essa coisa de que a gente não ter que morrer por ser gordo, aprendi lá, porque antes a vontade era morrer mesmo. Imagina: eu não pensava em namorar, em trabalhar, em fazer nada. É por causa do grupo que saio, eu trabalho numa chácara com agricultura orgânica, aprendi a plantar, passeio, falo com diversas pessoas, a vida foi acontecendo junto com o grupo, sabe? Saí de uma coisa que só ficava parada choramingando. Eu te garanto que o grupo é muito importante para essa questão da autoestima, não só para mim, mas para todas. E quem tem autoestima (elevada, no caso) se cuida. '.*

*- E você pode falar um pouco desse resgate da autoestima? Como ele ocorreu para você?*

*- Ah como te falei. Estar com pessoas que passam a mesma coisa que você, que sabem da dificuldade que é ser gorda, muito gorda, ah não sei, eu penso nisso quando você pergunta (risos). É não ficar mais lamentado, mas descobrir mesmo uma coisa boa em você (em si). Eu tenho o mesmo corpo de antes, mas alguma coisa mudou, e às vezes eu penso nisso e fico bolada (pensativa/admirada) porque nem eu entendo como é isso direito [...] é que uma coisa leva à outra, alguém te elogia, você vê as outras pessoas como você serem amadas, elogiadas, aí você elogia também, e as coisas vão tomando um rumo, um jeito, que uma hora você entende que vale a pena estar bem, do modo que você é. Que está tudo bem mesmo, e isso é de verdade.*

*(Conversa com Sandra, 32 anos, áudios do WhatsApp em conversas privadas).*

A fala da interlocutora está composta de uma série de gestos com o corpo gordo que se acomodam bem nos argumentos de Agamben (2007)<sup>54</sup>, no sentido em que marcam a retomada de prazeres 'ilegítimos' com este corpo 'impróprio'. Isso recupera diversas

<sup>54</sup> Por profanação, se entende o ato que restitui o sagrado ao domínio dos homens. Nesse sentido, o autor define os modos profundos de viver o capitalismo como religião, que separa dos homens tudo aquilo que este (capitalismo) captura como sagrado para si, incluindo o corpo e seus usos.

possibilidades de uso, tornando-os meios e lugar por onde, e para os quais, aprende-se sentidos alternativos, ou como prefiro, sentidos proibidos.

O elemento disruptivo da norma, no caso analisado, figura no próprio corpo desviante como objeto erotizável. No grupo de gordinhas, o erotismo habita o improvável. Restitui, assim, usos também improváveis, que profanam a noção de erótico e do que é erotizável. Para o autor, profanação sugere exatamente essa inversão, reordenação e refundação da linguagem e da experiência, como pode-se notar através da dança do ventre como escolha de atividade física, dado como esta valoriza os corpos que balançam. Ou no modo como se percebe o corpo em atividade laboral aprendendo, ao mesmo tempo, o plantio e a sua capacidade de plantar, de executar tal trabalho. E, porque não, no modo como agencia seus cuidados em saúde, numa espécie de antropofagia das prescrições médicas, haja vista que estas estão contidas, imbricadas, e são digeridas e absorvidas com as experiências que estes corpos assimilam para além de tais prescrições.

Agamben e Assmann (2007) nos lembram da criança que se põe a brincar de carros e aviões, mas que destituem tantas vezes estes dos seus significados sacralizados, podendo com eles fazer atiradores, paredes, obstáculos e etc., restituindo ou atribuindo diante das possibilidades exploradas novos significados. Ou ainda o gato que brinca e persegue o novelo de lã como se fosse o rato. As imagens do autor trazem à luz isto que ele denomina profanação dos objetos na sua ressignificação por usos não prescritos ou além dos prescritos. Do mesmo modo, esses mecanismos parecem estar envolvidos na ressignificação dos corpos das gordinhas, por exemplo, ao que se refere a tal ‘bolação’ da interlocutora, quando esta passa a acessar outros sentidos a um mesmo corpo, tomando outras impressões sobre os mesmos traços e curvas, favorecido pela dinâmica da exposição ‘sensualizada’ e dos elogios. Isto é o que parece tensionar ou desativar os dispositivos do poder normatizador, quer dizer, aqueles que constroem a norma e tem habilitado ou desabilitado os variados tipos de corpos para variados usos.

Ainda que o dispositivo erótico refira toda essa potência na interação das gordinhas, não se deve perder de vista que ele próprio, a *ars* erótica, pode ser capturada e banalizada, reduzindo suas capacidades de crítica e de quebra de interditos. Assim como ocorre na mídia de massa e principalmente na pornografia *mainstream*, espaços onde o erotismo tem sido acionado para reafirmar a norma. Sobre esse aspecto, Lorde (1984) descreve preocupações equivalentes, porém vai além, e discute e defende que a diversidade dos usos do erótico como forma de tensionar suas próprias fronteiras. Irruptivo da norma por excelência, para o erótico não cabe à cômodo a hipótese repressiva, visto que ao contrário do sexo, este não foi

enlaçado por amplas malhas discursivas. Talvez por isso, a modernidade o tenha reprimido na pornografia, instaurando excessiva cautela ou um medo das formas de feminino em que o erótico é constructo. Portanto, suas diversas formas de acionamento e mediação remetem a corpos menos acuados, ao oposto, indóceis, mais livres em certo sentido e domínio das experiências.

O erótico potencializa o corpo e seus movimentos, sem desmentir sua correta aparência. Ele registra e revela sentimentos, partes do próprio corpo, e modos de ser compreendidos como interditos, dos quais normalmente se tem vergonha (Bataille, 1987, p. 24–25). Com essas acepções, a dimensão erótica parece privilegiar, através de um uso particular, o reposicionamento dos corpos gordos observados nesse trabalho, numa arena de permanente disputa entre ser ou não ser em seus sentidos mais amplos, com poder de emergir em acordo com (Lorde, 1984) um feminino poderoso ou um poder do feminino, crucial para produção de identidades e afirmação social.

Essas linhas mais retóricas ajudam a localizar o corpo gordo feminino em sua materialidade e circunstância social como um objeto de disputa acerca de usos normativos e aqueles menos orientados pela norma. O dispositivo erótico assume centralidade nos modos como será experimentado, podendo produzir outros sentidos e significados.

No caso do grupo Gordinha, mulher bonita, deve ser considerado ainda que quem habita o corpo gordo são mulheres de camadas populares, situadas de certa maneira abaixo do alcance dos hábitos e da moralidade burguesa, que, cultivada pelos extratos médios, prescreve certos usos do corpo, cerceados por uma coleção de interditos (Elias, 1994), e por meio dos quais emergem seus significados. Para minhas interlocutoras, o corpo constituído aristocraticamente, magro, branco e flexível (Santos, 2008), não parece impressionar ou se mostrar acessível. Se o desejo por tal corpo foi ‘democratizado’ pela mídia e pela sociedade de consumo, ainda assim, não faz sentido para elas desejá-lo. As gordinhas do grupo experimentam, no seu cotidiano, outras sensações e percepções dos corpos. Isto subjaz o erotismo explorado, torna-se *cine qua non* para os modos de sua apropriação, usos e significação desses corpos, ao que operam outras moralidades, mais afastadas da moral burguesa, cujo controle das pulsões se organiza em torno de outros valores.

## 5.2 Relações de poder: um olhar sobre as relações heterossexuais

- *Satisfação! Prazer jamais.*

A frase em epígrafe foi como uma de minhas interlocutoras apresentou-se para mim na resenha do Parque de Madureira. O tom jocoso criou proximidade, e também enunciou um alerta sobre sua preferência heterossexual, confirmada pelo que ela acrescentou na sequência: *'Não que eu tenha algo contra quem tenha esse prazer, mas, no meu caso, é só satisfação mesmo.'*

Tal preferência não destoa do comportamento geral do grupo e das convenções que pautam os diferentes âmbitos investigados nesta pesquisa. Ao contrário, compõe e reafirma o observado com relação à exposição das mulheres em busca do elogio masculino no Facebook, e ao cortejo a que se oferecem, e também desejam, na resenha.

Tais características da interação consignam peso na participação masculina no decorrer do processo de conquista de autonomia dessas mulheres em relação à gestão de seus corpos. A suspeita de certa passividade por parte das mulheres que se orientam heterossexualmente e parecem estar à espera dos elogios e da aprovação masculina constituiu, contudo, ponto de conflito (de ordem teórica e analítica) com os modos de emancipação que em regra, prescrevem os discursos feministas, que constitui expressamente o sujeito do feminismo livre da sujeição masculina. Nesse sentido, a dinâmica observada sugere e pode ser lida como reforço do regime político da heterossexualidade e da heteronormatividade, na sua fixação nos papéis de gênero, em que, pelas circunstâncias de dependência social e emocional, como discutem Butler (1987); Turcotte (1992); Wittig (2006), reforçar-se-iam uma série de convenções tácitas determinante para as relações de gênero e a subalternidade das mulheres envolvidas.

Estabeleceu-se por essas implicações um contrassenso à notória aceitação e vivência afirmativa dos corpos não hegemônicos, exigindo apreensão do processo de negociação de papéis e o exercício e distribuição de poder no interior dessas relações, em suas nuances e efeitos concretos. Nesse sentido, como sugere (Spivak, 2010, p. 78–79), tentei uma abordagem que acionasse mecanismos de tornar visível o que é particular em contextos específicos da subalternidade, buscando por seus valores e sentidos próprios, de modo a superar lacunas e descontinuidades analíticas.

Um primeiro aspecto é de ordem simbólica, e destaca a corpulência como objeto que viabiliza esses invisíveis. Ela opera aquilo que ensaio como meio de redistribuição de poder

nessas relações, quer dizer, este corpo como objeto das trocas na interação, e o que o acionamento do erótico tem mobilizado de ressignificação para ele, parece se estender para as relações entre gêneros. Experimento dizer que a atração e os afetos expressados publicamente por esses homens em torno de um corpo que se afasta grosseiramente daquilo que entendemos por padrão corporal e signo da feminilidade, também torna visível partes invisíveis desse masculino. Por exemplo, nos modos de interação de que se acercam esses homens em diversos momentos, seja na vaidade expressa nas fotografias e nas danças, no ato de ‘vender o passe’, ou na possibilidade dos diversos gostos e arranjos sexuais publicizados, como a proposta frequente de ‘inversão’<sup>55</sup> utilizada nas enquetes, em que se propõe ao admirador ser penetrado com brinquedos sexuais como consolos e outras formas, para a qual aceitação e recusa seguem equilibradas e pacificadas, de modo que não há explicitamente o julgamento ou a aplicação de moralidades que condenem ou invalidem essas masculinidades.



Figura 20. Enquete propondo ‘inversão’.

Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=191850438014858&set=gm.146602292563501&type=3&theater>.

Acesso em: 19 de abr.2017.

<sup>55</sup> Embora seja um termo crítico no campo dos estudos da sexualidade e carregue consigo forte estigma por se tratar de tratamento pejorativo do exercício da sexualidade gay, no presente contexto, parece não acionar essa pejora. Fixado numa lógica de sexo heterossexual penetrativo, a palavra inversão refere-se de fato a uma de mudança de posição de quem comumente é penetrado e quem penetra nesse arranjo sexual.

Esses elementos sugerem uma revisão do homem universal frequentemente vivo no imaginário ocidental, abrindo caminhos consistentes para materializar as masculinidades no plural e uma reflexão acerca dos processos sociais de constituição do masculino e das masculinidades chamadas subalternas. É importante ressaltar que, no processo de sociabilidade dos homens, a masculinidade afirma-se por meios em que, mesmo sendo um homem, um dominante, este está sujeito às hierarquias masculinas, constituindo privilégios que se exercem através das mulheres, mas também as custas de outros homens (Welzer-Lang, 2001).

Os admiradores, ou pelo menos parte deles, parecem habitar castas inferiores do modelo de masculino hegemônico. O que entra em jogo, dessa forma, é distinto de mera sujeição das mulheres, mas uma espécie de aliança em que o feminino e o masculino do patriarcado veem aparecer pela experiência novos modelos, nos quais as lutas internas das relações sociais de gênero encontram espaços para outras expressões. Gordinhas e admiradores parecem contribuir para uma mudança paradigmática através do modo como se relacionam. Isto porque as diferenças entre eles mostram-se equilibradas, em relação às diferenças que cada qual traz como ‘degeneração’ de sua própria categoria de gênero, seja o corpo ‘não’ feminino ou o gosto por esse corpo e outras coisas fora do escopo do masculino hegemônico (Connel, 2005a; 2005b).

Um segundo aspecto, de ordem sociológica, refere-se ao fato da maioria desses interlocutores se identificarem como negros, e formarem casais endógamos a raça/cor, constituindo um elemento importante para posicionar a mulher e fundamentar a ideia de redistribuição de poder no interior das relações.

Segundo Faustino (2014), numa sociedade de classes e racista, os homens negros estariam em desvantagem em relação às mulheres negras no aspecto relacional. O autor refere à masculinidade desse homem como a de um ‘criado super masculino’, ou seja, aquele que possui atributos físicos supervalorizados, mas cujas habilidades intelectuais e oportunidades econômicas são histórica e culturalmente sequestradas pelo racismo, impedindo-o de cumprir as expectativas do homem do patriarcado junto à mulher negra. Compõe esse quadro a figura da ‘amazona desertizada’, inserida precariamente no mercado de trabalho, que se assume provedora, e cuja feminilidade (a docilidade ao seu gênero) é usurpada, ficando no lugar as marcas da dureza rústica do trabalho braçal (Faustino, 2014). A esta análise, pode-se ainda agregar outros elementos atuais em trajetórias contemporâneas das camadas populares urbanas, como escolaridade e inserção econômica formal das

mulheres superior à dos homens (IBGE, 2014), que marcam no âmbito local sua autonomia, que se reflete em símbolo de poder nessas experiências, como informa o admirador no grupo do Facebook:

*Eu gosto das resenhas e dos encontros, mas não tenho frequentado porque estou desempregado. Sem dinheiro de passagem e moro longe da Feira de São Cristóvão e do Parque de Madureira, onde o pessoal gosta de marcar a resenha. Para muita gente não é problema, o pessoal racha a conta, as mulheres levam os lanches e pagam seu consumo, mas eu não gosto, sem dinheiro é muito ruim. (Entrevista com José Luiz 37 anos, nov. 2016).*

Esses papéis bem generalizados na análise de Faustino (2014) descuidam de importantes nuances da experiência de negros e negras de camadas populares, mas mantém relevância sócio histórica, como podemos notar na fala do interlocutor.

O homem negro nessa díade relacional carrega uma masculinidade cujo status não é retribuído por dinheiro, honra ou posição social, ferindo valores da masculinidade hegemônica (Bourdieu, 1998), mas tampouco o acesso dessas mulheres à educação, trabalho e renda, que as posicionam com mais autonomia na relação, cumprem resgatá-las ou aproximá-las do papel de gênero que socialmente é esperado. Portanto, não parece se tratar de uma busca por esses arquétipos de homem e mulher, nem exatamente de conservar a hierarquia que se instala prevista pelo modelo heterossexual hegemônico. Então, outras ferramentas parecem ser acionadas na constituição de novos femininos e masculinos, conferindo outros marcos para as relações de gênero. A virilidade que, de acordo com (Bourdieu, 1998), é acionada para garantir o status de masculino na ausência dos outros valores retributivos, aqui também parece tensionada ou questionada pela heteronorma; se inscreve de maneira particular nos usos eróticos, afetivos e sexual numa dinâmica que, ao mesmo tempo, valida um corpo ‘não’ feminino e um homem não provedor.

Sem negar, portanto, a assimetria de gênero inerente, digo que a mesma está tensionada pelo que figuram possibilidades de trocas e resignificação dadas pelo desejo e deleite do corpo gordo, e pela autonomia feminina que se produz concomitantemente a uma necessidade menor de diferenciação entre os gêneros. Assim, não se trata de uma manutenção do poder masculino, tão menos de inversão de poder ou inversão hierárquica ao modo Dumontiano, como descreve Heilborn (1993) para discutir gênero. Trata do que elaboro como uma redistribuição de poder entre gêneros, ao passo que ambos se realizam autonomamente como objeto um do outro, configurando novos papéis nessas relações e, quiçá, para além delas.

### 5.2.1 ‘Com respeito’: notas sobre fetiche e consentimento

As denominadas *fat feminists*, sobretudo nos Estados Unidos e no Reino Unido, têm debatido a questão do reforço da assimetria de gênero nas relações entre gordinhas e admiradores desde os anos 1990. Esse movimento desenvolveu uma apreensão a respeito de uma dependência que venha a prevenir o desenvolvimento de uma consciência das próprias mulheres por si só (Wann, 1998). Em outras palavras, seria como se os admiradores estivessem mais habilitados para lidar com a gordura das mulheres do que elas mesmas – e em melhor posição para protegê-las do ódio ou da pena social. Para a autora, e para a corrente que ela representa dentro do *fat feminism*, relações organizadas dessa forma reforçam a assimetria de gênero, colocando mulheres já estigmatizadas em uma condição ainda mais vulnerável e dependente.

Por sua vez, Cooper (1998), *queer fat feminist* (como ela se define), não desconsidera as preocupações de Wann (1998), e concorda que, em uma cultura na qual a independência das mulheres é considerada ameaçadora, e pelo modo como elas experimentam pressões sociais para encontrar marido ou parceiro, as mulheres gordas, por suas dificuldades para se enquadrar no modelo hegemônico, teriam menos oportunidades para expressar suas próprias necessidades e desejos de relacionamento, tornando-se mais frágeis. Assim, a sociabilidade com seus admiradores poderia se mostrar como a ‘única opção’, gerando desse modo vulnerabilidades, desigualdade, abuso e dependência. Entretanto, a partir de uma abordagem pós-estruturalista das relações de gênero, a autora faz ressalvas quanto à objetificação do corpo gordo e à agência das mulheres.

O ponto central do debate aberto por essas autoras, de modo militante, é a percepção do corpo gordo feminino como objeto do fetiche dos homens – posicionamento que ergueria um certo protecionismo perante o fetiche como uma ação violadora (Wann, 1998). Entretanto, há de se reconhecer, por outro lado, que a violação dos corpos femininos – gordos – não está circunscrita à sociabilidade entre gordas e admiradores. Seria imprudente negá-las em outros âmbitos de relações heterossexuais. A supervalorização das violações que podem ocorrer entre gordinhas e admiradores pode deixar escapar seus incontestáveis efeitos sobre a autonomia das mulheres e a valorização dos seus corpos (Cooper, 1998b, p. 182–185). A autora discute que é preciso ultrapassar a camada que sugere que todo relacionamento entre mulheres gordas e seus admiradores seja abusivo. Ela discute com mais profundidade o peso da aparência gorda como ‘substância em suspeita’, essa ideia de vítima a priori, para a qual qualquer interesse organizar-se-ia em torno da piedade ou abuso.

Sem desqualificar essas relações e associações pejorativas e abusivas com a gordura, a autora propõe um passo além, e chama atenção para o fetiche com o corpo gordo e os modos de consentimento ao fetiche. Para a autora, o desequilíbrio nesse binômio é o que pode abrir espaço para a desumanização dessas mulheres.

A equação ‘fetiche x consentimento’ de Cooper oferece uma perspectiva interessante, por não subtrair a agência e desejos, para se permitir explorá-los destacando, como questão sociológica, as condições e regulação dos limites dos corpos. Nos termos de Díaz-Benitez (2015), o desequilíbrio nessa equação gera o que a autora denomina de ‘fissuras’, que consistem na ruptura de limites estabelecidos, através da qual se produz o escárnio sobre determinados indivíduos. Em determinados contextos e relações, que a autora observa no universo da pornografia, é apenas através desse escárnio que o fetiche se realiza, em que a fruição erótica a ser atingida depende, em grande medida, da verossimilhança da cena. O rompimento da fronteira entre a encenação do real e o real, quer dizer, a vivência concreta de sofrimento por parte do indivíduo, geralmente de gênero feminino, sujeito a escárnio físico ou moral, indicaria a passagem do fetiche para o abuso.

Não se trata, entretanto, de reconhecer esse perigo para cercear vivências e possibilidades de relação em nome de um protecionismo moral, nem da condenação de qualquer desejo mediado por fetiches; mas de atentar para a capacidade de preservar determinadas fronteiras e de negociar o fetiche e os usos dos corpos, como salienta Gregori (2008, 2015).

As interações no grupo de gordinhas englobam a fetichização, possível nessas relações entendidas como hipererotizadas e hiperssexualizadas, como também sua romantização, como vimos no caso do casal da resenha, em que o admirador tinha expectativas de casamento, ou em tantas outras demonstrações que observei, nesse sentido, de mais afeto e menos lascívia. Estas performances variadas e não excludentes compõem um repertório disponível para todas as mulheres, e também para as gordas desta pesquisa. Elas podem explorar esses universos na construção de suas identidades sexuais, da sua corporalidade, da sua feminilidade e das suas relações de gênero. Contudo, não interessa menos à sociologia dessas construções o caráter e condições do contrato acerca do que é vedado nessas relações, por se entender abusivo, com conseqüente extirpação do sujeito de sua humanidade (Cooper, 1998b; Gregori, 2015).

Relembro aqui um assunto tratado na seção 3.2 acima, sobre as enquetes do grupo do Facebook. Há diversas advertências que, por meio de expressões como ‘respeito’, ‘brincar com respeito’, ‘sem gracinhas’, sugerem uma atenção aos limites individuais colocados pela

pessoa sobre seu corpo e modo como ela deseja que a interação seja conduzida. Os infratores a tais advertências estão sujeitos a banimento do grupo. Tais expressões corriqueiras parecem funcionar como o dispositivo de controle do fetiche, estabelecendo limites a este. A preservação de fronteiras nessas interações é um ponto que merece atenção, pois localiza questões caras ao feminismo sobre autonomia e empoderamento das mulheres, que repercutem no âmbito mais amplo que o da plástica corporal.

### 5.2.2 Feminino e masculino: fronteiras em movimento em territórios ambíguos

Ao mesmo tempo que a interação entre gordinhas e admiradores valoriza a corporalidade gorda feminina, colocando em tensão padrões corporais e de comportamento, os mecanismos acionados nesse processo têm, por vezes, reforçado estereótipos raciais, tanto para os homens como para as mulheres. Diversas vezes durante meu convívio *on- e off-line* com o grupo, pude notar determinadas construções em torno da corporalidade gorda, como exemplo, a ideia do par perfeito encarnado pelo pênis GG e a gordinha GG, ligada à supervalorização dos atributos físicos e sexuais de pessoas negras. Embora essa ideia frequentemente acabe se dissolvendo no correr das interações, seja pela primazia da performance sobre o biotipo nas discussões das enquetes, ou na imprecisão na definição do que seria exatamente uma gordinha GG, é curiosa a representação metafórica do homem ideal como animal predador, estilizada na categoria classificatória do ‘lobo’, eleita para a descrição de homens negros e fortes. Para Faustino (2014), como para Ceccheto (2013) e Moutinho (2016), é a partir da reificação racializada da corporalidade que se afirma a masculinidade e se manifesta a agência do homem negro. O grupo não parece quebrar esse paradigma, mas reanimá-lo, de certo modo, em um contexto de aparente transgressão.

No caso das mulheres, gordura e raça confundem-se na sua intersecção enquanto marcadores na construção da feminilidade a partir da corporalidade. É comum a ideia de uma mulher ‘que aguenta tudo’, seja tratando das questões familiares, de trabalho ou ainda sexuais. Essa ideia é construída através da combinação de ambos os marcadores; o fato dessa mulher idealizada ser gorda e negra. A sobreposição desses dois atributos distintivos constitui para essas mulheres de classe popular um lugar de valor (‘toda poderosa’) e de vulnerabilidade (que já sofreu e ainda pode sofrer abuso).

Adicionalmente, em relação à idade, um corpo gordo, feminino e velho vale menos que um corpo gordo, feminino e novo. Enquanto para os homens mais velhos, independente de serem gordos ou não, são preteridos em relação aos mais jovens. Uma mulher, embora

velha, pode estar ‘bem conservada’ – ela pode ser uma ‘coroa gostosa’. É obvio que os padrões de ‘gostosa’ do grupo divergem dos hegemônicos, mas essa compreensão comporta um investimento ou cuidado maior com pele, cabelo, maquiagem e vestuário. Além disso, recusa-se a flacidez adquirida com a idade, normalmente marcada, no caso do corpo gordo, pela ‘barriga avental’.

Assim, no território da valorização das corporalidades gordas, toda uma série de outros estereótipos e normas são reproduzidos e reforçados. Contudo, é inegável a construção de um sistema de valor ‘local’ acerca do que se entende por um ‘bom corpo’ e predicados do gênero. Ainda nessa reprodução e reforço, bem como na ambivalência das normas de aparência física, certas fronteiras são atravessadas; o que permite desconstruir vícios do pensamento ocidental que operam nas validações de bom e mau corpo, assim como masculino e feminino, exigindo da analista um olhar atento sobre variantes dos símbolos e as linguagens (Scott, Klanovicz e Funck, 2005). Haveria, nesse sentido, no grupo de gordinhas e admiradores, um deslocamento das expectativas acerca da performance de gênero no que diz respeito à plástica corporal; um movimento que alargaria as fronteiras da feminilidade. Articulado a isso, levando em conta a dimensão relacional desse processo, masculinidades menos diferenciadas ou aproximadas do feminino (conforme discutido acima), também encontrariam seu lugar nessas interações. Do ponto de vista das vivências e relações de gordinhas e admiradores, ambivalências, mais que problemas a serem resolvidos, constituiriam uma arena de disputas, ou ainda, um espaço de refúgio de dissidências que, não obstante, não entram em necessário conflito com a norma.

A combinação do macho negro estereotipado, o ‘lobo’, com a mulher negra ‘poderosa’, ‘muita coisa’, ‘que aguenta tudo’, está também requisitada nas raras vezes em que se comentou a possibilidade de arranjo de um trio sexual configurado por dois homens e uma mulher gorda. As falas explicaram o sentido desse arranjo pela necessidade de ser ‘muito macho’ para ‘pegar’ uma gordinha. Curiosa especulação, provinda de homens que reivindicam sua ‘macheza’ e reificam sua masculinidade através de estereótipos corporais e de certo exercício de virilidade. Tão poderosas, tanta coisa, são essas mulheres, que requerem a aliança de dois para equiparar uma; e tão sólida a construção de masculinidade destes, que conjura o risco de feminização que a intimidade sexual com outro homem supõe?

Em qualquer caso, há avenidas de experimentação abertas e suas nuances, ambivalências e ambiguidades merecem atenção; tanto pela sua capacidade de reificação da norma quanto, sobretudo, pelo potencial de alargamento das fronteiras e variantes na

construção e feminilidades e masculinidades. Os códigos e linguagens desenvolvidos nesses experimentos constituem, sem dúvida, um campo fértil para a pesquisa.

### 5.3 Bom corpo, mau corpo: a corporalidade gorda

Encerro buscando refletir sobre o lugar que o corpo gordo tem ocupado atualmente na sociedade brasileira. Considero que, se por um lado, ele é naturalizado como um corpo doente e risco para diversos estados mórbidos, além de feio e inapto para uma série de atividades, por outro lado, o presente estudo tange certas franjas das convenções sociais, sobretudo por revelá-lo capaz no exercício de sua sexualidade, colocando sob suspeita o regime de verdade que o tem definido como de baixo valor.

Pode-se dizer que, nas experiências entre gordinhas e admiradores, sobressaem as categorias corpo e sexualidade, que, através de usos particulares, movimentam a fronteira entre ‘válido ou inválido’, ‘bom e mau’, produzindo sentidos para o corpo gordo feminino, individual e coletivamente. Essas categorias tornam-se centrais para esta análise, por constituírem-se aspectos fundamentais da pessoa moderna, por onde operam dispositivos reguladores do comportamento, da sexualidade e da própria corporalidade (Elias, 1994); (Foucault, 2001, 2008), numa espécie de simbiose, pelo que se realizam uma pela outra, e no modo como movimentações, tanto de uma como de outra, podem perturbar a normalidade operada por seus dispositivos.

Oportunamente aciono o construto analítico do clássico ensaio sobre política da sexualidade, em que Gayle Rubin (1984) teoriza acerca da constituição de um bom sexo e mau sexo, e estendo a análise aos objetos pelos quais se realiza a sexualidade. Esse ensaio aborda expressões não hegemônicas da sexualidade humana numa sociedade conservadora, e organiza o universo moral que circunda as diversas expressões da sexualidade em torno de uma polaridade entre o dito ‘bom sexo’ (formas heterossexuais e procriativas) e o ‘mau sexo’ (expressões que progressivamente se afastam dessa normativa). São caras para a presente análise, contudo, as considerações nele admitidas acerca das fronteiras entre um e outro (entre o bom e mau), e modo como essas movimentam-se, resultantes de processos políticos, lutas por direitos, e mudanças na sociedade, que levam alguns comportamentos próximos da borda a atravessarem (sob certas condições) a fronteira, para assumir *status* de normalidade. É o exemplo dos casamentos gays monogâmicos, considerados hoje, em grande medida em regimes liberais, uma variação sexual aceitável.

Retomo, assim, as ideias do próprio corpo como meio e objeto da realização da sexualidade, configurando como ‘bom’ aqueles prescritos na norma, e por quais estão significados o belo, o erótico e o que se entende como apto e desejado para o próprio ato sexual; e como ‘mau’, o inverso disso, e que consta socialmente marcado, ao que dou ênfase nessa dissertação, pelos corpos gordos e às vezes muito gordos. Questiono, nesse sentido: que mudanças sociais poderiam favorecer essas experiências e movimentar as fronteiras entre ‘bom’ e ‘mau’ corpo, ou a travessia de certos tipos na construção de um senso, mesmo que local, de normalidade? Que condições estão conjugadas nessas movimentações, ambiguidades e tensões em relação ao que se entende normativo?

Considero, de antemão, o fenômeno observado no campo desta pesquisa – a sociabilidade de gordinhas e admiradores –, e o fluxo particular de corpos gordos que ele favorece, como um microcosmos de um fenômeno social maior da emergência de corpos gordos, a chamada Transição Nutricional. Esta se caracteriza em termos gerais pela passagem do estado nutricional de parte considerável da população, de desnutrição para obesidade, e esse contexto de ‘engordamento’ populacional parece também meio pelo qual ascende o marco para a experiência e compreensão de novos sentidos – talvez novas gramáticas – com relação ao tamanho corporal, nas quais direta ou indiretamente, minhas interlocutoras e interlocutores estão reflexivamente engajados.

As associações com Transição Nutricional vão além da qualidade de gorda que essas mulheres possuem, mas montam-se no fato de sobreporem a esse aspecto classe social específica (média baixa e pobres – o que tenho assumido como camadas populares), e raça e etnia (definida como negra, pelo modo que as próprias interlocutoras em maioria se apresentam). Essas mulheres negras, pertencentes às camadas populares, compõem parcela da população que protagoniza as mais importantes mudanças de hábitos e estilo de vida da última década no Brasil, estruturando as bases do que as produções médicas epidemiológicas classificam como Transição Nutricional, compondo ainda o quadro compreendido como epidemia da obesidade.

O que busco argumentar observa duas vias complementares entre si; em primeiro que, exatamente a partir da Transição Nutricional, um número expressivo de pessoas passou a reconhecer seus corpos como gordos, afinal, hoje esse corpo é mais do que imaginamos ou estudamos, é o que vemos e nos tornamos em termos populacionais. Em segundo, e atenta aos aspectos clínicos referidos a esse estado corporal, chamo atenção para o que se sente além do seu efeito mortificante, quando o estigma se apresenta também como desafio e permite identificar tabus, constituindo formas coletivas de derrubá-los.

Nesse sentido, parece haver uma concessão em torno do que se passa a reconhecer como um mercado próspero, falo da moda e nicho *plus size*, ou seja, parece essa forma passiva dentro de certas condições, como a manutenção das proporções corporais, atravessar a fronteira de mau para bom/aceitável. Já os grupos de gordinhas e admiradores, neste mesmo cenário, no qual cada vez mais os sujeitos vêm-se, tornam-se e sentem-se gordos, constitui-se um lugar privilegiado para a experiência gorda, por servir para a experimentação com diferentes níveis de intimidade, usos, descobertas e modos de sociabilidade<sup>56</sup>, colocando-se como meio pelo qual tais tabus entram em questão. Na conjuntura de mudança da corporalidade da população, o ‘mau’ corpo segregado pelo dispositivo biomédico encontra a porosidade própria do poder que o regula, mostrando que em especial na experiência de mulheres de camadas populares, explorar as potências desse corpo, descobrir e testar seus limites pode fazer mais sentido que combater doença. Nesse caso, sua agência, paradoxalmente, seria a de não buscar por um corpo padrão, mas desfrutar do corpo de que se dispõe, em sua normatividade vital (Canguilhem, 2011)<sup>57</sup>.

Diferentemente do que parece ocorrer com as modelos *plus size*, as interações entre gordinhas e admiradores não se enquadram num esquema de concessões para benefício de certas benignidades, como discute Claude Fischler (1995) acerca das diferentes compreensões sociais para a corporalidade gorda masculina na França. O autor considera que a gordura para esses indivíduos é capitalizada e percebida com base naquilo que o gordo pode restituir à coletividade, como se tivesse de pagar um pedágio por ser gordo; seja a força física do trabalhador, do lutador e do atleta, ou ainda, o espetáculo e a zombaria. Lugar que Goffman (1998) define como do desviante integrado, cujo esforço em não sofrer a rejeição social dá-se em função do papel ambivalente que cabe ao estigmatizado ocupar, ora sendo integrante legítimo da sociedade, ora sendo o alvo que garante sua integração.

---

<sup>56</sup> Além desses grupos, a internet tem cumprido papel importante ao congregar, garantir e também promover, para além dela, variadas formas de expressão e valorização da corporalidade gorda, como coletivos antigordofobia, artes gordas, termo que refere a movimentos artísticos de valorização da plástica corporal gorda, coletivos *fat feminist* e *fat feminist queer*, especialmente, nos Estados Unidos e países do Reino Unido, além do mercado *plus size*, que, de forma a compor o discurso da diversidade, tem incluído certos tipos de formas e tamanhos femininos.

<sup>57</sup> O filósofo Georges Canguilhem reflete, em função da passividade dos organismos frente ao seu meio, sobre o conceito de patologia e normalidade. Muito se buscou, ainda no século XIX, afirmar uma identidade entre os fenômenos fisiológicos e patológicos, de forma que, naquela época, essa tese era tomada como um dogma (CANGUILHEM, 2014, p. 12). Identidade no sentido de que fisiologia e patologia não variam em natureza ou qualidade, mas tão somente em grau, permanecendo, desta forma, os mesmos modos orgânicos em ambos os casos sem que nada de novo se apresente ao médico clínico. Assim, defendia-se que os fenômenos patológicos nada teriam de original, no sentido de que eram, muito antes, fenômenos fisiológicos aumentados ou diminuídos, a exemplo dos meros desvios de uma média fisiológica da glicemia (CANGUILHEM, 2014, p. 102). Isto significa dizer que os estados fisiológicos e patológicos persistem em uma continuidade homogênea, sem haver razão vital para classificá-los como normais ou patológicos.

Na sociabilidade entre gordinhas e admiradores, porém, o sujeito gordo não parece tributário deste pedágio. Embora trate-se de corpos notoriamente desviantes, suas portadoras não estão submetidas ao escárnio no grupo, ou mesmo parecem ter de cumprir com alguma das expectativas montadas sobre os homens que Fischler analisa, para uma sociedade em que acumulação é rechaçada, e o corpo gordo é significado também nessa perspectiva. Quer dizer, a integração das gordinhas e o que elas têm produzido na ocupação de espaços sociais mistos, como o Parque de Madureira ou outras localidades em que circulam afirmando esses corpos, não é mediada pelo acionamento ou apagamento estratégico do estigma da gordura, tampouco por formas similares de restituição social como discute o autor. Pelo contrário, elas têm acesso a uma série de mecanismos de proteção no interior do grupo que parece assegurá-las além de suas fronteiras. Através dos usos que fazem de seus corpos na relação com reconhecimento e valorização, é que esses acessam e vêm conjurando um novo lugar, outro status, mais que uma concessão frágil à certa benignidade temporária.

Todavia, a experiência com o corpo ‘mau’ (o feminino e gordo), numa prática ‘má’ (a erotização fetichizada), afirma-se como garantidora de tais deslocamentos compreensivos para essas formas e tamanhos corporais. Se, no contexto geral, esses são doentes distanciando-se das formas erotizáveis, sendo construídas, por um lado, como algo condenável, da ordem do ‘bizarro’ ou ‘doentio’; do outro lado, há uma série de valores positivos atribuídos a esses corpos gordos (que não se restringem ao contexto observado), postos na sua mesma capacidade de mostrar-se, sensualizar-se, ser erótico e sexual.

Debert e Ferrari (2013) discutem sobre fazer sexo na velhice, ressaltando que tal capacidade estaria ligada ao que se entende por vida saudável, bem-estar e saúde. Num contexto de corpos ‘falidos’ ou em risco de falecer pela velhice, a prática sexual está compreendida como sinal de ‘mais saúde’. Argumento em favor da aproximação desta tese para os corpos ‘falidos’ pela gordura, como se essa prática combatesse a ideia de morbidade que os persegue. Pelo menos, assim tem sido enaltecida nos grupos de gordinhas e admiradores, como elemento irruptivo, que favorece a quebra de certos tabus, como da sua assexualidade, que cai juntamente com a noção da falta de vigor, de disposição e de força, todas importantes na elaboração do que se entende por corpo saudável.

Ao contrário do que Cooper (1998), Wann (1998) e eu mesma observamos em movimentos de aceitação do corpo gordo ou antigordofobia, o grupo Gordinha, mulher bonita parece extrapolar tal noção. Não há uma pauta organizada em torno de direitos em saúde, ou direitos civis em amplo espectro, nem a luta contra a gordofobia. O grupo busca por sentir e experimentar o corpo gordo, trocar experiências e afetos, ainda que localizado

em uma arena de grandes confusões. Muitas vezes reproduzem aspectos normativos, como a hierarquização interna dos tipos corporais, que, apesar de velada e encoberta por um discurso organizado em torno da proteção, se materializa na exclusão de certos tipos do mercado sexual, como ocorre com mulheres muito gordas e velhas, e homens gordos e brancos. Além desse aspecto, não se trata de uma arena onde os sujeitos assumam-se doentes nem saudáveis; algumas falas de interlocutoras ao longo dessa dissertação constroem esses corpos como o palco de uma luta equilibrada entre saber-se doente, pelo que prega o discurso hegemônico, e sentir-se bem, sendo assombradas pelas ideias de doenças silenciosas e risco de doenças futuras, ainda que esse futuro seja algo esperado desde a infância para muitas delas. Desse modo, não interessa concluir sobre o espetacular *status* de saudável dessa ou daquela mulher gorda, ou mesmo de nenhuma delas, mas exatamente demonstrar, a partir do que revela a experiência de gordinhas, as tensões na norma e o que essas interações têm produzido de concreto acerca de suas capacidades e potencialidades, haja visto que esses corpos não hegemônicos, nas suas experiências, podem ser pensados como um processo constante, numa prática de atribuição simbólica e discursiva das pessoas, que infere sistematicamente na produção das corporalidades. Propõe pensar a experiência assignada como contestação, um lugar onde as subjetividades encontram o conflito e se colocam menos assujeitadas.

O corpo gordo é terreno fértil, ao que podemos verificar, porém, segue ameaçando com poluição da fronteira, não se sabe bom ou mau, saudável ou doente, traz consigo o conflito entre a norma e a desordem, simbolizando tanto o prazer quanto o perigo, nos termos de Douglas (1990). Talvez a tarefa para ciência e sociedade seja reconhecer o valor das experiências de gordinhas, como tantas outras que proliferam nessa segunda década do século XXI; como *coletivos antigordofobia*, *artes gordas*, *coletivos fat feminist e fat feminist queer*, além do mercado *plus size*, (no qual formas e tamanhos femininos volumosos, grandes e gordos têm sido incluídos), e refletir sobre os mecanismos que tem afastado pessoas gordas, nesses contextos, da moral fundada no binômio belo/saudável, que as condena a priori. Penetrar essa confusão, essa desordem, é esforçar-se para compreender o que dela emerge, como no presente estudo, que parece apontar para construções acerca da diversidade corporal, num percurso em que o diferente/diferença (gorda) assume centralidade, no percurso das interseccionalidades que se montam, em que o resultado palpável da observação acerca-se da maior circulação, valorização, afirmação, reconhecimento e validação de corpos gordos femininos, diluindo ou apontando em direção a ampliação de um espectro corporal no qual saúde e doença podem igualmente se realizar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo constitui-se como alvo de regulação para peso tamanho ao longo da história ocidental moderna, e mesmo antes dela. Anteriormente condenado explicitamente por um gosto estético particular e uma moral religiosa, passa no século XIX através de sua apropriação pela medicina a incorporar a noção de excesso, e esse como mal (Rigo e Santolin, 2012; Santolin e Rigo, 2015). Nesse momento da história, ao corpo gordo, nas malhas finas do discurso médico é conferida a ‘anormalidade’ como verdade científica, ao modo como são requeridas as verdades sobre a vida desde então (Rose, 2013). Contudo, é nas sociedades contemporâneas que tal discurso emerge com maior veemência, pelo modo como conclama-se um combate e/ou enfrentamento dessa corporalidade, especialmente sustentados por pesquisas da clínica médica, que reconhecem tal condição corporal como a doença crônica da obesidade (Jutel, 2006), e também da epidemiologia, que tem identificado os riscos associados à esta doença, além do aumento populacional de gordos.

Como nutricionista da atenção básica, trabalhei atendendo tal demanda de saúde pública. Operava na redução do peso de mulheres das camadas populares na cidade do Rio de Janeiro, com relativo sucesso, até em que dado momento, após perda de algumas medidas e peso, estas, recusavam-se continuar a emagrecer para atingir o ‘peso ideal’. Entregavam pistas de como o corpo gordo poderia assumir distintos valores em distintos contextos.

Dois anos mais tarde assumi a gestão da descentralização do Sistema de Segurança Alimentar e Nutricional no Estado do Rio de Janeiro, e embora tratasse de uma política ampla, atenta a produção, distribuição e aquisição de alimentos, toda ela era assombrada por um mal contemporâneo na nossa sociedade, entendido por epidemia da obesidade, resultante da Transição Nutricional.

É verdade que os esforços dessas pesquisas e políticas têm elencado aspectos relacionados ao aprofundamento do capitalismo e industrialização, que afetam o estilo de vida, incluindo a alimentação e o nível de atividade física (Jaime e Santos, 2014). Constitui, portanto, abordagem relevante para compreender os aspectos econômicos que envolvem o sistema alimentar global e local, as iniquidades em saúde a que estão sujeitas certas populações, a relação da renda e acesso à alimentos, além dos aspectos clínicos relacionados ao corpo gordo. Mas, ao mesmo tempo, estas duas áreas de conhecimento têm oferecido as provas científicas, que fundamentam uma gama de aparatos e técnicas de correção, afora encucar um esquema de permanente vigília de si e do outro, engendrando uma sofisticada,

objetiva e subjetiva, política reguladora do tamanho e do peso corporal, corroborando para as subjetividades acerca de um modelo único de saúde e bem-estar.

As implicações sobre essas construções e subjetivações, estão em reconhecer nos atributos da magreza e musculatura esse ideal, acercando-se e reforçando, ao mesmo tempo, seu alto valor social, significado de beleza, sobretudo, para as mulheres. Numa cultura em que esbelto, feminino e belo assumem-se sinônimos, e alimentam um imaginário que apoia uma espécie de constituição de identidade nacional para e a partir das mulheres (Goldenberg, 2007, p. 17–21). Nesse nó entre ciência e sociedade, constitui-se a própria ciência como produto da cultura, que funda bases de certa racionalidade para operar o *status* normativo da plástica corporal. Provê justificativas médicas e da ordem do orgânico, clínico e experimental, pacificando o corpo magro e forte. A consequência principal impacta na falta de uma multiplicidade real de corpos que possam experimentar saúde, bem-estar e diversas sensações de que o corpo possa gozar.

Por mais complexa e cuidadosa que possam ser as abordagens clínica e epidemiológica, é preciso investigar os processos pelos quais estas parecem sofrer simplificações, que tem redundado em emagrecer. Os serviços de saúde na percepção das interlocutoras dessa pesquisa, é entendido como o agenciador incomodado com seus pesos e formas, ocupados da urgente necessidade de reduzi-los. Entretanto, no percurso dessas simplificações, tais abordagens parecem deixar escapar o cerne da questão, ao passo que as pessoas continuam a engordar, e atualmente somam 50,8% da população no país (Brasil, 2017)

Diante desse desafio que visa compreender e atuar em processos de saúde entendidos como ameaçados pelo corpo gordo, sustento que é preciso voltar o olhar, antes para a própria ciência que temos operado; nas suas abordagens, técnicas de investigação e, sobretudo, para a fixidez de uma ideia de saúde vinculada exclusivamente ao corpo magro, uma crítica, que me mobiliza. Em segundo é preciso ampliar e considerar estudos que tomam a experiência com a gordura, algo central nas definições de seus objetos, considerando que as experiências de corpos não hegemônicos podem ser pensadas como um processo constante, numa prática de atribuição simbólica e discursiva, que interfere sistematicamente na produção das corporalidades. Propõe refletir a experiência como contestação, ao passo que expõe os modos de construção social do corpo, abrindo possibilidades de mudança de paradigmas para a corporalidade gorda.

Desse modo, proponho um olhar em retrospecto para o que pudemos aprender nessa dissertação com as mulheres gordas e seus admiradores, buscando compreender esse

fenômeno em que o corpo gordo, imerso em interações em que ele é valorizado, expõe sua potência e seus limites, produz sentidos e significados próprios de suas vivências, que podem orientar o olhar da ciência e sociedade em relação aos modos como tradicionalmente o temos classificado em função na norma.

As distintas performances, das quais desfrutam gordinha e admirador, nas suas particularidades constroem e legitimam três âmbitos para expressão da corporalidade gorda feminina, que inclui as redes sociais *on-line*, Facebook e WhatsApp e as resenhas (encontros presenciais em locais públicos). A ética que subjaz esses arranjos espaciais integrados suscita um respeito aos limites estabelecidos para o corpo em cada performance, garantindo a circulação da diversidade de gordas, diversos usos, a variedade de afetos e erotismos que neles são compartilhados.

Os achados e principais análises desse estudo, elencam: os usos eróticos do corpo gordo como prática que o localizam como objeto de maior valor nessas interações, o capital dessas trocas. Recupera-se a partir daí uma noção de belo, útil e saudável, em que a valorização de seus atributos, pode desdobrar em modificações corporais e retomada dos cuidados em saúde, como produto desse processo, e não o contrário. É preciosa a atenção a esse ponto pela compreensão de como formas de abordagem e visibilidade positiva e negativa tem repercutido distintamente sobre a plástica corporal gorda, sugerindo que mudanças discursivas são necessárias, para a ciência e políticas, haja vista que estão constantemente representados como algo ruim, a ser corrigido, ou nos termos de Wooley (2016) e Cooper (1998), nas formas negativadas.

Em segundo, a circulação das imagens e o sistema de elogios tem criado um sistema de valoração e visibilidade dos corpos gordos femininos, configurando meio de aprendizado coletivo sobre esta corporalidade, seus atributos e sexualidade. Nesse processo, alargam-se as fronteiras morais da feminilidade e da masculinidade, para abarcar o corpo gordo e sensual, bem como a inclinação dos homens ante esse corpo. Esse cenário revela a importância de espaços coletivos para vivência e experiência da corporalidade gorda, e o modo como eles têm reverberado em aprendizado sobre a condição e elevação da autoestima, que sem dúvida, constitui ponto nevrálgico da afirmação dessa corporalidade como identidade, além de, uma espécie de reconciliação. Como o relato que se sugeriu título de seção neste trabalho, trata-se de um olhar que volta para o rosto de cada atriz nesse processo. De fato, as experiências nesses três âmbitos têm produzido deslocamentos importantes nas vivências íntimas e nos modos de compartilhá-las coletiva e publicamente, desafiando a indiscrição à qual o estigma da gordura condena. Inversamente, a admiração e

desfrute do corpo gordo feminino cria estilos e uma estética – que o reorienta e o localiza num ponto entre o corpo hegemônico e o bizarro, acenando que muitos outros sentidos pra diversas formas de corpo podem habitar esse espectro.

Em terceiro, as experiências observadas parecem constituir-se no enredo da transição nutricional, ao passo que a novidade da circulação dos ‘corpos que balançam’, como muitas vezes ouvi no campo, vai tornando-se comum, rompendo mitos e tabus acerca de sua invariável condição de doente, movimentando a fronteira entre as noções de bom e mau corpo, belo e feio, saudável e doente.

Por fim, esta pesquisa não esgota as questões acerca do que podem os corpos gordos de mulheres em diversas outras experiências, tampouco trata de uma ode a corporalidade gorda, e nem mesmo da defesa de que sobre ele não possam se confirmar as morbidades para que ele tem sido o candidato preferencial. Não obstante, o corpo gordo classificado como doente, inapto e incapaz, ameaçado com a poluição da fronteira, constitui na atualidade um lugar de conflito entre a norma e a desordem, desafiando compreendê-lo como prazer e perigo simultaneamente. A tarefa, talvez, seja reconhecer que saúde e doença estão disponíveis para todos os tipos de corpos, e pensar o que experiências como a das gordinhas e seus admiradores tem produzido no sentido de afastar de si padrões e uma moral que o condena a priori, urdindo para a necessidade de ampliar o leque pelo qual beleza e saúde possam ser representadas.

É urgente questionar quanto a eleição de um modelo único de corpo, e se somente ele pode abrigar as noções de utilidade, beleza, sensualidade e desejo. Parece que não, e os achados nesta pesquisa relativizam esses imperativos. Será que somente um tipo de corpo é capaz de desfrutar da boa saúde? Essa, talvez, seja a principal provocação e reflexão desta pesquisa, apontando para a construção de uma noção da diversidade corporal.

O fato é que só poderemos discutir com clareza o impacto da gordura corporal nos processos de saúde, quando seu viés estritamente medicalizador for questionado. Não se trata de erguer uma bandeira, em termos de uma apologia à “doença”, mas se não há espaço para pensar e discutir a diversidade corporal, no tocante da plasticidade, forma e tamanho, nenhum corpo será adequadamente compreendido e tratado, nem os quase magros, nem os magros, nem os gordinhos, nem os mórbidos. Em termos de valoração moral, todos fora da eutrofia (peso ideal recomendado para altura), já são feios, risco ou representam riscos, além de mórbidos, visto que essa palavra significa doente.

A valorização do corpo e das mulheres gordas, com todos seus atributos e simbolismo, nesta pesquisa, em certa medida cumpre esse papel, desenhando estilos de

sociabilidade que tensionam as concepções estruturantes da gordura corporal como categoria de pensamento e conhecimento. O estudo dessas mudanças merece toda atenção, de modo a compreender as operações do poder instituinte da regulação da plástica corporal na sociedade contemporânea, bem como o que pessoas e coletivos podem fazer com este.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G.; ASSMANN, S. J. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

AGUIAR, S. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa\*. CISECO - *Centro Internacional de Semiótica e Comunicação*, 2007.

AMARAL, A.; MONTEIRO, C. Esses roquero não curte: performance de gosto e fãs de música no Unidos Contra o Rock do Facebook1/These rockers don't like: taste as performances and music fans at Facebook fanpage United Against Rock - ProQuest. *Revista FAMECOS*, v. 20, n. 2, p. 446–471, 2013.

ANDRADE, S. DOS S. Saúde e beleza do corpo feminino - algumas representações no Brasil do século XX. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, v. 9, n. 1, p. 119–143, 7 dez. 2007.

ANZALDÚA, G. *Borderlands: the new mestiza - La frontera*. 3ªed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

BAKER, J. *Things no one will tell fat girls: a handbook of unapologetic living*. Berkeley, California: Seal Press, 2015.

BATAILLE, G. *O erotismo*. Porto Alegre: L & PM, 1987.

BAUMAN, Z.; MEDEIROS, C. A. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BONETTI, A. DE L. Etnografia, gênero e poder: Antropologia Feminista em ação. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v. 14, n. 2, p. 105–122, 15 dez. 2009.

BORDO, S.; HEYWOOD, L. *Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body*, Tenth Anniversary Edition. 2 edition ed. Berkeley, Calif.: University of California Press, 2004.

BOURDIEU, P. A distinção. Rio de Janeiro: Zouk, 2015.

\_\_\_\_\_. Conferência do Prêmio Goffman: a Dominação Masculina Revisitada. In Lins, Daniel (org.). *A Dominação Masculina. Revisitada. Campinas/SP: Papyrus*, 1998.

BRASIL, P. Brasil estabiliza taxas de sobrepeso e obesidade, 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2014/04/brasil-estabiliza-taxas-de-sobrepeso-e-obesidade>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

BUTLER, J. *Bodies that metter*. On the Discursive Limits of "sex", 1993. Malden: Blackwell Publishing, 2001. p. 1-27.

\_\_\_\_\_. *Gender Is Burning: Questions of appropriation and subversion*. Malden: Blackwell Publishing, 2001. p. 121-142.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da Identidade* - Col. Sujeito & História - 8ª ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANGUILHEM, G. *O Normal e o Patológico*. Edição: 7ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2011.

CARVALHO, J. S. F. DE; OTHERS. A teoria na prática é outra? Considerações sobre as relações entre teoria e prática em discursos educacionais. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 47, p. 307–322, 2011.

CAVALCANTE, V. A. P.; LELIS, A. G. S. Violência de gênero contemporâneo: uma nova modalidade através da pornografia da vingança. *Interfaces Científicas - Direito*, v. 4, n. 3, p. 59–68, 6 jun. 2016.

CECCHETTO, F.; MONTEIRO, S.; VARGAS, E. Sociabilidade juvenil, cor, gênero e sexualidade no Baile Charme Carioca. *Cadernos de Pesquisa*, v. 42, n. 146, p. 454–473, 2013.

CONNEL, R.W. *Masculinities*. 2ª ed. Berkeley, Calif.: Univ of California Press, 2005a.

\_\_\_\_\_. Hegemonic Masculinity: Rethinking the concept. *Gender e Society*, v.19, n 6, p. 829-859, 1 dez. 2005b.

COOPER, C. *Fat and proud: the politics of size*. London: Women's Press, 1998.

DA SILVEIRA, S. A.; BRAGA, S.; PENTEADO, C. (EDS.). *Cultura, política e ativismo nas redes digitais*. São Paulo: Perseu Abramo, 2014.

DEL PRIORE, M.; BASSANEZI, C. B. (EDS.). *História das mulheres no Brasil. São Paulo, Brazil*. Editora Contexto/Fundação Unesp, 1997.

DIAS, C. S. DA C.; BRAZIL; international labour office (eds.). *Tráfico de pessoas para fins de exploração sexual*. 1ª ed. Brasília, DF: OIT-Secretaria Internacional do Trabalho: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. O espetáculo da humilhação, fissuras e limites da sexualidade. *Mana*, v. 21, n. 1, p. 65–90, abr. 2015.

DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. Tradução Sônia Pereira Da Silva. Lisboa: 7ª ed. 1990.

DRESSLER, W. W. *et al.* Cultural consonance and adult body composition in urban Brazil. *American Journal of Human Biology*, v. 20, n. 1, p. 15–22, 1 jan. 2008.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. "O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna". In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 2130.

ELIAS, N. *O Processo Civilizador*. Tradução Ruy Jungman. Rio de Janeiro: 1ª ed. 1994.

FIGARI, C. E.; PASINI, E. Sexo com prostitutas: uma discussão sobre modelos masculinos. *In: Prazeres Dissidentes*. Edição: 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 237–262.

FISCHLER, C. O obeso benigno, obeso maligno. *In: Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69–80.

FLEGAL KM *et al.* Prevalence of obesity and trends in the distribution of body mass index among us adults, 1999-2010. *JAMA*, v. 307, n. 5, p. 491–497, 1 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. Association of all-cause mortality with overweight and obesity using standard body mass index categories: A systematic review and meta-analysis. *JAMA*, v. 309, n. 1, p. 71–82, 2 jan. 2013.

FOUCAULT, M. O dispositivo de sexualidade. *In: A história da sexualidade*. Tradução Maria Tereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 85–144.

\_\_\_\_\_. Poder-corpo. *In: Microfísica do Poder*. Edição: 28<sup>a</sup> ed. Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRAGOSO, S. Reflexões sobre a convergência midiática. *Líbero-Revista acadêmica do programa de pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero*. São Paulo, ano VIII, n. 15/16, p. 17–21, 2005.

\_\_\_\_\_. *Metodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

FRANÇA, I. L. *Consumindo Lugares, Consumindo Nos Lugares. Homossexualidade, Consumo e Subjetividades na Cidade De São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIACOMINI, S. M. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da zona norte do Rio de Janeiro, o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Rio de Janeiro: Editora UFMG; IUPERJ, 2006.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1988.

\_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petropolis: Vozes, 2004.

GOLDENBERG, M. *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2007.

GREENE, J. A. *Prescribing by numbers: drugs and the definition of disease*. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2007.

GREGORI, M. F. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. *Revista de Antropologia*, v. 51, n. 2, p. 575–606, 2008.

\_\_\_\_\_. *Prazeres perigosos: o contrato e a erotização de corpos em cenários sadomasoquistas*. Etnografica, n. vol. 19 (2), p. 247–265, 1 jun. 2015.

HORTA, N. B. *O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica*. 2015.

IBGE. IBGE | Cidades | Rio de Janeiro | Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=330455>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

JAIME, P. C.; SANTOS, L. M. P. Transição nutricional e a organização do cuidado em alimentação e nutrição na Atenção Básica em saúde. *Saúde debate*, p. 72–85, 2014.

JUTEL, A. Weighing Health: The Moral Burden of Obesity. *Social Semiotics*, v. 15, n. 2, p. 113–125, 1 ago. 2005.

\_\_\_\_\_. The emergence of overweight as a disease entity: Measuring up normality. *Social Science & Medicine*, v. 63, n. 9, p. 2268–2276, nov. 2006.

\_\_\_\_\_. Framing disease: The example of female hypoactive sexual desire disorder. *Social Science & Medicine*, v. 70, n. 7, p. 1084–1090, abr. 2010.

KIZEL, A. I Thou dialogical encounters in adolescents' WhatsApp virtual communities. *AI & Society*. Fevereiro, 2017.

KULICK, D. Pornô. *Cadernos Pagu*. Campinas: Unicamp, n. 38, p. 223–240, 2012.

LAQUEUR, T. *Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud*. Revised ed. edition ed. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1992.

LEAL GUERRERO, S. *La pampa y el chat: aphrodisia, imagen e identidad entre hombres de Buenos Aires que se buscan y encuentran mediante internet*. 1. ed. Buenos Aires: EA: IDES, Centro de Antropología Social, 2011.

LEITE JR., J. *A pornografia Bizarra em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o abuso facial*. In: *Prazeres dissidentes*. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

LINDSAY, K. INTERVIEW: Lindsay Kite on empowerment, body positivity, objectification, and the InternetFeminist Current, 29 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.feministcurrent.com/2016/03/29/interview-lindsay-kite-on-empowerment-body-positivity-and-selfies/>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

LOPES JR, A da. S. Linda, doce, fera? A construção de corporalidades políticas no Concurso de Beleza Miss T Brasil 2016. 412f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

LORDE, A. *The uses of the erotic: The erotic as power*. The lesbian and gay studies reader, p. 339–343, 1984.

LUPTON, D. *Fat*. 1 ed. Milton Park, Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge, 2012.

MAHMOOD, S. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica*, v. 10, n. 1, p. 121–158, 2006.

MELO, A. DA S. Dançando com os zulus: representações de gênero em Kwazulu-Natal, África do Sul. *Ensino & Multidisciplinaridade*, v. 1, n. 1, p. 78–103, 2015.

MOUTINHO, L.; ALVES, V.; MATEUZI, M. “Quanto Mais Você Me Nega, Mais Eu Me Reafirmo”: Visibilidade e Afetos na Cena Negra Periférica Paulistana. *Revista TOMO*, 2016.

OLIVEIRA, V. P. DE. *Repensando o rural: sob o prisma das urbanidades, em Nova Friburgo, RJ*. Primeira edição ed. Curitiba, PR: Editora CRV, 2011.

PARREIRAS, C. *Fora do armário...Dentro da tela: notas sobre avatares, (homo) sexualidade e erotismo a partir de uma comunidade virtual*. In: Prazeres dissidentes. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 343–332.

PEIRANO, M. G. S. *Análise antropológica e abordagem rituais*. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 2001. p. 17–42.

\_\_\_\_\_. *Rituais como estratégia e abordagem etnográfica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 2001b. p. 7–16.

PETROSILLO, I, R. Esse nu tem endereço - *O caráter humilhante da nudez e da sexualidade feminina em duas escolas públicas* 2016. 133f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.

RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (EDS.). *Para uma vida não fascista; [5º Colóquio Internacional Michel Foucault, Campinas, 11 a 14 de novembro de 2008]*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RECUERO, R. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RIBEIRO, V. K. A mulher gorda nua na fotografia: retratos e autorretratos de Fernanda Magalhães. *Seminário em Arte e Cultura Visual*, v. 5, 2012.

RIGO, L. C.; SANTOLIN, C. B. Combate à obesidade: uma análise da legislação brasileira. *Movimento* (ESEF/UFRGS), v. 18, n. 2, p. 279–296, 17 abr. 2012.

ROHDEN, F. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 15, p. 133–152, 2008.

ROSE, N. *A política da própria vida*. 1. ed. São Paulo: Paulus editora, 2013.

ROUQUAYROL, M. Z.; SILVA, M. G. C. DA. *Epidemiologia & saúde*. Rio de Janeiro: Medbook, 2013.

RUBIN, G. Thinking sex: Notes for a radical theory of the politics of sexuality. *Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies; A Reader*, p. 100–133, 1984.

- SAGUY, A. C. *What's Wrong with Fat?* Edição: 1 ed. Oxford University Press, 2012.
- SANTOLIN, C. B.; RIGO, L. C. O nascimento do discurso patologizante da obesidade. *Movimento*, v. 21, n. 1, p. 81–94, 2015.
- SCOTT, J. W.; KLANOVICZ, J.; FUNCK, S. B. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, p. 11–30, 2005.
- SIVORI, H.; Z, Bruno. Sexuality and the internet: Sexual rights and internet regulations association for *Progressive communications (APC)*, 2013. Acesso em: 24 jun. 2016.
- SOARES, C. L. *Imagens da educação do corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; Andre Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SUDO, N.; LUZ, M. T. Sentidos e significados do corpo: uma breve contribuição ao tema / senses and meanings of the body: a brief contribution to the theme. *CERES: Nutrição & Saúde (Título não-corrente)*, v. 5, n. 2, p. 101–112, 5 ago. 2011.
- UIT. ONU Brasil, 16 out. 2014. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/uit/>>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- VASCONCELOS, N. A. DE; SUDO, I.; SUDO, N. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v. 4, n. 1, p. 65–93, 2004.
- WANN, M. *Fat! So? Because you don't have to apologize for your size!* Berkeley, Calif: Ten Speed Press, 1998.
- WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, 2001.
- WHYTE, W. F. *Sociedade De Esquina*. Coleção Antropologia Social. Edição: 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- WITTIG, M. *El pensamiento heterosexual: y otros ensayos*. Barcelona: Ed. Egales, 2006.
- WOOLEY, D. Aberrant consumers: Selfies and fat admiration websites. *Fat Studies*. V.6. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/21604851.2017.1242356>.

## **APÊNDICE – Roteiro de entrevista em profundidade**

1. Trajetória no grupo. Quem são as gordinhas e quem são os admiradores? Explorar o processo de consolidação das identidades, mudanças na percepção corporal, a noção de carreira, a partir de relatos de história de vida, centrando no processo de entrada nesse ou em outro grupo de gordinhas e admiradores.
2. Ingresso e significado do grupo. O papel que o grupo cumpre ou ocupa na vida dos integrantes, sua importância. Colher os diferentes pontos de vista sobre as conquistas e aspectos negativos de suas convivências, buscando compreender o modo de suas agências e âmbito de negociação entre pares.
3. Explicação pessoal da diferença entre os diferentes tipos de “gordas”, bem como dos diferentes tipos de homens que interagem no grupo. Verificar a reprodução de signos normativos e como se processam tais diferenciações.
4. Explicação pessoal sobre os mecanismos utilizados para a comunicação e interação no grupo, destacando as fotos, selfies e enquetes. O que consideram desses artefatos comunicacionais e como inserem-se nesse contexto.
5. Processos de saúde. Buscar explorar limitações físicas do corpo gordo, os cuidados com saúde e as formas como as performances no grupo tem impactado sobre esse aspecto da corporalidade.
6. Buscar compreender através da voz dos integrantes do grupo o que os termos epidemia, doença e morbidade significam para eles pessoalmente. Como fundamentam-se suas compreensões.
7. Relacionamentos. Buscar compreender se os relacionamentos acontecem somente no âmbito do grupo ou além dele. Que opiniões e sentidos gordinhas e admiradores atribuem aos encontros sexuais e mais íntimos. Que negociações estão em jogo.

## ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TECLE)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “Faça amor, não faça dieta: mulheres gordas e seus admiradores em grupos de Facebook”, conduzida por **nome da pesquisadora**, responsável pela pesquisa. Este estudo tem por objetivo explorar que expressões estão sendo produzidas para o corpo de mulheres gordas em âmbitos e formas de sociabilidades onde esta seja socialmente valorizada.

Você foi selecionado (a) por sua participação no grupo “gordinhas, mulher bonita.” Que se configura como grupo na rede social *online* Facebook, estabelecido na socialização entre “gordinhas” e seus admiradores. Sua participação não é obrigatória, e a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Os riscos envolvidos na participação dessa pesquisa estão reduzidos pelo acerto das condutas éticas que a orientam. Contudo, se faz necessário esclarecer **sobre o risco de publicidade indesejada de situação que possa eventualmente identificar as pessoas envolvidas, gerando constrangimentos, mesmo que sejam mínimas as possibilidades de que isso ocorra.** A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes.

**Sua participação nesta pesquisa consistirá na interação com a pesquisadora e os demais integrantes do grupo, coletivamente ou aos pares, além de ser solicitada responder a uma entrevista que visa aprofundar a dinâmica de funcionamento do grupo, os interesses e opiniões dos seus membros sobre as relações estabelecidas em torno do gosto por este tipo de corpo e as expressões para ele possibilitadas.** Essas entrevistas serão realizadas individualmente, através de *vídeo chat* do Facebook e, também, serão salvas no formato Mp3 para consulta posterior. Estima-se a duração das entrevistas em 60 minutos. Todas serão realizadas, por mim, responsável da pesquisa.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

E como responsável pela pesquisa me comprometo a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos ou participantes.

Uma cópia deste documento lhe será enviada online, possibilitando também sua leitura individual, e caso você concorde em participar desta pesquisa, manifeste seu acordo ao fim da leitura.

Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: nome/sobrenome - Pós-graduanda em nível de mestrado.

Endereço:

Tel.:

E-mail:

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Medicina Social da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524 – sala 7.003-D, Maracanã, Rio de Janeiro, CEP 20559-900, telefone (21) 2334-0235, ramal 108. E-mail: [cep-ims@ims.uerj.br](mailto:cep-ims@ims.uerj.br)

Você compreendeu os objetivos, riscos e benefícios de sua participação na pesquisa? ( ) SIM ou ( ) NÃO. Concorda em participar? ( ) SIM ou ( ) NÃO.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Nome participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora \_\_\_\_\_

## ANEXO B – Carta de Anuência

Carta de anuência e autorização de pesquisa: aos cuidados de: Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Medicina Social da UERJ. Rua São Francisco Xavier, 524 – sala 7.003-D, Maracanã, Rio de Janeiro, CEP 20559900, telefone (21) 2334-0235, ramal 108. E-mail: cep-ims@ims.uerj.br

Dados da pesquisadora: E-mail: xxxxxxxx@gmail.com, telefone: (xx) xxxxxxxxx, Facebook:

Eu, \_\_\_\_\_, na qualidade de administrador (a) representante de grupo online na rede social Facebook do tipo “gordinhas e admiradores”, declaro anuência (permissão) para **nome da pesquisadora (o)**, na qualidade de pesquisadora do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, para realizar a pesquisa intitulada “**Título da pesquisa**” no referido grupo. Tenho ciência que tal pesquisa tem como objetivo explorar que expressões estão sendo produzidas para o corpo de mulheres gordas em âmbitos e formas de sociabilidade onde este seja socialmente valorizado. Autorizo, portanto, que a pesquisadora participe do cotidiano do grupo, observe as vivências, interações, bem como realize entrevistas com participantes (homens e mulheres), afim de saber suas opiniões, gostos e impressões sobre este tipo de corpo e as implicações da sociabilidade estabelecida. Também autorizo que análises a partir de conteúdos veiculados no grupo possam constar no relatório final da pesquisa, assim como em futuras publicações na forma de artigo científico ou outras no âmbito da comunicação acadêmica. Declaro ciência de que os dados coletados e as identidades individuais serão tratados em sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. E que tais dados serão utilizados tão somente para realização desta pesquisa. Desse modo, e de conhecimento pleno dos protocolos, autorizo a pesquisa no referido grupo.

- ( ) entendi os objetivos, condições e concordo com a solicitação  
 ( ) não concordo com a solicitação

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

(Nome do (a) administrador (a))

Administradora do grupo online rede social facebook do tipo “gordinhas e admiradores.

## **ANEXO C – Modelo de comunicação permanente/solicitação de**

### **1- Mensagem enviada pelo Messenger do Facebook.**

Saudações (na forma costumeira e coloquial do grupo)

Sou membra do grupo e realizo uma pesquisa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sobre como grupos de gordinhas tem impactado para as mulheres gordinhas. Você poderia conversar comigo um pouco pelo PV (privado ou *in box* ou Messenger) do FB? Essa conversa é sigilosa, nada que você falar será postado ou dito para outra pessoa. As informações serão reunidas em um relatório de pesquisa, em que as pessoas envolvidas receberão outro nome. Sua identidade será sempre preservada.

Qualquer dúvida você pode falar com os administradores e também comigo.

### **2-Solicitação de imagem e postagem na linha do tempo**

Saudações (na forma costumeira e coloquial do grupo)

Sou membra do grupo e realizo uma pesquisa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sobre como grupos de gordinhas tem impactado para as mulheres gordinhas. Você autoriza que eu salve essa fotografia/ postagem/ selfie/ etc. postada por você no dia .... às ...h.? Esclareço que a mesma receberá tratamento de edição para não publicizar rostos, assim como, nomes, datas e horários não serão mencionados no relatório da pesquisa. A necessidade se dá em função de ilustrar uma situação narrada no relatório.

Qualquer dúvida você pode falar com os administradores e também comigo.